

PATRÍSTICA

ORÍGENES

Homilias
sobre o Evangelho de Lucas



ORÍGENES

**HOMILIAS
SOBRE O EVANGELHO DE LUCAS**



ÍNDICE

Capa

Rosto

Apresentação

Introdução

Prólogo da tradução de São Jerônimo

Começa a homilia primeira

Homilia 1 (Lc 1,1-4)

Homilia 2 (Lc 1,6)

Homilia 3 (Lc 1,11)

Homilia 4 (Lc 1,13-17)

Homilia 5 (Lc 1,20-22)

Homilia 6 (Lc 1,24-33)

Homilia 7 (Lc 1,39-45)

Homilia 8 (Lc 1,46-51)

Homilia 9 (Lc 1,56-64)

Homilia 10 (Lc 1,67-76)

Homilia 11 (Lc 1,80-2,2)

Homilia 12 (Lc 2,8-12)

Homilia 13 (Lc 2,13-16)

Homilia 14 (Lc 2,21-24)

Homilia 15 (Lc 2,25-29)

Homilia 16 (Lc 2,33-34)

Homilia 17 (Lc 2,35-38)

Homilia 18 (Lc 2,40-49)

Homilia 19 (Lc 2,40-46)

Homilia 20 (Lc 2,49-51)

Homilia 21 (Lc 3,1-4)

Homilia 22 (Lc 3,5-8)

Homilia 23 (Lc 3,9-12)

Homilia 24 (Lc 3,16)

Homilia 25 (Lc 3,15)

Homilia 26 (Lc 3,17)

Homilia 27 (Lc 3,18-22)

Homilia 28 (Lc 3,23-28; Mt 1,1-17)

Homilia 29 (Lc 4,1-4)

Homilia 30 (Lc 4,5-8)

Homilia 31 (Lc 4,9-13)

Homilia 32 (Lc 4,14-20)

Homilia 33 (Lc 4,23-27)

Homilia 34 (Lc 10,25-37)

Homilia 35 (Lc 12,58-59)

Homilia 36 (Lc 17,33.20.21)

[Homilia 37 \(Lc 19,29-40\)](#)

[Homilia 38 \(Lc 19,41-45\)](#)

[Homilia 39 \(Lc 20,27-40; 20,21-26\)](#)

[Bibliografia](#)

[Coleção Patrística](#)

[Ficha Catalográfica](#)

[Notas](#)

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos, conhecidos tradicionalmente como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”, e suas obras. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com centenas de títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. A Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzida e preparada, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém séria.

Cada obra tem uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, das origens dela, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico, e da evolução do

pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da Antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a Antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar esse fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner e A. Stuiber, Patrologia, São Paulo, Paulus, 1988, p. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

As homilias de Orígenes sobre São Lucas que conhecemos nos foram transmitidas pela tradução latina de São Jerônimo, tendo restado do texto original grego apenas fragmentos. Nesta introdução, procuramos recompor o discurso parenético de Orígenes na referida obra, que a domina e que consiste na exortação à virtude. Pelo fato de o assunto das homilias ser o Evangelho de São Lucas, que, por si só, é essencialmente parenético, resulta que, por vezes, as referidas homilias nos cegam por tamanha evidência do gênero parenético de que se acha perpassado. No entanto, nosso esforço é o de descrição e análise, buscando um distanciamento que nos permita ver com clareza os aspectos da divindade de Cristo que a todos marca e lhe concede um lugar único na história do mundo, a partir de sua concepção virginal em Maria até suas peregrinações a Jerusalém.

Orígenes

Em primeiro lugar, cabe responder à pergunta que se faria naturalmente sobre a figura do autor das Homilias sobre São Lucas.

Orígenes, cognominado Adamâncio, o homem de aço, ou de diamante, nasceu verossimilmente em Alexandria, de uma família cristã. Recebeu do pai Leônidas uma educação particularmente profunda, grega e bíblica. Mas quando, em 202, Leônidas sofreu o martírio, durante a perseguição de Septímio Severo, os bens da família foram confiscados. Alguns meses depois, Orígenes abriu uma escola de gramática (isto é, de literatura) para poder manter a mãe e seis irmãos menores; em seguida, o bispo Demétrio lhe confiou a formação dos catecúmenos, enquanto continuava a perseguição, com as intervenções dos prefeitos do Egito.

Por algum tempo, assumiu esse duplo ensino; depois, quando a família provavelmente prescindiu de seu auxílio, deixou de ensinar a cultura profana para dedicar-se inteiramente à catequese. Impelido pelo radicalismo de sua juventude, vende então os manuscritos em seu poder por uma quantia muito pequena, parecendo esse gesto indicar uma renúncia a tudo o que não fosse conhecimento de Deus; mas as exigências apostólicas obrigaram-no a retornar àquilo que havia abandonado, e, para aprofundar seus conhecimentos filosóficos, segue os cursos de Amônio Sacas, o pai do neoplatonismo. Devota-se então a uma vida extremamente austera e, tomando ao pé da letra o passo de Mt 19,12, mutila-se.

Tendo obtido grande êxito no ensino, confia a Héraclas a catequese propriamente dita, reservando para si os alunos mais desejosos de progredir e os contatos com heréticos e pagãos. Chegado aos trinta anos de idade, começa a escrever, estimulado a isso por Ambrósio, um homem rico de Alexandria, que da heresia valentiniana fora por ele reconduzido à ortodoxia. Ambrósio fora atraído pela gnose, enquanto não

encontrava na Grande Igreja o alimento intelectual que desejava. Convertido por Orígenes, Ambrósio induzirá seu mestre a produzir aquilo que lhe faltara e porá à sua disposição meios consideráveis para poder trabalhar. Durante esse primeiro período, tendo morada habitual em Alexandria, Orígenes fez muitas viagens: a Roma, onde parece ter ouvido uma pregação de Hipólito; a Cesareia da Palestina, onde o bispo Teoctisto, como Alexandre de Jerusalém, lhe dá o encargo de pregar, apesar de leigo, provocando o protesto de Demétrio; à Arábia Romana (Jordânia), chamado pelo governador; enfim, a Antioquia, conduzido com escolta militar, por Júlia Mameia, mãe do imperador Alexandre Severo, que desejava conhecer o cristianismo.

Por volta de 231, Orígenes é convidado pelos bispos da Acaia (Grécia) a ir a Atenas discutir com grupos de heréticos. Durante a viagem, passa por Cesareia da Palestina, onde Teoctisto e Alexandre o ordenam sacerdote. De volta a Alexandria, Demétrio, irritado por esta ordenação feita sem o requisito de sua aprovação, reuniu um concílio de bispos e sacerdotes que o exila no Egito; depois, Demétrio, sustentado por alguns bispos, declara-o suspenso de ordens. Orígenes, sentido, retira-se para Cesareia, onde é bem acolhido pelos amigos palestinos e onde, como em muitas outras províncias do Oriente, não se dá nenhuma importância à sentença de Demétrio. Orígenes volta a ensinar e nós conhecemos, pelo Discurso de agradecimento, que lhe dirige um aluno – aluno que, não obstante recentes contestações, persistimos em identificar com Gregório, o Taumaturgo –, as informações referentes a seu ensino naquela cidade: um tipo de escola que é mais uma espécie de curso de estudo “missionário” para jovens pagãos simpatizantes, dado com a intenção de apresentar a versão cristã dos problemas filosóficos, sem apresentar ainda a doutrina propriamente cristã.

Orígenes prega com frequência e, de suas pregações, temos acesso a numerosas homilias. Sua atividade literária continua considerável, pois Ambrósio foi encontrar-se com ele em Cesareia, com estenógrafos e copistas. Viaja muito: a Atenas, onde inicia o *Comentário ao Cântico dos Cânticos*; ^[1] à Arábia (Jordânia), onde, durante um sínodo, reconduz à ortodoxia o bispo Berilo de Bostra e discute com um grupo de cristãos que afirmavam que a alma morre com o corpo e ressuscita com ele; a Nicomédia, onde dita a carta a Júlio Africano; à Capadócia, chamado pelo bispo Firmiliano. Talvez justamente na Arábia se realiza o pequeno concílio reunido em volta do bispo Heráclides; desse concílio foram descobertas, em 1941, as atas em Tura, no Egito.

A perseguição de Décio, em 250, põe bruscamente fim a essa atividade caudalosa e multiforme; preso e torturado, Orígenes proclama corajosamente sua fé. Não se deseja sua morte, mas sua apostasia, cujo efeito seria notável, do momento em que ele é, entre os cristãos de sua época, a figura mais relevante. A morte do imperador o reconduz à liberdade no decurso de alguns meses, mas com a saúde arruinada. Morre aos sessenta e nove anos completos, no ano de 254. Seu túmulo era ainda visível no século XIII, na igreja dita do Santo Sepulcro. ^[2]

Passemos à análise das *Homilias sobre São Lucas*.

As Homilias sobre o Evangelho de Lucas

Em sua obra *Les origines de la diatribe romaine*, André Oltramare estabelece variadas noções sobre o controvertido tema da diatribe. E a parênese, objeto de nosso estudo, que os dicionários costumam apenas definir como “exortação à virtude”,^[3] encontra em sua tentativa de definição um importante esclarecimento, no que diz respeito a diversas modalidades que o discurso diatríbico encerra em si, como discurso moralizante popular.

O autor André Oltramare afirma que definir a diatribe é uma tarefa árdua e que a parênese é “filosoficamente inseparável” da diatribe (Oltramare, 1926, p. 9). Entre outras coisas, ressalta que traçar a história da diatribe é também traçar a “história da literatura moralizante popular”, elencar tendências da “vulgarização do diálogo filosófico”. Entre as vertentes filosóficas, cita os estoicos, os hedonistas, os cínicos, entre outros, e assinala os discípulos de Bion^[4] como os primeiros propagandistas da literatura diatríbica.

Entre os caracteres formais mais evidentes da diatribe, encontramos presente o debate com um interlocutor fictício, que entendemos ser a figura do possível leitor, de sua época ou de épocas posteriores. Esse interlocutor é apostrofado veementemente pelo filósofo em seu discurso, que, entretanto, não tem sua personalidade definida ou, pelo menos, detectável a partir do próprio texto. O discurso também contém um adversário, ou então mais que um, representado por pronomes de terceira pessoa, como marcas de sujeito indeterminado ou sujeito oculto, o qual apresenta, no mesmo discurso, uma opinião vulgar que o mestre condenará. Na maior parte das vezes, a objeção tímida deste serve para realçar as frases autoritárias do sábio. Disto, então, podemos concluir que o caráter dialógico se faz presente, condição que, ao longo dos tempos, revelou ser a condição primeira de toda literatura, não apenas em épocas recuadas, como o caso de Orígenes, que trataremos em seguida a este item, mas também em épocas posteriores.

A influência da retórica impregna o estilo diatríbico. Menedemo e Bion foram importantes para que a diatribe se separasse definitivamente do diálogo e, sobretudo, do diálogo socrático, e estivesse dotada de todos os procedimentos retóricos. Assim, o estilo se torna florido e os procedimentos retóricos conferem ao diálogo uma aparência saltitante. O diatribista ataca seu adversário com grande quantidade de argumentos heterogêneos. As características mais importantes são o emprego de diminutivos, as citações de locuções populares e de provérbios, as metáforas, o paralelismo das frases, a conversão^[5] e as hipérboles. As oposições verbais são muito importantes. À natureza se opõe a lei ou a opinião. Encontram-se muitas vezes grupos imutáveis de virtudes e vícios, de bens e males etc. Entre as figuras poéticas empregadas na diatribe, é importante citar a personificação das abstrações. Ocorre também a mescla do sério e do jocoso.

As *Homilias sobre o Evangelho de Lucas* (*Homiliae in Lucam*), de Orígenes, originalmente compostas em grego, no século III d.C., são-nos transmitidas pela tradução latina de São Jerônimo, datada do século IV d.C.

Há que se ressaltar que, como obra vinculada ao cristianismo, traz a marca do

aspecto polêmico, pela própria natureza do assunto. O prólogo da edição francesa da coleção “Sources Chrétiennes” enumera as diversas visões acerca da natureza de Cristo, refletindo estas o ceticismo acerca do seu nascimento, da concepção virginal no ventre de Maria, de sua corporalidade, da origem de sua incomparável sabedoria, dentre outros aspectos. O texto das homilias reflete sobre a leitura do Evangelho e explica-o aos cristãos de seu tempo, com o intuito de esclarecimento do conteúdo do texto de São Lucas e da Sagrada Escritura, de modo geral, que, muitas vezes, apresenta dificuldades inextricáveis para a compreensão de cristãos recém-convertidos e acostumados com os padrões e cânones literários da época clássica, da herança da filosofia grega antiga e da era helenística, para os quais a novidade do cristianismo é detectada segundo esse crivo crítico e, frequentemente, não assimila corretamente a complexidade da natureza de Cristo, de seu contexto histórico e cultural, bem como as implicações dos textos compostos sobre a vida e os atos de tão insigne personagem que é Jesus Cristo.

Nesse contexto de pós-classicismo na Grécia e em Roma, julgamos que seja natural que uma primeira tentativa de uma abordagem compreensiva da Escritura tenha resultado em interpretações destoantes da ortodoxia católica e que essas concepções sejam alvo da ação dos homens doutos e estudiosos da Bíblia, preocupados com a retidão da doutrina entre os novos cristãos, oriundos da cultura clássica greco-latina. Os hereges, desde sempre, são os alvos da ortodoxia, e rebelam-se continuamente. A ortodoxia, nesse momento, não tem a força do aparato judicial que terá no futuro, mas observamos certa virulência em potencial nas investidas do autor.

A tradução de São Jerônimo traz-nos trinta e nove homilias, redigidas em latim, tecendo reflexões sobre fragmentos do Evangelho de São Lucas. Após a explicação esmiuçada de determinada passagem, em que responde também a doutrinas heréticas de seu tempo, o autor volta-se ao leitor, para incutir-lhe uma reflexão resultante dessa exposição. Nesta, o autor propõe uma enfática admoestação para a sua vida, em sua busca de Cristo, com vistas ao implemento da sua relação com Cristo e com a Igreja, ao seu crescimento na devoção ao mistério cristão e tudo o que se relaciona a essa devoção, seja à Sagrada Família, ao culto a Maria, em suma, tudo o que se refere à vida cristã, de um modo geral. Desse modo, vislumbramos o conteúdo parenético das homilias, que, em si, já reflete sobre uma primeira parênese que é o texto evangélico, o qual busca ensinar a verdade sobre o Cristo, sendo, nesse sentido, parenético também.

A seguir, analisaremos textos e fragmentos de textos nos quais verificamos a pertinência da parênese, em particular de um texto de parênese cristã, como é o caso de Orígenes. Abaixo, citamos a definição do gênero homilia:

A homilia e o sermo qualificam uma composição oratória, uma peça destinada a ser proclamada. Esses dois gêneros de eloquência se distinguem da conversa espiritual, *consolatio* ou *colloquium*, de sabor ascético e místico. No nível semântico e filológico, essas distinções não devem ser generalizadas, nem estabelecidas de modo rígido (DiBERARDINO, 2002, p. 692).

Como a homilia é uma peça oratória, está calcada nas diversas injunções retóricas mencionadas anteriormente sobre a influência da arte retórica nas composições diatrínicas. Uma vez que a diatribe não constitui um gênero, e sim uma tendência, um

elenco de gêneros literários em que predominam algumas características de estilo e de procedimentos retóricos, a parênese – e, particularmente, a parênese cristã de Orígenes – seleciona alguns dos caracteres essenciais da diatribe, que são o predomínio do conteúdo moralizante popular, o ataque à doutrina dos adversários (no caso, os hereges ou os heresiarcas), o diálogo com um interlocutor fictício, as hipérboles, as metáforas, os paralelismos das frases, a estruturação do texto como se fosse um elenco de perguntas e respostas, as oposições verbais diversas como virtude e vício, bem e mal, pecado e graça etc.

No texto de Orígenes, há menção a heresias e seus respectivos heresiarcas, que aparecem como terceira pessoa, bem como a interpelação dirigida a uma segunda pessoa, com quem o orador trava um diálogo. Como as Homilias sobre São Lucas datam de uma época primitiva da história do cristianismo, o contexto de época ainda é o da disseminação do ideal cristão de vida, em contraste com a herança helenística, que oferece resistência cultural à nova religião, e com o contexto da Roma imperial, esvaziada de sua grande literatura, encontrando-se, por sua vez, mergulhada em um vazio de ideais e de sentido para a existência.

Vejamus como exemplo a Homilia 17, que discorre, entre outras coisas, sobre a questão do sinal de contradição (Lc 2,34). Na edição das “Sources Chrétiennes”, encontramos a referida reflexão nos parágrafos 4 e 5. Ali Orígenes faz menção aos marcionitas (partidários de Marcião), aos ebionitas (partidários de um suposto fundador Ebião), aos docetistas (que inclui diversas tendências), a Metódio de Olimpo (discípulo de Orígenes).

Os marcionitas negam que o Pai Eterno, Pai de Jesus, tenha sido o mesmo que o do Antigo Testamento, que não é o Pai benigno pregado por Jesus. Os ebionitas creem que Jesus é “um simples homem”, que nasceu de um homem e uma mulher, rejeitam a novidade da religião cristã pregada por São Paulo, vivendo segundo as antigas leis judaicas. Os docetistas rejeitavam a verdadeira humanidade de Jesus, com base na filosofia platônica. Metódio de Olimpo, discípulo de Orígenes, recusava várias de suas ideias, dentre elas a ressurreição de Jesus com um corpo glorioso. Assim, vejamos o texto latino e sua tradução:

4. Iste igitur *in ruinam et in resurrectionem multorum positus est in Israhel*,^[6] hoc est in his, qui plena possunt acie et ratione conspiciere, et *in signum, cui contradicetur*.^[7] Omnibus, quae narrat historia de Salvatore, contradicatur. Virgo mater est, signum est, cui contradicatur: Marcionitae contradicunt huic signo et aiunt penitus eum de muliere non esse generatum; Hebionitae contradicunt signo, dicentes ex viro et muliere ita natum esse, ut nos quoque nascimur. Habuit corpus humanum, et hoc signum est, cui contradicatur: alii enim dicunt eum venisse de caelis, alii tale, quale nos, corpus habuisse, ut per similitudinem corporis etiam nostra corpora redimeret a peccatis et daret nobis spem resurrectionis. Resurrexit a mortuis, et hoc signum est, cui contradicatur: quomodo resurrexit, utrum ipse et talis, qualis mortuus est, an certe in melioris substantiae corpus resurrexerit; [5.] et est infinita contentio, aliis dicentibus: fixuram clavorum Thomae monstravit in manibus suis, aliis e regione tractantibus: si idem corpus habuit, quomodo *clausis ingressus est ostiis et stetit*.^[8] Vides igitur, quemadmodum argumentis variis etiam resurrectionis eius quaestio concitetur, et in signum, cui contradicatur. Ego et hoc, quod prophetarum ore praedictum est, puto signum esse, cui contradicatur; sunt enim plures haeretici, qui asserunt eum a prophetis penitus non fuisse praedictum. Et quid me necesse est multa prosequi? Omnia, quae de eo narrat historia, signum est, cui contradicatur, non quo contradicant hi, qui credunt in eum – nos quippe omnia scimus vera esse, quae scripta sunt – sed quia

apud incredulos universa, quae de eo scripta sunt, signum sit cui contradicitur.

4. Ele, portanto, “foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel”,^[9] isto é, daqueles que podem olhar com plena penetração e espiritualidade^[10] e para o “sinal de contradição”.^[11] A tudo é contradito o que narra a história do Salvador. Uma virgem é mãe, eis um sinal de contradição; os marcionitas^[12] se opõem a esse sinal e afirmam com insistência que o Cristo não nasceu de uma mulher; os ebionitas^[13] se opõem a esse sinal e dizem que ele nasceu de um homem e de uma mulher, como nós também nascemos. Teve um corpo humano, e esse sinal é de contradição: uns dizem que esse corpo veio do céu, outros que ele teve um corpo tal qual o nosso, para que, pela semelhança de corpo também pudesse redimir nossos corpos do pecado e dar-nos a esperança da ressurreição.^[14] Ressurgiu dos mortos, e esse é um sinal de contradição: como ressuscitou? Ressuscitou com seu próprio corpo e tal qual morreu ou, sem dúvida, para um corpo formado de uma substância superior?^[15] [5.] E é infinita a contestação, quando uns dizem: ele mostrou a chaga dos cravos nas suas mãos a Tomé; outros objetam, ao contrário: se ele retomou o mesmo corpo, como “ele entrou com as portas fechadas e se achou lá de pé”?^[16] Tu vês, portanto, pela variedade dos argumentos, como a própria ressurreição levanta controvérsias e se torna sinal de contradição. Por minha parte, eu penso que também aquilo que foi predito pela boca dos profetas é sinal de contradição; existem, com efeito, vários hereges que afirmam que o Cristo não foi de modo algum anunciado pelos profetas. Aliás, que necessidade há de prosseguir muito longamente? Tudo o que narra a história sobre o Cristo é sinal de contradição; contradição não para aqueles que creem nele – porque nós sabemos que o que foi escrito é verdadeiro –, mas todas as coisas que sobre ele foram escritas, para os increus, é sinal de contradição.

O texto acima apresenta o debate do homiliasta com os hereges que são terceira pessoa, e aos quais contrapõe sua pregação sobre o Evangelho, instaurando uma leitura que corrige o erro e as interferências indevidas na interpretação do lugar que o Cristo representa no mundo, sua natureza, vida e ação entre os homens, paixão, morte e ressurreição. Dirigindo-se ao interlocutor de suas homilias (interpelação do pronome tu, segunda pessoa, sujeito de *vides*), o homiliasta lembra que o mundo está repleto de interpretações que desviam o foco da verdadeira ação do Cristo que a todos conclama à virtude e à prática de seus ensinamentos. Ora, crer corretamente é olhar com a devida atenção para aquele que, a todo momento, interpela os homens para a prática do bem, para o afastamento dos vícios e mazelas da civilização pagã, assim como Jesus denunciava o afastamento do espírito da Lei e a degradação dos filhos de Israel, no seio da cultura judaica helenizada de seu tempo.

Ainda na mesma homilia, discorre sobre a profecia de Ana, que se casou uma única vez. Esse fato é posto em evidência pelo homiliasta. Em franca oposição à civilização contemporânea e a seus costumes liberais, como era o caso das civilizações pagãs, e também como “sinal de contradição”, ele apregoa que a perfeição da vida cristã requer que a pessoa se case uma única vez, para que uma segunda ou terceira união não soe como satisfação dos desejos carnis, quando seria desejável uma única união:

Puto enim monogamum et virginem et eum, qui in castimonia perseveret, esse de ecclesia Dei, eum vero, qui sit digamus, licet bonam habuerit conversationem et ceteris virtutibus polleat, tamen non esse de ecclesia et de eo numero, qui non habet rugam aut maculam,^[17] aut quid istiusmodi, sed esse de secundo gradu et de his, qui invocant nomen Domini,^[18] et qui salvantur quidem in nomine Iesu Christi, nequaquam tamen coronantur ab eo: *cui est gloria et imperium in saecula saeculorum. Amen.*^[19]

Eu penso, com efeito, que aquele que se casou apenas uma vez, o que permaneceu virgem e o que perseverou na castidade, faz parte da Igreja de Deus; mas o que se casou duas vezes, ainda que tenha tido boa conduta e se

exceda em outras virtudes, não faz parte, porém, da Igreja e do número que não tem nem ruga nem mancha, [20] nem nenhum defeito desse tipo, mas ele é colocado na segunda posição e dentre aqueles que “invocam o nome do Senhor”, [21] e que são evidentemente salvos em nome de Jesus Cristo, sem serem, entretanto, coroados por ele, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”. [22]

Na composição da homilia citada, verificamos no texto latino a repetição de vocábulos, como o verbo *contradicere*, que aparece diversas vezes como na reiteração da expressão *signum est cui contradicitur*, que traduzimos como “é sinal de contradição”. A enumeração dos exemplos e a reiteração da expressão destacada incute na mente do leitor uma evidência que se quer demonstrar e ver assimilada, como parte do elemento de persuasão do discurso parenético, aquele que tem por finalidade induzir o leitor à virtude da vida de Cristo, narrada por Lucas e representada na homilia de Orígenes.

Concluindo esta introdução, podemos afirmar, a partir de nossa exposição, que as homilias de Orígenes são peças de oratória sacra em que abundam os aspectos da parênese, que é a exortação à virtude. Vimos que o gênero da homilia integra as definições de diatribe propostas por André Oltramare, na obra citada desse autor, e que, como tal, tem os aspectos retóricos característicos da diatribe, como o diálogo com o leitor de seu tempo, a condenação das heresias de época, a reiteração como procedimento de persuasão, e não contempla, como a diatribe pagã, a mescla do sério e do jocoso, salientando apenas a seriedade.

Há que se observar que o texto é rico em camadas de discurso parenético. A começar pela vida de Jesus, que marcou um singularíssimo lugar na história da humanidade. Todas as suas ações e ensinamentos tiveram testemunhas oculares e testemunhos documentais inequívocos, que reiteram a sua virtude, e o ensinamento perfeito da virtude pelo amor que inspirou aos homens, seus contemporâneos e seguidores ao longo dos séculos. Em seguida, temos o Evangelho de Lucas, narrado por um dos companheiros de São Paulo, médico de ofício e que conheceu muito proximamente a pessoa que mais sabia sobre a vida do Cristo, que foi Maria. Seu Evangelho retrata fielmente essas fontes da vida de Jesus. Finalmente, temos Orígenes, segundo a tradução de São Jerônimo, que nos faz refletir sobre a virtude de Jesus e seus ensinamentos que a refletem, seguindo o roteiro de São Lucas.

As trinta e nove homilias nos fazem percorrer, com suas reflexões, o itinerário da vida de Cristo, a partir de suas origens. Nesta introdução, apontamos apenas alguns aspectos mais relevantes do pensamento de Orígenes em suas relações com o seu momento histórico e cultural, no embate com as heresias de seu tempo. Mas a obra, em seu todo, é instigante, pelo que nos propicia quanto ao desvendamento dos sentidos intrincados do texto bíblico. Com essas homilias, é possível uma imersão no universo da Sagrada Escritura, com a iniciação aos seus mistérios que vemos se desvelarem pelo verbo e pela ciência de Orígenes, mediados pela tradução de São Jerônimo.

PRÓLOGO DA TRADUÇÃO DE SÃO JERÔNIMO

Inicia-se o prólogo do bem-aventurado presbítero Jerônimo para as homilias de Orígenes sobre o evangelista Lucas

Jerônimo a Paula e Eustóquia,^[1]

Há alguns dias, vós dissestes que havíeis lido certos comentários sobre [São] Mateus e [São] Lucas, um dos quais seria embotado tanto no pensamento quanto no estilo,^[2] o outro jogaria com as palavras, ao passo que cochilaria em suas ideias.^[3] Por essa razão, pedistes, desprezando semelhantes frivolidades, que eu traduzisse pelo menos as trinta e nove^[4] homilias, sobre [São] Lucas, de nosso caro Adamâncio, tal como se encontram em grego – tarefa desagradável esta e similar a um tormento escrever, como diz Túlio [Cícero], segundo o gosto alheio, e não o seu próprio,^[5] a qual agora mesmo, porém, por causa disso, eu empreenderei porque não me exigis algo acima da minha capacidade. Outrora em Roma, nossa santa amiga Blesila havia solicitado que eu entregasse aos leitores de nossa língua os vinte e seis tomos de Orígenes sobre [São] Mateus, e outros cinco sobre [São] Lucas, e os trinta e dois sobre [São] João, mas sabeis que isso não estava ao alcance de minhas forças, nem de meu tempo disponível, nem de minhas possibilidades de trabalho. Eis o quão grande é, junto a mim, vossa influência e vontade! Eu pus um pouco de lado os livros das *Questões Hebraicas*, para que, para seguir vosso arbítrio, eu pudesse ditar estas páginas, quaisquer que sejam, de uma obra tão proveitosa que não é minha, mas alheia, principalmente quando ouço o crocitar de um corvo de mau agouro, que se ri de modo estranho das cores de todas as aves, quando ele próprio é inteiramente tenebroso.^[6] E assim confesso, antes que aquele indivíduo me faça suas críticas, que Orígenes, nestes tratados, brinca de dados como um menino. As outras obras de sua maturidade e velhice são totalmente sérias.^[7]

Se me aprouver, se eu tiver a possibilidade, se o Senhor me der a licença para que eu verta para a língua latina estas obras acima, e se eu tiver arrematado a obra anteriormente deixada de lado, então podereis ver, ou melhor, através de vós a língua romana conhecerá quanta riqueza não só até aqui ignorou, tanto quanto ela agora começará a conhecer. Além disso, eu me dispus a enviar-vos em alguns dias os comentários que publicaram sobre [São] Mateus, um de Hilário, escritor eloquentíssimo e o outro do bem-aventurado mártir Vitorino, cada um em estilo diverso, mas sob a inspiração única do Espírito Santo, para que não ignoreis quanto empenho pelas Sagradas Escrituras outrora houve também em nossos companheiros.

Aqui termina o prólogo. Começam as homilias de Orígenes sobre São Lucas em número de trinta e nove, vertidas para o latim por Eusébio Jerônimo, proferidas aos

domingos.^[8]

COMEÇA A HOMILIA PRIMEIRA

HOMILIA 1

Lc 1,1-4

Sobre o Prólogo de Lucas, até aquela passagem, quando diz: "...escrever a ti, excelente Teófilo".

Os Evangelhos canônicos

1 Como outrora, no seio do povo judeu, muitos prediziam a profecia, e certos deles eram pseudoprofetias – dos quais um foi Ananias, filho de Azur^[1] – outros, em verdade, eram verdadeiros profetas. E havia junto ao povo o dom de discernimento dos espíritos, pelo qual outros eram reconhecidos no número dos profetas, [e] alguns eram rejeitados ao modo de cambistas treinadíssimos.

No momento presente, no tempo do Novo Testamento, muitos também tentaram escrever evangelhos, mas nem todos foram aceitos.^[2] E a fim de que saibais que se escreveram não apenas quatro evangelhos, mas vários outros, dos quais estes, que temos, foram escolhidos e entregues às igrejas, que deste prólogo de Lucas, cujo texto assim se apresenta, aprendamos isto: “Porque evidentemente muitos tentaram compor uma narrativa”. Esta palavra “tentaram” tem uma acusação latente contra aqueles que, sem a graça do Espírito Santo, lançaram-se na redação dos Evangelhos. Mateus, Marcos, João e Lucas, com efeito, não “tentaram” escrever, mas, cheios do Espírito Santo, escreveram os Evangelhos. “Muitos”, pois, “tentaram compor uma narrativa destes acontecimentos, que nos são perfeitamente conhecidos”.

2 A Igreja possui quatro Evangelhos; os hereges,^[3] vários, dos quais um se intitula “segundo os egípcios”,^[4] outro “segundo os doze Apóstolos”.^[5] Basíledes^[6] mesmo teve a audácia de escrever um evangelho e de intitulá-lo com seu próprio nome. Assim, muitos tentaram escrever, mas apenas quatro Evangelhos foram aprovados, e é deles que se devem tirar os preceitos acerca da pessoa de nosso Senhor e Salvador. Conheço certo Evangelho que se chama “segundo [São] Tomé” e outro “segundo [São] Matias”; e muitos outros lemos, a fim de não parecermos ignorantes por causa daqueles que se julgam saber algo, caso tenham conhecido estes. Mas, em tudo isso, não aprovamos nada diferente do que aprova a Igreja, ou seja, que sejam admitidos apenas quatro Evangelhos. Por essa razão, eis o que se leu no prólogo: “Muitos tentaram compor uma narrativa acerca destes eventos que se consolidaram entre nós”. Eles ensaiaram e “tentaram” escrever uma narrativa destes eventos que para nós se revelaram absolutamente certos.

O conhecimento sensível e o conhecimento da fé

3 Lucas revela seus sentimentos a partir do trecho em que diz: “Foram-nos muito claramente manifestadas”, segundo o sentido do grego *pepleroforeménon*^[7] que a língua latina não pode explicar com uma só palavra. Era, pois, com a certeza da fé e da razão que ele havia conhecido os fatos, e não hesitava absolutamente em alguma coisa se era assim ou de outro modo que sucedia. Isso, porém, sucede àqueles que acreditaram com muita fidelidade: aquilo que o profeta roga com insistência, eles obtiveram; e dizem: “confirma-me nas tuas palavras”.^[8] Por isso, o Apóstolo diz também sobre os que estavam firmes e sólidos: “Que sejais enraizados e fundados na fé”.^[9] Se alguém está, pois, enraizado e fundado na fé, pode a tempestade elevar-se, podem os ventos soprar, pode a chuva cair a cântaros, não será abalado, nada ocorrerá, porque sobre a pedra o edifício foi fundado com sólida base.^[10] E não pensemos que é dada a estes olhos carnis a firmeza da fé, que a inteligência e a razão concederam. Que os infiéis acreditem por causa de sinais e prodígios que a penetração do homem considera atentamente. Que o fiel verdadeiramente avisado e firme siga a razão espiritual e assim discirna o que é verdadeiro do que é falso.

4 “Como transmitiram a nós aqueles que desde o princípio eles próprios viram e se tornaram servidores da palavra.” No Êxodo está escrito: “O povo via a voz do Senhor”.^[11] E com certeza ouve-se a voz, mais do que se vê, mas por isto foi escrito, para que nos fosse mostrado que ver a voz de Deus é ver com outros olhos, com os quais os que merecem são capazes de ver. Mas, no Evangelho, não se discerne a voz, e sim a palavra, que é mais excelente que a voz. Donde se diz agora: “Como nos transmitiram aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra”. Os apóstolos contemplaram a palavra, não porque tivessem avistado o corpo do Senhor Salvador, mas porque haviam visto o Verbo. Se, com efeito, ter visto a Jesus segundo a carne é ter visto a Palavra de Deus, portanto também Pilatos, que condenou Jesus, viu a Palavra de Deus, bem como o traidor Judas e todos os que clamaram: “Crucifica-o, crucifica-o, tira da terra tal indivíduo”,^[12] viram a Palavra de Deus. Longe de mim esse pensamento de que qualquer incrédulo possa ver a Palavra de Deus. Ver a Palavra de Deus é tal qual o Salvador diz: “Quem me vê, vê também o Pai, que me enviou”.^[13]

Conhecimento e ação

5 “Como nos transmitiram aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra”. Implicitamente, somos instruídos pelas palavras de Lucas de que o fim de um ensinamento é o próprio ensinamento, mas que há outro tipo de ensinamento cujo fim é o cômputo das obras. Assim, por exemplo, a ciência da geometria tem como finalidade apenas a própria ciência e ensinamento. Há

outra ciência, cuja finalidade exige a prática, como a Medicina. É necessário que eu saiba o método e os princípios da Medicina, não para que saiba somente o que eu deva fazer, mas para que faça, isto é, fazer uma incisão em uma ferida, receitar um regime moderado e estrito, sentir o calor da febre ao tomar o pulso, secar os humores muito abundantes com cuidados periódicos, moderá-los e contê-los. Se alguém só souber essa ciência e não vier acompanhado da prática, inútil será a sua ciência. Há algo semelhante à ciência da Medicina e à [sua] prática, de um lado, e conhecimento e ministério da Palavra, de outro lado. Daí está escrito: “Como nos transmitiram aqueles que, desde o princípio, foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra”, para que saibamos que a expressão “testemunhas oculares” indica o conhecimento teórico, mas a palavra “servidores” designa as obras.

6 “Pareceu-me por bem também, depois de ter-me informado cuidadosamente de tudo, desde o princípio”. Lucas incute e repete, visto que aquilo que há de escrever não conheceu a partir de boato, mas colheu pessoalmente desde o início. Desse modo, meritoriamente é louvado pelo Apóstolo, que diz: “[o irmão] cujo louvor, quanto ao Evangelho, está disperso por todas as igrejas”.^[14] Não se diz isso de nenhum outro, mas é-nos transmitido esse comentário de Lucas.^[15]

Todos somos Teófilos

“Pareceu-me por bem também, depois de ter-me informado cuidadosamente de tudo, desde o princípio, escrever para ti o relato detalhado de tudo, excelente Teófilo”. Alguém poderia pensar que era para algum personagem de nome Teófilo que ele teria escrito o Evangelho. Todos os que nos ouvís falar, se tais fordes que sejais amados por Deus, ao mesmo tempo vós sois “teófilos”, e para vós o Evangelho está escrito. Se alguém é um “Teófilo”, este é, ao mesmo tempo, “muito bom” e “muito forte”, como o exprime de forma mais significativa a língua grega, [com o termo] “*krátistos*”. Nenhum “Teófilo” é fraco, e como foi escrito sobre o povo de Israel, quando saía do Egito, que não houve em suas tribos alguém fraco;^[16] assim, audaciosamente falarei: que todo aquele que é “Teófilo” é forte, tendo a força e o vigor tanto de Deus quanto de sua palavra, de tal forma que possa conhecer a verdade de suas palavras, com as quais se instruiu, entendendo a palavra do Evangelho em Cristo, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.^[17]

HOMILIA 2

Lc 1,6

Sobre o que foi escrito: "Ambos, porém, eram justos diante de Deus, andando segundo todos os mandamentos e preceitos do Senhor, de um modo irrepreensível, sem censura".

Ser sem pecado

1 Os que querem dar a seus pecados alguma desculpa, julgam que não existe ninguém isento de pecado e invocam o testemunho que se acha escrito em Jó: "Ninguém está imune da sordidez, nem se fosse de um só dia sua vida sobre a terra; seus meses, porém, são contáveis".^[1] Deste testemunho, só proferem o conteúdo verbal, mas ignoram profundamente seu conteúdo. Em resposta a esses, brevemente responderemos, haja vista que ser sem pecado nas Escrituras deve ser entendido de dois modos, seja [o primeiro] não ter nunca pecado, e o outro ter cessado de pecar. Se afirmam, pois, que não se pode dizer isento de pecado senão aquele que nunca pecou, nós estamos de acordo em que ninguém está isento do pecado, porque todos os homens pecamos uma vez ou outra, embora em seguida tenhamos seguido a senda da virtude. Se, na verdade, assim entendem que não há homem isento de pecado, a tal ponto que neguem que alguém com uma vida pregressa nos vícios possa se voltar para as virtudes, para que nunca mais peque, é falsa opinião destes. Pode acontecer, com efeito, que um pecador veterano, ao cessar de pecar, seja declarado sem pecado.

2 Assim também nosso Senhor Jesus Cristo fez aparecer diante dele uma Igreja resplandecente, que não tem mancha,^[2] não porque o homem que pertence à Igreja nunca tenha tido mancha, mas porque, a partir de então, não será mais manchado; que não tem ruga, não porque a ruga do homem velho^[3] não tenha existido nele uma outra vez, mas porque a tenha cessado de ter. Desse modo, também se deve entender aquilo que se segue: "que seja santa e imaculada",^[4] não porque tenha sido imaculada desde o princípio – isto não se pode sequer suspeitar acerca do homem, que sua alma não tenha sido manchada –, mas porque se estima pura e intacta aquela que tenha cessado de se manchar.^[5]

Fizemos todas essas observações, com efeito, para que fizéssemos entender que o homem, pelo fato de ter cessado de pecar, pode ser chamado isento de pecado e imaculado. Também, a partir disso, está escrito muito claramente sobre Zacarias e Isabel: "ambos, porém, eram justos aos olhos de Deus, andando segundo todos os mandamentos e preceitos do Senhor, de um modo irrepreensível, sem censura".

Ser justo aos olhos de Deus

Contemplemos de mais perto o elogio de Zacarias e de Isabel que o santo Lucas relata

3 em sua história, não tanto para que saibamos que eles foram louváveis, mas para que também nós próprios nos tornemos dignos de louvor, fazendo nosso seu santo zelo. Ele teria podido simplesmente escrever: “ambos, porém, eram justos, andando segundo todos os mandamentos e preceitos do Senhor, de um modo irrepreensível”. Mas era necessário acrescentar: “ambos, porém, eram justos aos olhos de Deus”.

Pode, com efeito, acontecer a alguém ser justo aos olhos do homem, não o sendo aos olhos de Deus. Por exemplo: um homem não encontra nenhum mal e, examinando tudo o que me diz respeito, não encontra nada para me censurar: eu sou justo aos olhos dos homens.

Imagina que todos os homens têm de mim a mesma opinião, se eles procuram em mim um assunto de crítica sem poder descobri-lo e me louvam com uma boca unânime, eu sou justo aos olhos de vários homens. Ora, com efeito, o julgamento dos homens não é seguro: eles ignoram se pequei um dia no recôndito do meu coração, se olhei uma mulher desejando-a, ou se nasceu em meu coração um adultério.^[6]

4 Ignoram os homens, quando me tiverem visto segundo meus meios dar a esmola, se [o] fiz por causa do mandamento de Deus ou se busquei o louvor e o favor dos homens.^[7] Coisa difícil é ser justo aos olhos de Deus, para que não faças algo de bom não por outra causa senão pelo próprio bem, e busques somente a Deus, retribuidor da boa ação. Semelhante fato também o Apóstolo atesta: “Seu louvor não vem dos homens, mas de Deus”.^[8] Feliz aquele que é justo e louvável aos olhos de Deus.

Os homens, com efeito, embora pareçam ter um julgamento certo, não podem, porém, pronunciar [um julgamento] certo. E de fato acontece, às vezes, que louvem àquele que não merece elogio, e àquele, que não é nem um pouco digno de crítica, façam críticas. Apenas Deus é justo juiz no louvor e no vitupério.

5 Daí é normal que acrescentemos ao louvor dos justos: “ambos, porém, eram justos aos olhos de Deus”. Salomão igualmente exorta-nos a uma atitude semelhante, dizendo nos Provérbios: “Procura o bem aos olhos de Deus e dos homens”.^[9]

Andar segundo os mandamentos e julgamentos do Senhor

Zacarias e Isabel recebem em seguida outro elogio: “andando segundo todos os mandamentos e preceitos do Senhor, de um modo irrepreensível”. Quando nossos julgamentos são justos e corretos, andamos segundo os preceitos do Senhor; mas quando fazemos isto ou aquilo, andamos segundo seus mandamentos. É por isso que, a meu ver, São Lucas, querendo fazer deles um elogio perfeito, acrescentou: “ambos, porém, eram justos aos olhos de Deus, andando segundo todos os mandamentos e preceitos do Senhor”.

Fugir da vanglória

Alguém me diria: se este louvor é perfeito, o que quer dizer esta expressão: “sem censura”? Bastava, pois, dizer: “andando em todos os caminhos e preceitos do Senhor”, não poderia dar-se que ande alguém em todos os mandamentos de Deus, e, porém, não ande “sem censura”. E como pode acontecer que alguém, andando em todos os mandamentos e preceitos de Deus, possa estar sob censura? A isso brevemente responderei: se não fosse possível, nunca teríamos conhecido este texto, reportado em outra passagem: “segue com justiça o que é justo”.^[10] Se não fosse justa, pois, alguma coisa, que não seguissemos com justiça, seria vão prescrever-nos que seguissemos com justiça o que é justo.^[11]

7 Quando, com efeito, cumprimos o mandamento de Deus, mas, em nossa consciência, somos respingados pelas manchas da vanglória, de modo a [querer] agradar aos homens, ou então [quando] qualquer outra causa que não agrade a Deus precede nosso bem agir, ainda que cumpramos o preceito de Deus, não o fazemos, porém, isentos de censura, e seguimos sem justiça o que é justo. Difícil é, portanto, andar “em todos os mandamentos e preceitos do Senhor sem censura”, segundo o testemunho e o louvor de Deus em Cristo Jesus, que há de ser rendido no dia do Juízo por Aquele “diante do tribunal de quem nós devemos todos ser postos a descoberto para que cada um reencontre o que tiver cumprido durante sua vida, seja de bom ou de ruim”.^[12] “Todos, com efeito, apareceremos diante do tribunal de Deus”^[13] para receber o que merecemos no Cristo Jesus, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 3

Lc 1,11

Sobre o que está escrito: "Apareceu-lhe um anjo do Senhor, de pé à direita do altar do incenso".

Visão dos seres espirituais

1 As realidades físicas que existem e carecem de inteligência não exercem por si próprias nenhuma atividade para serem objeto de percepção visual: é somente o olhar alheio que, dirigido para elas, quer elas queiram ou não queiram, as penetra, quando ele orienta em direção a elas sua contemplação. O que pode, com efeito, fazer um homem ou qualquer outra realidade, que a circunde com um corpo espesso, quando estiver em presença de outrem, para que não seja percebido?

Ao contrário, aquelas realidades que são superiores e divinas, mesmo quando estão em presença de outrem, não são vistas, a não ser que elas mesmas queiram [ser vistas]; ^[1] e está no controle de sua vontade serem ou não serem vistas. E foi por uma graça de Deus que Ele [mesmo] apareceu a Abraão e aos outros profetas: o olho do coração de Abraão não foi a única causa para que visse Deus, mas [foi] porque a graça de Deus se ofereceu livremente ao homem justo, para que fosse ela mesma contemplada.

2 Não entendas isso, porém, só sobre Deus Pai, mas também sobre o Senhor Salvador e sobre o Espírito Santo; e, se eu quiser chegar a seres que lhes são inferiores, sobre os Querubins e Serafins. Pode acontecer que, agora, a nós que estamos falando, nos assista um anjo, ^[2] e, entretanto, porque não o merecemos, não o possamos ver.

Embora o olho, seja do corpo seja de nossa alma, se esforce, com efeito, para contemplá-lo, a não ser que, por sua própria vontade, o anjo apareça e se ofereça a ser visto, aquele que o deseja ver não o verá. É por isso que, onde quer que estiver escrito: "Deus apareceu" a esse ou a àquele – como ouvimos há pouco: "apareceu-lhe o anjo do Senhor, de pé à direita do altar do incenso" –, entende assim como eu disse. Seja Deus, seja o anjo de Abraão ou de Zacarias, quando não quiser ou quiser, ou não será visto ou será visto.

3 E dizemos isso não somente no "século presente", ^[3] mas também no futuro, quando tivermos migrado deste mundo, porque Deus ou os anjos não aparecem para todos, como se aquele que tenha acabado de sair de seu corpo mereça imediatamente ver tanto os anjos quanto o Espírito Santo, o Senhor Salvador e o próprio Deus Pai; ^[4] mas o verá apenas aquele que tiver o coração puro ^[5] e se mostrar de tal forma que seja digno de ver a Deus. E ainda que estejam no mesmo lugar aquele que é de coração puro e aquele que ainda está respingado por alguma mancha, não é a unidade do lugar que o poderá prejudicar ou favorecer, porque quem tiver o coração

puro verá a Deus, mas quem não o tiver não verá aquilo que os outros contemplam.^[6]

Tal fato, para mim, deve ser entendido também acerca do Cristo, quando era corporalmente visto, porque não o podia ver qualquer um que o visse.

4 Viam, claro, apenas seu corpo, mas não o podiam ver enquanto Cristo. Ao contrário, os discípulos o viam e contemplavam a grandeza de sua divindade. Por essa razão, creio que também a Filipe, que o suplicava e dizia: “Mostra-nos o Pai e isso nos basta”, o Salvador tenha respondido: “Por tanto tempo estou convosco, e não me conhecestes? Ó Filipe, quem me vê, vê também o Pai”.^[7] Pilatos, com efeito, que via Jesus, não contemplava o Pai, o traidor Judas também não, porque nem o próprio Pilatos nem Judas viam o Cristo segundo o que Cristo era; nem a multidão que o apertava^[8] [de todos os lados]. Só viam a Jesus aqueles que ele julgava dignos de sua contemplação.^[9]

Trabalhem, portanto, nós também, para que, no tempo presente, Deus nos apareça, porque a palavra santa da Escritura prometeu: “porque será encontrado por aqueles que não o tentam, ele possa se manifestar àqueles que não são incrédulos a seu respeito”^[10] e, no século futuro, não nos seja oculto, mas que o vejamos “face a face”^[11] e tenhamos a garantia de uma vida feliz e gozemos da visão de Deus onipotente em Cristo Jesus e no Espírito Santo, “a quem pertence a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 4

Lc 1,13-17

Sobre o que está escrito: "Não temas, Zacarias", até aquela passagem em que se fala de João: "Ele o precederá no espírito e no poder de Elias".

Nascimento de João Batista

1 Zacarias atemorizou-se, assim que viu o anjo. Uma figura nova que se ofereça aos olhares humanos perturba a mente e apavora o coração. Por isso, o anjo, sabendo que essa é a natureza humana, primeiramente remedia a perturbação, dizendo: "Não temas, Zacarias", e reconforta aquele que está agitado e o alegra com uma mensagem nova, dizendo: "Tua oração foi ouvida e tua esposa Isabel dará à luz um filho, e o chamarás com o nome de João; e será teu júbilo e exultação". Quando algum justo aparece no mundo e penetra no estádio desta vida, os responsáveis por seu nascimento^[1] se alegram e se entusiasmam. Mas quando nasce aquele que foi preparado para uma má vida e condenado, por assim dizer, à prisão por castigo,^[2] o responsável fica consternado e abatido.

2 Queres tomar um exemplo de um homem santo, de quem todo o fruto esteja no louvor? Vê Jacó, que gerou a doze filhos do sexo masculino, que se tornaram todos os patriarcas, os chefes do povo de Deus e de sua herança.^[3] em todos estes o pai Jacó se alegrava, assim como agora o nascimento de João é, para todo o mundo, o anúncio de uma jubilosa notícia. E quem uma vez, para ser útil aos outros, consentiu em ter filhos e quis se sujeitar a esta função^[4] deve suplicar a Deus que seu filho, tal como João, ingresse no mundo, ao qual o nascimento dele traria mais alegria. Pois sobre João foi escrito: "Ele será grande aos olhos do Senhor". Isso que foi dito, "Ele será grande aos olhos do Senhor", revela a grandeza da alma de João, que seria clara aos olhos de Deus. Há algo de pequenez que se percebe propriamente na virtude da alma.^[5]

3 É assim, pelo menos, que entendo esta passagem do Evangelho: "Não desprezeis nenhum destes pequeninos que estão na Igreja".^[6] Pequenino aí se entende por comparação com um maior. Não me é preceituado que eu despreze o que é grande, porque não pode ser desprezado aquele que é grande, mas é dito a mim: "Não desprezes nenhum destes pequeninos". Para que saibas, porém, que pequenino e pequeno não são palavras ditas ao acaso, mas com o sentido que citamos, está escrito: "Quem quer que tiver escandalizado um só destes pequeninos [...]".^[7] Um pequenino é escandalizado, um maior não pode suportar um escândalo.

Presença do Espírito Santo

4 Segue-se sobre João: “E ele será repleto do Espírito Santo desde o seio de sua mãe”. E nascimento de João é cheio de milagres. Como um arcanjo anunciou o advento de Nosso Senhor e Salvador, da mesma forma um arcanjo anuncia o nascimento de João. “Ele será repleto do Espírito Santo desde o seio de sua mãe”. O povo judeu não via absolutamente que nosso Senhor realizava “milagres e prodígios”^[8] e curava suas doenças.^[9] Mas João, ainda no seio de sua mãe, exulta de alegria e não pode ser contido;^[10] e à chegada da mãe de Jesus, parece querer sair do ventre de Isabel. “Desde o instante em que a tua saudação chegou aos meus ouvidos, exultou de júbilo a criança em meu ventre”.^[11] João ainda estava no ventre da mãe e já havia recebido o Espírito Santo. Não era, pois, o Espírito Santo aquele princípio de sua substância e natureza.^[12]

5 Em seguida, a Escritura diz que ele “converterá numerosos filhos de Israel ao Senhor seu Deus”. João converteu a vários, o Senhor, porém, não vários, mas todos. Esta é a obra d’Ele: a todos converter ao Deus Pai. “E ele andará à frente do Cristo, no espírito e na virtude de Elias”. Não diz: na alma de Elias, mas “no espírito e virtude de Elias”. Houve em Elias a virtude e o espírito^[13], tal como em todos os profetas, e, segundo a economia da Encarnação,^[14] em nosso próprio Senhor Salvador, do qual, poucos versículos depois, é dito a Maria: “O Espírito Santo virá sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra”.^[15] O Espírito, portanto, que existira em Elias, veio sobre João, e o poder, que naquele habitava, neste também apareceu. Aquele foi transportado ao céu, mas este foi o precursor do Senhor e morreu antes desse, para que, descendo aos infernos, anunciasse seu advento.

O mistério de João

6 Eu considero que o mistério de João até hoje se cumpre no mundo. Quem quer que houver de acreditar em Cristo Jesus, primeiramente o espírito e o poder de João vem à sua alma, e “prepara ao Senhor um povo perfeito”, e, nas asperezas do coração, aplaina os caminhos e endireita as veredas.^[16] Não foi somente naquele tempo que os caminhos foram preparados e endireitadas as veredas, mas até hoje o advento do Senhor Salvador é precedido pelo espírito e o poder de João. Ó grandes mistérios do Senhor e de sua economia! Os anjos correm na frente de Jesus, os anjos quotidianamente ou sobem ou descem para a salvação dos homens em Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 5

Lc 1,20-22

SOBRE O MUTISMO DE ZACARIAS

O silêncio de Zacarias e o dos profetas

1 O sacerdote Zacarias, enquanto oferece incenso no templo, é condenado ao silêncio e não pode mais falar ou, antes, só fala por sinais e permanece mudo até o nascimento de João. Aonde leva esta história?

O silêncio de Zacarias é o silêncio dos profetas no povo de Israel, aos quais Deus [já] não fala de nenhum modo. E “a Palavra, que, do princípio, era Deus junto do Pai”,^[1] veio até nós, e conosco o Cristo não se cala; para os judeus até hoje silencia. Por isso também o profeta Zacarias calou-se. Muito claramente, a partir de suas próprias palavras, se comprova que ele foi profeta e sacerdote. Mas o que significa o que se segue: “Ele lhes fazia sinais com a cabeça”, e com tais sinais compensava o prejuízo da voz? Eu considero que há ações que, sem palavra e sem razão, em nada diferem dos sinais. Onde, porém, palavra e razão precedem e, assim, uma obra subsegue, as ações, providas de palavra e razão, não devem ser consideradas simples sinais.^[2]

2 Se, portanto, consideras a instituição dos judeus como sem palavra e sem razão, a ponto de não poderem dar conta de seus atos, entende que o que então se passou em Zacarias como imagem é o que se cumpre para eles até os dias de hoje.

Sua circuncisão é similar aos sinais. Se, com efeito, não se dá conta da circuncisão, a circuncisão é um sinal e uma obra muda. A páscoa e outras solenidades são mais gestos do que verdade.^[3] Até hoje o povo de Israel é surdo e mudo; nem podia, com efeito, suceder que não fosse surdo e mudo quem havia atirado para longe de si a Palavra.

3 Outrora, sem dúvida, Moisés dizia: “eu, porém, sou *álogos*”^[4] – o que, embora o latino se expressaria de outro modo, pode se traduzir apropriadamente: “sem palavra” e “sem razão” –, e depois de haver dito essas palavras, recebeu a razão e a palavra, que havia confessado antes não ter. O povo de Israel no Egito, antes de receber a Lei, encontrando-se sem palavra e sem razão, era, de certo modo, mudo. Em seguida recebeu a Palavra, cuja imagem foi Moisés. O povo não reconhece o que confessou Moisés, que era mudo e *álogos*, mas por gestos e pelo silêncio manifesta não ter palavra e não ter razão. Não te parece ser uma confissão de estultícia, quando ninguém deles pode dar conta dos preceitos da Lei e dos ditos proféticos?

A rejeição de Israel e a salvação das nações

Cristo cessou de estar com eles, a Palavra os abandonou, cumpriu-se aquilo que está

escrito em Isaías: “A filha de Sião será deixada como uma tenda na vinha, e como uma **4** sentinela em um pepineiro, como uma cidade que é atacada”.^[5] Depois desse abandono, a salvação foi transferida às nações, para que os judeus sejam incitados ao zelo.^[6]

Considerando, portanto, a economia e o mistério de Deus, como Israel foi apartado para nossa salvação, devemos estar atentos para que também os judeus não sejam excluídos por nossa causa e que nós não sejamos dignos de um suplício maior, por cuja causa também os judeus foram abandonados, e nós nada faremos de digno da adoção de Deus e de sua clemência, com a qual nos adotou e colocou-nos no lugar de seus filhos em Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder no século dos séculos. Amém”.

HOMILIA 6

Lc 1,24-33

Sobre isto que está escrito: "Depois que havia concebido, Isabel se manteve escondida", até esta passagem que diz: "Este será grande".

Isabel permanece escondida

1 Quando Isabel concebeu, “ela se escondia por cinco meses, dizendo: porque isto por mim fez o Senhor nos dias em que voltou seu olhar para trás para tirar o meu opróbrio de dentre os homens”. Pergunto por que razão, depois que se entendeu grávida, afastou-se do meio público. Se não me engano, é por isto: mesmo aqueles que estão unidos pelas núpcias não têm todo tempo livre entre si para o ato conjugal, mas há um tempo em que se abstêm do intercurso sexual. Se o homem for um velho e a mulher uma anciã, é a maior falta de vergonha se entregar à libido e entregar-se à realização do ato conjugal, que parecem suprimidos pelo depauperamento do corpo e velhice e pela vontade de Deus.^[1] Mas Isabel, porque pela palavra do anjo e pela economia divina havia copulado com um varão, se enrubescia por, idosa e quase decrépita, ter voltado a um ato da juventude.

2 Daí que “se escondia por cinco meses”, não até o nono mês, até o momento iminente do parto, mas até o momento da concepção de Maria.

Quando, com efeito, Maria concebeu e veio até Isabel, e sua saudação chegou aos seus ouvidos, exultou de alegria a criança no ventre de Isabel^[2] e Isabel profetizou e, cheia do Espírito Santo, pronunciou as palavras que o Evangelho reporta, “E se espalharam por todas as montanhas essas palavras”.^[3] Quando, pois, se espalhou o rumor no meio do povo de que ela trazia no ventre um profeta e de que aquele que ela tinha concebido era maior que um homem, ela então não se esconde, mas se mostra com toda liberdade e exulta de ter em seu seio o precursor do Salvador.

O Mistério da Encarnação oculto ao demônio

3 Em seguida, a Escritura rememora que, “no sexto mês em que Isabel tinha concebido, foi enviado o anjo Gabriel por Deus a uma cidade da Galileia, cujo nome era Nazaré, a uma virgem desposada com um varão, cujo nome era José, da casa de Davi; e o nome da virgem era Maria”. Novamente refletindo [sobre esses fatos], pergunto por que Deus, quando uma vez julgou que o Salvador deveria nascer de uma virgem, não escolheria uma moça sem esposo, mas [escolheu] sobretudo aquela desposada. E a não ser que me engane, é por esta causa: teve de nascer daquela virgem que, não só tivesse esposo, mas, como escreve Mateus,^[4] já havia sido entregue a um homem, embora ele ainda não a tivesse conhecido,^[5] a fim de que o próprio fato de ser

virgem não fosse motivo de vergonha, se a virgem aparecesse com o ventre crescendo.

4 É por isso que encontrei elegantemente escrito na epístola de certo mártir (refiro-me a Inácio, segundo bispo de Antioquia depois de Pedro, que, na perseguição de Roma, foi entregue às feras): “A virgindade de Maria se fez oculta ao Príncipe deste século”,^[6] se fez oculta por causa de José, se fez oculta por causa das núpcias, se fez oculta porque era considerada pertencente a um varão. Se, de fato, não tivesse tido um esposo e, como se considerava, um varão, em vão teria podido se esconder do “Príncipe deste mundo”.^[7] Imediatamente, pois, um pensamento teria se insinuado secretamente na mente do diabo: “Como esta [mulher], que não teve relações com um varão, está grávida? Essa concepção deve ser obra divina, deve ser algo mais sublime que a natureza humana”. Pelo contrário, o Salvador havia decretado que o diabo ignorasse a sua economia da Encarnação e da assunção de um corpo. Assim também o deixou na ignorância quanto à sua geração, e aos discípulos depois preceituava que não o fizessem conhecer.^[8]

5 E quando era tentado pelo próprio diabo, em nenhum momento [o Salvador] confessou ser Filho de Deus, mas tão somente respondia: não devo adorar-te, nem que faça pães destas pedras, nem que do alto eu me precipite.^[9] E quando dizia estas coisas, sempre silenciou que era Filho de Deus. Procura em outras passagens pela Escritura, e encontrarás que foi vontade de Cristo que o diabo ignorasse o advento do Filho de Deus. O Apóstolo, afirmando que as forças adversas ignoraram a sua paixão, diz: “É uma sabedoria que nós pregamos entre os perfeitos, não é, porém, a sabedoria deste século, nem dos príncipes deste século, que são destruídos; mas pregamos a sabedoria de Deus escondida no mistério, que nenhum dos príncipes deste século conheceu. Se, com efeito, tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória”.^[10] Escondido, portanto, esteve dos príncipes deste século o mistério do Salvador.

6 O que se pode objetar, pelo contrário, me parece poder ser resolvido, antes que por outro seja proposto: por qual razão o que escapou aos príncipes deste mundo não escapou ao demônio, que no Evangelho dizia: “Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo? Sabemos quem tu és, ó Filho de Deus”.^[11] Mas, tem presente [isto]: é o menor em malícia que reconheceu o Salvador; mas o maior no crime, o mais maldoso, o mais malvado, porque ele é o maior no mal, não pôde reconhecer o Filho de Deus. E nós também, quanto menos pertencermos ao mal, mais facilmente poderemos avançar sobre o caminho da virtude. Ao contrário, quanto mais o mal for grande em nós, maior será nosso trabalho, mais abundante nosso suor, para nos liberar de tão grande malícia.

Eis o comentário sobre o noivado de Maria.

A saudação do anjo

7 Pois, na verdade, o anjo saudou Maria com uma fórmula nova, que não pude encontrar em [nenhuma] outra parte da Escritura e da qual pouca coisa se deve dizer.

Eis, de fato, o que diz: “Ave, cheia de graça”, que em grego se diz: “*kekharitoméne*”. Não me recordo em que outra parte da Escritura eu tenha lido. Nunca essa fórmula foi dirigida a um homem: “Salve, cheio de graça”. Somente a Maria essa saudação estava reservada. Se, com efeito, Maria tivesse sabido que uma fórmula semelhante havia sido dirigida a algum outro – ela tinha, com efeito, o conhecimento da Lei e era santa e havia conhecido, por suas meditações quotidianas,^[12] os anúncios dos profetas –, nunca a haveria espantado uma saudação que lhe parecesse estranha. É por isso que o anjo lhe disse: “Não temas, Maria, porque encontraste graça aos olhos de Deus. Eis que conceberás em teu ventre, e darás à luz um filho, e o chamarás pelo nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo”.

A grandeza de Jesus

8 Também se diz de João: “Ele será grande”,^[13] e é o anjo Gabriel também que o atesta; mas quando veio Jesus, verdadeiramente grande, verdadeiramente sublime, João que, antes, fora grande, se tornou menor.^[14] João, com efeito, disse Jesus, “foi uma lâmpada ardente e brilhante, e vós quisestes exultar um instante, à sua luz”.^[15] A grandeza de nosso Salvador não apareceu quando nasceu, mas agora ela resplandece, depois que parecia ter sido esmagada pelos adversários.

9 Vê a grandeza do Senhor: “sobre toda a terra se espalhou o som de sua doutrina, e até os confins da terra suas palavras”.^[16] Nosso Senhor Jesus, porque é a “força de Deus”,^[17] espalhou-se sobre toda a terra, e atualmente está conosco, segundo o que se lê no Apóstolo: “Vós estais reunidos e meu espírito está no meio de vós com a força do Senhor Jesus”.^[18] A força do Senhor Salvador está com aqueles que, na Bretanha,^[19] estão separados de nosso continente e com aqueles que, na Mauritània, e com todos aqueles que, sob o sol, creram em seu nome. Vê, portanto, a grandeza do Salvador, como sobre toda a terra se difundiu; e, certamente, ainda não expus sua verdadeira grandeza.

10 Sobe aos céus e vê como ele enche as moradas celestes,^[20] porque “ele apareceu aos anjos”.^[21] Desce, pelo pensamento, aos abismos, e verás que ele também para lá desceu. Pois, “Quem desceu, este é o mesmo que subiu, a fim de tudo preencher”,^[22] “para que, em nome de Jesus, se dobre todo joelho no céu, na terra e nos infernos”.^[23] Reflete sobre o poder do Senhor, como preencheu o mundo, isto é, os céus, a terra e os infernos, como penetrou o próprio céu e como atingiu o cume. Lemos, com efeito, que o Filho de Deus “atravessou os céus”.^[24]

Se tu tiveres compreendido essas verdades, compreenderás igualmente que não é incidentalmente que se diz: “Ele será grande”. A obra do Senhor realiza por completo essa palavra. Grande é o nosso Senhor Jesus, seja presente, seja ausente; e ele concedeu

uma parte de seu poder também à nossa assembleia e à nossa reunião, mas para que cada um de nós mereça recebê-la, oremos ao Senhor Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 7

Lc 1,39-45

Sobre o que está escrito: "Levantando-se com pressa, Maria dirigiu-se à montanha", até aquela passagem que diz: "haverá o cumprimento do que foi dito".

A visitação

1 Os melhores vão aos menores, para que, com sua vinda, lhes possam oferecer algum benefício. Assim, também o Salvador veio até João, a fim de santificar o batismo dele.^[1] Assim que Maria ouviu o anjo anunciando que conceberia o Salvador, e que a sua prima Isabel estaria grávida, "levantando-se com pressa, dirigiu-se à montanha, e entrou na casa de Isabel". Jesus, com efeito, que estava em seu ventre, apressava-se em santificar João, colocado no ventre de sua mãe.^[2] Enfim, antes que Maria viesse e saudasse Isabel, "não exultou a criança em seu ventre"; mas, assim que Maria pronunciou a palavra que o Filho de Deus lhe sugerira no ventre de sua mãe, "a criança exultou em júbilo", e desde então Jesus fez de seu precursor um profeta.^[3]

2 Também era necessário que Maria, depois do diálogo com o anjo, muitíssimo digna de ser a mãe do Filho de Deus, subisse a montanha e morasse nas alturas.^[4] Por isso, está escrito: "Naqueles dias, Maria se levantou e se dirigiu para a montanha". Ela devia, igualmente, porque era atenta e diligente, apressar-se solícitamente e, cheia do Espírito Santo, ser conduzida às alturas, protegida pelo poder de Deus, pelo qual já havia sido recoberta. Ela veio, portanto, "a uma cidade de Judá, na casa de Zacarias, e saudou Isabel. E sucedeu que, quando Isabel ouviu a saudação de Maria, exultou a criança em seu ventre, e ficou repleta do Espírito Santo".

3 Não há dúvida de que, se Isabel ficou então repleta do Espírito Santo, foi por causa do Filho que o ficou. Não foi, com efeito, a mãe que mereceu primeiramente o Espírito Santo, mas, quando João, ainda encerrado no ventre da mãe, recebeu o Espírito Santo, Isabel, por sua vez, depois da santificação de seu filho, "ficou repleta do Espírito Santo". Poderás crer nisso, se conheceres algo semelhante a respeito do Salvador.

Lê-se que a bem-aventurada Virgem Maria profetizou, como encontramos em grande número de exemplares. Mas não ignoramos, com efeito, que, segundo outros códices, foi Isabel quem proferiu esses oráculos.^[5] Maria ficou, portanto, repleta do Espírito Santo, desde o momento em que começou a trazer em seu seio o Salvador. Desde que recebeu o Espírito Santo, criador do corpo do Senhor, e que o Filho de Deus começou a existir em seu ventre, Maria também ficou cheia do Espírito Santo.

A virgindade de Maria

4 “Exultou, pois, a criança no ventre de Isabel, e ficou repleta do Espírito Santo. Com v⁴ forte, exclamou e disse: “Tu és bendita entre as mulheres”. Nessa passagem, devemos, para que os homens simples não sejam enganados, refutar o que os hereges costumam objetar.

Com efeito, não sei quem prorrompeu em tamanha loucura a ponto de afirmar que Maria tinha sido renegada pelo Salvador, porque, depois do seu nascimento, ela teria se unido a José.^[6] [Foi] o que alguém disse; que ele tenha sabido com que intenção disse.

Se algumas vezes os hereges vos fizerem tal objeção, respondi-lhes e dissei: é, certamente, cheia do Espírito Santo que Isabel disse: “Tu és bendita entre as mulheres”. Se Maria é proclamada bendita pelo Espírito Santo, como o Salvador a pôde renegar? Quanto aos que afirmam que ela contraiu bodas depois do parto virginal, eles não têm como prová-lo; pois os que eram filhos atribuídos a José^[7] não tinham nascido de Maria, nem há nenhum texto da Escritura que mencione esse fato.^[8]

Jesus santifica os seus

5 “Tu és bendita entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre. De onde me vem que a mãe do meu Senhor venha a mim?” Estas palavras: “De onde me vem” não são sinal de ignorância, como se Isabel, muitíssimo cheia do Espírito Santo, não soubesse que a mãe do Senhor tinha vindo até ela, segundo a vontade de Deus. Mas fala com este sentido: “O que fiz de bom? Quais das minhas obras são grandes o bastante para que a mãe do Senhor venha até mim? Por qual justiça, por qual perfeição, de que fidelidade interior mereci este favor, que a mãe do Senhor venha me ver?” “Eis que, assim que a tua saudação soou aos meus ouvidos, exultou de alegria a criança em meu ventre”. Santa era a alma do bem-aventurado João e, ainda encerrada no ventre da mãe e ainda vindoura no mundo, conhecia aquele que Israel ignorava. Por isso exultou, e não simplesmente exultou, mas de alegria. Ele havia percebido, pois, que o seu Senhor tinha vindo, a fim de santificar o servo, antes que saísse do ventre da mãe.

Oxalá venha me ver, a mim que acreditei em tais mistérios, para que eu seja considerado louco pelos infieis. A própria obra e a verdade mostraram que eu não tinha acreditado em uma loucura, mas na sabedoria, porque o que é considerado loucura para eles, para mim se torna ocasião de salvação.

6 Pois, a menos que o nascimento do Salvador não tivesse sido celestial e bem-aventurado, se não tivesse algo de divino e superior à humanidade dos homens, nunca sua doutrina teria se espalhado pelo mundo inteiro. Se estivesse no ventre de Maria apenas um homem, e não o Filho de Deus, como poderia acontecer que fossem curadas, naquele tempo e agora, as múltiplas doenças, não só dos corpos, mas também das almas? Quem de nós não foi um insensato, nós, que agora temos, por causa da misericórdia de Deus, a inteligência e conhecemos a Deus? Quem nunca foi um descrente da justiça, que agora, por causa de Cristo, temos a justiça e seguimos a justiça? Quem de nós nunca esteve no erro e na perdição, que agora, por causa do advento do

Salvador, não conhecemos mais nem a hesitação nem a perturbação, mas estamos no caminho, isto é, em Jesus, que disse: “Eu sou o caminho”?^[9]

Poder sempre atual do Cristo

7 Podemos, reunindo também o que resta, ver que tudo que foi escrito sobre Jesus é reportado como divino e digno de admiração: seu nascimento, seu crescimento, seu poder e sua paixão e ressurreição existiram não só naquele tempo, mas também hoje operam em nós. Quem, pois, ó catecúmenos,^[10] vos reuniu na igreja? Qual agulhão vos impeliu a que, deixando vossas casas, vos reunais nesta assembleia? Porque não rondamos, uma a uma, vossas casas; mas [foi] o Pai onipotente que, por sua força invisível, inspirou em vossos corações, que Ele sabe serem dignos, esse ardor, para que, como a vosso contragosto e com rabugice, venhais para a fé, sobretudo no começo da vossa vida cristã, quando vós recebeis a fé da salvação com temor, tomados, por assim dizer, de medo e de tremor.

8 Suplico-vos, ó catecúmenos, não recueis. Nenhum de vós ceda ao medo e ao assombro, mas segui Jesus, que anda à vossa frente. Ele vos atrai para a salvação, vos reúne na Igreja, terrestre por enquanto, mas que, se produzirdes bons frutos,^[11] vos reunirá na “Igreja dos Primogênitos, cujos nomes estão inscritos nos céus”.^[12]

“Feliz aquela que acreditou”, e feliz aquele que acreditou, “porque haverá o cumprimento daquilo que lhes foi dito pelo Senhor”. Por isso Maria engrandece o Senhor Jesus: “Minha alma engrandece o Senhor, o meu espírito, a Deus”. Indagaremos, estudaremos e falaremos que significado têm [essas palavras], se o Senhor o permitir, quando novamente nos reunirmos na igreja; quando vireis alegres à casa de Deus e prestareis atenção à lição divina,^[13] em Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 8

Lc 1,46-51

Sobre o que está escrito: "Minha alma engrandece o Senhor", até aquela passagem, onde se lê: "Para aqueles que o temem estendeu seu poder".

O Magnificat

1 Antes de João, Isabel profetiza; antes do nascimento do Senhor Salvador, Maria profetiza. E como o pecado começou com o erro de uma mulher,^[1] para desembocar depois em um homem, assim também o princípio da salvação teve seu começo com as mulheres, a fim de que outras mulheres também, superada a fragilidade de seu sexo, imitem a vida e a conduta daquelas santas mulheres, sobretudo daquelas que agora são descritas no Evangelho. Vejamos, pois, a profecia da Virgem.

Ela diz: "A minha alma engrandece o Senhor, exultou de alegria o meu espírito em Deus, meu Salvador". Duas realidades, a alma e o espírito, se unem em um duplo louvor. A alma celebra o Senhor, o espírito, a Deus: não que um seja o louvor do Senhor e outro o louvor de Deus, mas porque aquele que é Deus é o mesmo que também é o Senhor, e aquele que é o Senhor é o mesmo que também é Deus.

A imagem de Deus

2 Pergunta-se como a alma engrandece o Senhor. Com efeito, se o Senhor não pode receber nem acréscimo nem diminuição, e se ele é o que é, em que medida pode Maria dizer: "Minha alma engrandece o Senhor"? Se considero que o Senhor Salvador é a "imagem do Deus invisível"^[2] e vejo que minha alma foi feita "à imagem do Criador",^[3] de modo que seja imagem da imagem^[4] – minha alma, com efeito, não é expressamente a imagem de Deus, mas foi criada à semelhança da primeira imagem – então compreenderei isto: a exemplo daqueles que costumam pintar imagens e utilizar o exercício de sua arte para reproduzir um modelo único, por exemplo, o rosto de um rei, cada um de nós transforma sua alma à imagem do Cristo, e traça dele uma imagem maior ou menor, ou deteriorada ou sórdida, ou clara e reluzente, correspondendo à efígie da imagem principal. Quando, pois, tiver ampliado a imagem da imagem, isto é, minha alma, e a tiver "engrandecido" por minhas obras, meus pensamentos e minhas palavras, então a imagem de Deus se tornará grande e o próprio Senhor, de quem é a imagem, será engrandecido em nossa alma. Do mesmo modo que o Senhor cresce em nossa imagem, igualmente se formos pecadores, ela diminui e decresce.

3 Mas certamente o Senhor nem diminui nem decresce; mas nós, no lugar de imagem do Senhor, nos revestimos de outras imagens; no lugar de imagem do verbo, da sabedoria, da justiça e de outras virtudes,^[5] tomamos a forma do diabo, a ponto de que

se possa dizer de nós: “serpentes, raça de víboras”.^[6] Mas revestimos a máscara do leão, do dragão e das raposas,^[7] quando somos venenosos, cruéis, astutos; e também revestimos a do bode, quando somos mais inclinados à luxúria.

Eu me lembro de um dia estar explicando uma passagem do Deuteronômio, em que está escrito: “Não façais nenhuma imagem de homem ou de mulher, a imagem de nenhum animal”^[8], que eu disse, porque a “Lei é espiritual”,^[9] que uns se fazem imagem de um homem, outros de uma mulher; que um se parece com os pássaros, que outro com os répteis e serpentes e um outro se torna semelhante a Deus. Aquele que as ler, saberá como estas palavras devem ser entendidas.^[10]

A humildade da Virgem

4 Assim a alma de Maria primeiramente “engrandece o Senhor” e depois “o espírito exulta em Deus”; se nós não tivermos crescido antes, não podemos exultar. Ela diz: “Ele voltou os olhos para a humildade de sua serva”. Para qual humildade de Maria o Senhor voltou os olhos? O que tinha a mãe do Salvador de humilde e de abjeto, que gerava o Filho de Deus no ventre? O que, portanto, disse: “voltou os olhos para a humildade de sua serva”, é tal como se dissesse: “voltou os olhos para a justiça de sua serva”, “voltou os olhos para a sua temperança”, “voltou os olhos para a sua fortaleza e a sua sabedoria”. De fato, é normal que Deus volte seus olhos para as virtudes.

Alguém objetará e dirá: “entendo como Deus volte seus olhos para a justiça e sabedoria de sua serva. Como, porém, ele pode prestar atenção na humildade, não me é claro o suficiente”. Quem se faz tais perguntas, considere que precisamente nas Escrituras a humildade é considerada como uma das virtudes.^[11]

5 O Salvador, com efeito, diz: “Aprendeis de mim porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis o repouso para vossas almas”.^[12] Porque, se queres ouvir o nome dessa virtude, como também é chamada pelos filósofos, escuta que a humildade, para a qual Deus volta os olhos, é a mesma que é chamada por eles de “*atyphía*”^[13] ou de “*metriótes*”. Mas nós podemos defini-la em uma perífrase: é o estado de um homem que não se enche de orgulho, mas se abaixa ele próprio. Quem, pois, se enche de orgulho, segundo o Apóstolo, cai “na condenação do diabo” – que, precisamente, começou pelo inchaço do orgulho e da soberba –; ele diz: “a fim de que não caia inchado de orgulho na condenação do diabo”.^[14] “Ele voltou os olhos sobre a humildade de sua serva”. Deus me olhou, disse ela, porque eu sou humilde e busco a mansidão e a sujeição.

Grandeza de Maria

6 “Eis que doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada”. Se compreendo a expressão “todas as gerações” segundo o sentido mais simples, a interpreto a respeito dos que creem. Mas se eu a perscrutar mais profundamente,

perceberei que é preferível acrescentar “porque quem é poderoso fez por mim grandes coisas”; porque “todo aquele que se humilha será exaltado”.^[15] Mas “Deus voltou os olhos para a humildade” da bem-aventurada Maria, por isso o “Todo-poderoso, cujo nome é santo, realizou grandes coisas” para ela.

“E sua misericórdia se estende de geração em geração”. E não é sobre uma, duas, três nem mesmo cinco gerações que se estende “a misericórdia” de Deus, mas eternamente, “de geração em geração. Para os que o temem, ele estendeu o poder de seu braço”. Se mesmo como enfermo te aproximares do Senhor, se o temeres, poderás ouvir sua promessa, que o Senhor te faz por causa de teu temor.

7 Que promessa é essa? “Para os que o temem, ele estendeu o poder”. O poder ou o império é um domínio real. De fato, “*krátos*”, que nós podemos traduzir por “poder”, se aplica àquele que governa ou àquele que tem tudo sob seu domínio. Se, pois, temeres ao Senhor, ele te dará a fortaleza ou o poder, te dará o Reino, de modo que, submetido ao “Rei dos reis”,^[16] possuas o “reino dos céus” em Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 9

Lc 1,56-64

Sobre o que está escrito: "Permaneceu junto a ela por três meses", até aquela passagem que diz: "E falava, bendizendo a Deus".

Transformação operada nas almas pela presença de Jesus

1 A razão, tanto dos ditos quanto dos fatos reportados [nas Escrituras], deve ser digna do Espírito Santo e da fé no Cristo, para a qual fomos chamados como crentes. Assim, devemos, agora, investigar a razão pela qual Maria, depois de haver concebido, veio para junto de Isabel e “permaneceu junto a ela por três meses”; ou qual foi a causa para que Lucas, que escrevia a história do Evangelho, inserisse nesse este versículo: “permaneceu por três meses, e depois regressou à sua casa”. Seguramente deve haver alguma razão, a qual, se o Senhor abrir nosso coração, a homilia que se segue mostrará.

Se, de fato, bastou que Maria viesse até Isabel e a saudasse, para que a criança exultasse de júbilo, e Isabel, cheia do Espírito Santo,^[1] profetizasse o que está escrito no Evangelho, e se, em uma hora apenas, tantas transformações ocorressem, resta, para a nossa reflexão, [verificar] quais progressos fez João em três meses, estando Maria junto de Isabel.

2 É verdadeiramente inconcebível que por três meses nem João nem Isabel tenham feito progressos com a proximidade da mãe do Senhor e com a presença do próprio Salvador, quando, em um segundo, instantaneamente, a criança exultou e, por assim dizer, pulou de alegria, e Isabel foi repleta do Espírito Santo. Durante esses três meses, João era, pois, treinado e recebia, por assim dizer, a unção na arena dos atletas,^[2] e era preparado no ventre da mãe, para que, maravilhosamente nascido, fosse educado mais maravilhosamente ainda. Porque foi educado de um modo inabitual, a Escritura não relata como ele foi amamentado pelos seios de sua mãe,^[3] [nem] como ele foi sustentado nos braços de uma criada, mas imediatamente [diz o que] se segue: “Ele viveu no deserto, até o tempo de sua apresentação a Israel”.^[4]

O nascimento de um justo

3 Depois, lemos: “Para Isabel, porém, o tempo de dar à luz completou-se, e ela deu à luz um filho”. Muitos consideram supérfluo dizer: “Para Isabel, porém, o tempo de dar à luz completou-se, e ela deu à luz um filho”. Qual mulher, com efeito, pode dar à luz, se não tiver completado o tempo do parto? Mas aquele que medita com muito cuidado a Escritura e ouve [São] Paulo, que diz: “Presta atenção na leitura”,^[5] pode procurar, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, se em alguma parte encontra escrito sobre o nascimento de um pecador; nunca absolutamente encontrará que

“completou-se o tempo para que desse à luz”. Mas onde quer que nasça um justo, aí os dias se completam, lá sua vinda para o mundo se completa. O nascimento de um justo tem sua plenitude, mas o nascimento do pecador é, por assim dizer, vazio e nulo. Isso é o que se refere ao que está escrito: “completou-se o tempo, para que desse à luz”.

Zacarias recobra a voz

4 Em seguida, depois do nascimento de João, “vizinhos e parentes alegravam-se” com a mãe dele e, em honra do pai, queriam dar o nome dele ao menino e chamá-lo de Zacarias. Ora, Isabel, sob inspiração do Espírito Santo, dizia: “João é seu nome”. Em seguida, quando eles buscavam os justos motivos pelos quais seria melhor que ele fosse chamado de João, quando ninguém em sua família tinha esse nome, interrogaram ao pai, que, sendo incapaz de responder, o fez com um gesto com a mão e por escrito. “Ele escreveu”, com efeito, numa tabuinha: “João é seu nome”. Assim que o estilete imprimiu a palavra sobre a cera, “sua língua”, que antes fora acorrentada, “soltou-se” e recebeu uma elocução que não era humana. Enquanto sua língua esteve presa, era humana; a incredulidade, com efeito, a havia prendido. Assim que se soltou, cessou de ser humana, e “falava bendizendo a Deus” e profetizou o que está escrito no Evangelho, sobre o qual, quando for o tempo, discorreremos, oferecendo-nos a ocasião o Senhor Jesus Cristo: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 10

Lc 1,67-76

Sobre o que está escrito: "Cheio do Espírito Santo, ele profetizou", até aquela passagem que diz: "Pois tu irás adiante do Senhor, para preparar seus caminhos".

O Benedictus

1 Cheio do Espírito Santo, Zacarias anuncia duas profecias de modo geral, a primeira sobre o Cristo, a outra sobre João. Isso claramente se confirma por suas palavras, nas quais fala de um Salvador como já presente e que viveria no mundo e, em seguida, de João. "Cheio do Espírito Santo, ele profetizou dizendo: 'Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e concedeu redenção a seu povo'". Estando Deus visitando e querendo redimir seu povo, Maria permaneceu com Isabel por três meses,^[1] depois que lhe falou o anjo, para que, por um poder especialmente infável, o Salvador presente preparasse não somente João, como dissemos da última vez, mas também Zacarias, como o Evangelho de hoje nos mostra.

2 Paulatinamente, de fato, também ele progredia durante esses três meses sob a influência do Espírito Santo e, sem o sentir, recebia a instrução de Deus e fez essa profecia acerca do Cristo, dizendo: "Que concedeu a redenção a seu povo, e suscitou o cume de salvação para nós na casa de Davi",^[2] porque "da raça de Davi segundo a carne"^[3] nasceu o Cristo.

Em verdade foi "o cume da salvação na casa de Davi", porque esta profecia já se encontra cantada: "A vinha foi plantada em um cume".^[4] Em qual cume? Em Cristo Jesus, sobre o qual agora está escrito: "Ele suscitou o cume da salvação para nós na casa de Davi, seu servidor, como foi falado pela boca dos seus santos profetas".

A libertação

3 "Para a libertação de nossos inimigos". Não pensemos que se trata agora de inimigos no sentido físico, mas dos inimigos espirituais. Veio, com efeito, o Senhor Jesus, "forte no combate",^[5] destruir todos os nossos inimigos, para nos libertar de suas armadilhas; [para nos libertar] da mão de todos os nossos inimigos, "da mão de todos os que nos odeiam". [E] "Usar de misericórdia com nossos pais".

Eu considero que, com o advento do Senhor Salvador, Abraão, Isaque e Jacó tenham usufruído da misericórdia de Deus. É inacreditável que esses homens, que previamente viram o seu dia e se alegraram,^[6] posteriormente, na sua vinda e com o [seu] nascimento de uma virgem, não tenham recebido nada de útil.

E o que direi dos patriarcas? Seguindo a autoridade das Escrituras, audaciosamente subirei ao ponto ainda mais alto, porque a presença do Senhor Jesus e a sua Encarnação

tiveram proveito não só para as coisas terrenas, mas também para as celestes. Por isso diz o Apóstolo [Paulo]: “Estabelecendo a paz, pelo sangue de sua cruz, sobre a terra e nos céus”.^[7] Se a presença do Senhor, porém, foi útil, seja na terra, seja nos céus, por que temes em dizer que seu advento também foi útil aos Patriarcas, a fim de que fosse cumprida esta palavra: “Para usar de misericórdia com nossos pais, e recordar-se de sua santa aliança, do juramento feito a Abraão nosso pai”, de nos conceder sermos libertados “sem medo da mão de nossos inimigos”?

4 Frequentemente homens são liberados da mão de [seus] inimigos, mas não “sem medo”. Pois, quando primeiramente houve medo e perigo, e, assim, alguém tiver sido libertado da mão de seus inimigos, certamente foi libertado, mas não sem temor. Assim, a vinda do Senhor Jesus nos libertou, “sem medo da mão de nossos inimigos”.

Com efeito, não conhecemos nossos inimigos e não os vimos nos atacar, mas, sem o saber, de repente, fomos arrancados de suas armadilhas e de suas ciladas. “Em um segundo e instantaneamente”,^[8] introduziu-nos na “herança e partilha dos justos”^[9] e fomos libertados “sem medo da mão dos inimigos, para servir a Deus na santidade e justiça perante ele todos os dias de nossa vida”.

A grandeza do precursor

5 “E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo”. Em minha mente indago [sobre] a razão por que Zacarias profetiza não como se falasse de João, mas ao próprio João: “e tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo”, e a sequência. De fato, era supérfluo dirigir-se a quem não ouvia e fazer uma apóstrofe a um pequenino e em lactação. [Mas] penso que posso ter encontrado esta razão: porque tudo o que foi escrito a seu respeito relata feitos maravilhosos: João maravilhosamente nasceu e, com o anúncio de um anjo, veio ao mundo; depois de Maria ter estado morando na casa de Isabel por três meses, foi posto no mundo. Porque, se duvidas que aquele imediatamente posto no mundo possa ouvir as palavras do pai e saber o que elas sejam – porque a ele é dito: “e tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo” –, considera que foram muito mais maravilhosos os acontecimentos anteriores: “eis que a voz da tua saudação mal chegou aos meus ouvidos e a criança exultou em júbilo em meu ventre”.^[10]

6 Se, com efeito, até aqui encerrado no ventre da mãe, ouviu Jesus e, ouvindo-o, exultou e alegrou-se, por que não crer que ele, uma vez nascido, tenha podido ouvir e compreender a profecia do pai que lhe diz: “e tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo; pois irás adiante do Senhor para preparar seus caminhos?”. Eu penso que Zacarias se apressou para falar com o pequenino, porque sabia que, pouquíssimo tempo depois, iria viver no deserto, e que não poderia mais ter a presença dele. “Com efeito, a criança vivia no deserto até o dia de sua manifestação para Israel”.^[11]

Também Moisés morou no deserto, mas depois de completar quarenta anos de idade fugiu do Egito e, durante outros quarenta anos, guardou os rebanhos de Jetro.^[12] João, pelo contrário, assim que nasceu, passou a viver no deserto^[13] e aquele que “foi o maior entre os nascidos das mulheres”,^[14] pareceu digno de uma educação mais elevada. É dele que fala o profeta: “eis que envio meu anjo diante de tua face”.^[15]

Com razão, é chamado anjo aquele que fora enviado adiante do Senhor e pôde ouvir e compreender, assim que nasceu, o pai que profetizava. Por isso, nós que acreditamos em tantas coisas maravilhosas, creiamos igualmente na ressurreição, creiamos também nas promessas do reino dos céus, que devem se cumprir e que o Espírito Santo nos garante quotidianamente. Receberemos tudo isso, que está escrito de modo maravilhoso, mais do que podemos perceber, em Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 11

Lc 1,80-2,2

Sobre o que está escrito: "O menino crescia e se fortificava em espírito", até aquela passagem que diz: "Esse é o primeiro recenseamento que houve, sendo governador da Síria Quirino".

O crescimento espiritual

1 Nas Sagradas Escrituras, há dois tipos de crescimento: um é corporal, quando a vontade humana em nada é útil; o outro é espiritual, quando a causa do crescimento consiste no esforço humano. O evangelista, então, fala agora desse crescimento, que citamos como segundo, isto é, o espiritual: "O menino, porém, crescia e se fortalecia em espírito". É bem o que ele diz: "crescia em espírito", não ficava na mesma medida em que havia se iniciado, mas sempre crescia nele o espírito e, a cada hora e momento, com o espírito em crescimento, sua alma também recebia incrementos. E não apenas a alma, mas também o pensamento e a inteligência acompanhavam os progressos do espírito. Não sei como podem explicar o que Deus recomenda, isto é, "crescei e multiplicai-vos",^[1] aqueles que tomam isso no sentido físico e ao pé da letra. Admitamos, pois, que "multiplicai-vos" se refira ao número, de modo que, quando, em números, se tem mais do que se tinha antes, há multiplicação. Mas isto que se segue: "crescei", não está ao nosso alcance.

2 Qual dos homens, com efeito, não quereria "acrescentar à sua estatura"^[2] [alguma medida] para se tornar mais alto? Se, portanto, algo nos é ordenado que se faça – é tolice ordenar aquilo que aquele a quem se ordene não possa cumprir – e nos é ordenado que crescamos, seguramente nos é ordenado aquilo que podemos cumprir. Queres saber como se deve entender "crescei"? Escuta o que Isaque fez, do qual se diz: "Isaque progredia e se tornava maior até se tornar grande, e grande em demasia".^[3] Sempre, pois, a sua vontade, que tendia para as melhores coisas, fazia seus progressos; sua inteligência contemplava algo mais divino e exercitava a memória, para que acumulasse mais riquezas no seu tesouro e as conservasse ali mais fielmente. E desse modo sucedeu que Isaque, que cultivou todas as suas virtudes no campo da alma, cumpriu o mandamento que consiste em "crescei".

3 É por essa razão que também João, ainda pequenino, crescia e se multiplicava; muito difícil, porém, e, entre os mortais, algo muito raro, é um pequenino crescer em espírito. "O menino, porém, crescia e se fortificava em espírito". Uma coisa é "crescia" e outra é "fortificava-se". A natureza humana é fraca e, para se tornar mais forte, precisa do auxílio divino. Nós lemos: "a carne é fraca".^[4] Com qual auxílio, portanto, deve ser fortificada? Sem dúvida alguma, com o espírito; "pois o espírito está

pronto, mas a carne é fraca”.^[5] Quem quer se tornar mais forte não deve ser fortalecido senão no espírito.

Muitos se fortalecem pela carne, se tornam mais robustos de corpo; porém, o atleta de Deus^[6] deve se robustecer pelo espírito e, quando assim estiver fortalecido, ele esmagará a sabedoria da carne e, tendo-se tornado espiritual, submeterá o corpo ao domínio da alma.^[7]

Não consideremos que isso que foi escrito sobre João, “crescia e se fortificava em espírito”, seja uma simples história e que não nos diga respeito em nada; mas, sim, que [isso foi escrito] para ser imitado por nós, para que, multiplicados espiritualmente, no sentido que dissemos, realizemos progressos.

João no deserto

4 “E ele estava no deserto^[8] até o dia de sua manifestação diante de Israel”. Eu disse recentemente o quanto a concepção de João foi extraordinária, visto que “a criança exultou de alegria no ventre de sua mãe”^[9] e, antes de ter nascido, reconheceu o seu Senhor; eu mostrei também o milagre não menos grande que foi seu nascimento, quando Zacarias profetiza e dirige a palavra à criança, como se essa estivesse ouvindo, dizendo: “E tu, menino, serás chamado profeta do Altíssimo”.^[10] Depois de tal concepção e tal nascimento, era, pois, normal que João não esperasse ser criado por seu pai e sua mãe “até o dia de sua manifestação diante de Israel”, mas era necessário também que, fugindo do tumulto das cidades, da afluência do povo, dos vícios das cidades, se retirasse nos desertos, onde o ar é mais puro e o céu mais descoberto e Deus mais familiar; para que, como nem o mistério^[11] do batismo nem o tempo da pregação haviam chegado, tivesse tempo para as orações e conversasse com os anjos,^[12] chamasse pelo Senhor e o ouvisse respondendo e dizendo: “Eis que aqui estou”.^[13] Como “Moisés falava e Deus respondia a ele”,^[14] assim creio que João tenha falado no deserto e o Senhor lhe tenha respondido.

5 Considero, porém, esse pensamento sugerido por uma razão certa, a partir da Escritura. Se, pois, “ninguém dentre os nascidos das mulheres foi maior que João Batista”,^[15] e se Deus, porém, respondeu a Moisés,^[16] consequentemente respondeu também a João, que foi maior que Moisés, que foi criado no deserto, cujo nascimento foi anunciado por um arcanjo – o mesmo arcanjo que anunciou o do Senhor –, cujo pai se tornou mudo por não acreditar que ele nasceria. João estava, pois, “no deserto” e se alimentava de uma maneira nova e segundo um costume extra-humano, segundo o que nos lembra o próprio [São] Mateus: “seu alimento, porém, eram gafanhotos e mel silvestre”.^[17]

Porque João foi, pois, o ministro da primeira vinda do Salvador, e porque ele falava unicamente da economia da Encarnação do Senhor, porque sua profecia celebrava

aquele que havia nascido de uma virgem, ele não tomou um mel que vinha de abelhas e purificado pelo cuidado dos homens, mas um mel silvestre. E o inseto voador, do qual ele fazia seu alimento, não era um inseto grande, que não se elevava ao alto, mas um inseto pequeno e que a custo se levantava do chão e saltava mais do que voava. O que dizer a mais? É dito muito claramente que os gafanhotos, animais pequeninos e limpos, foram sua comida. Considerai, pois, irmãos caríssimos, que, de uma maneira nova havia nascido, também de uma maneira nova foi alimentado.

O recenseamento do mundo inteiro

6 Depois disso, a Escritura continua: “Aconteceu que, naqueles dias, saiu um decreto de César Augusto, que se fizesse o recenseamento do mundo inteiro. Esse foi o primeiro recenseamento, sendo Quirino o governador da Síria”. Alguém diria ao evangelista: “que proveito há para mim nessa narrativa, que o primeiro recenseamento de todo o universo, no tempo de César Augusto aconteceu, e que, entre todos, também José, com a sua esposa grávida, Maria,^[18] inscrevia seu nome no censo e, antes que o recenseamento termine, Jesus tenha nascido”? Para quem olha de mais perto, esses acontecimentos parecem significar certo mistério,^[19] porque Cristo também deveria ser contado na enumeração do universo inteiro, pois queria ser inscrito com todos para santificar a todos, e ser mencionado no registro com o mundo inteiro, para oferecer ao universo viver em comunhão com ele; ele queria, depois desse recenseamento, recensear também todos os homens consigo “no livro dos viventes”,^[20] e todos os que tiverem acreditado nele, “inscrevê-los nos céus”,^[21] com os santos daquele “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 12

Lc 2,8-12

Sobre o que está escrito: "Que um anjo veio do céu e anunciou o nascimento do Senhor aos pastores".

O apelo dos pastores

1 Meu Senhor Jesus^[1] nasceu e um anjo desceu do céu anunciando seu nascimento. Vejamos então a quem o anjo foi buscar para anunciar a sua vinda. Ele não veio a Jerusalém, não buscou a escribas e fariseus, não entrou na sinagoga dos judeus, mas foi encontrar "pastores que passavam a noite a guardar seus rebanhos" e a eles diz: "nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor".

O Bom Pastor

2 Pensas que a palavra da Escritura não signifique outra coisa mais divina, mas diz apenas isto: que um anjo veio aos pastores e a eles falou? Ouvi, pastores das igrejas, pastores de Deus! Que sempre o seu anjo desça do céu e vos anuncie, porque "nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor". Porque, se aquele pastor não vem, os pastores das Igrejas não poderão, por si mesmos, proteger bem seus rebanhos: falha é sua guarda, se Cristo não guardar o rebanho e não o apascentar.

Recentemente no Apóstolo [Paulo] se leu: "somos colaboradores de Deus".^[2] Um bom pastor, que imita o Bom Pastor, é colaborador de Deus e de Cristo; e, por isso, um bom pastor é aquele que tem consigo o melhor pastor que apascenta juntamente consigo. "Deus, com efeito, colocou na Igreja apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, doutores, tudo isso para o aperfeiçoamento dos santos".^[3] E [só] isso seja dito como explicação mais imediata.

O ministério dos anjos

3 Mas, se devemos nos elevar a um entendimento mais misterioso, direi que é preciso ver, em alguns pastores, anjos que governariam as coisas humanas.^[4] Cada um desses mantinha a guarda e vigiava durante dias e noites. Mas quando já não podia suportar e desempenhar com zelo a tarefa de governar as nações que a ele haviam sido confiadas, um anjo, nascido o Senhor, veio e anunciou aos pastores que o verdadeiro Pastor havia nascido. Assim, para dar um exemplo, havia certo pastor na Macedônia que precisava do auxílio do Senhor; por isso que um macedônio apareceu em sonhos a Paulo, dizendo: "Ao passar pela Macedônia, ajuda-nos".^[5] Por que falarei de Paulo, quando essas coisas ele disse não a Paulo, mas a Jesus, que estava em Paulo? Os pastores carecem, portanto, da presença de Cristo. É por essa razão que um anjo desceu

do céu e disse: “Não temais, eis que vos anuncio, pois, um grande júbilo”.

4 Grande alegria certamente, para estes a quem estava confiado o encargo dos homens e das províncias, que o Cristo tenha vindo ao mundo. Grande vantagem obteve o anjo que governava os negócios do Egito, depois que o Senhor desceu do céu, para que os egípcios se tornassem cristãos. Foi útil a todos os anjos que governavam diversas províncias, por exemplo, para o guardião da Macedônia, o guardião da Acaia e das demais regiões.

Não é justo, com efeito, acreditar que só maus anjos presidem a cada província e que os bons anjos não tenham as mesmas províncias e regiões sob seu comando. Mas o que se diz de cada província, acredito também que se deva acreditar igualmente de todos os homens. A cada um assistem dois anjos, um da justiça, outro da iniquidade.^[6] Se houver bons pensamentos em nosso coração e a justiça for abundante em nossa alma, sem dúvida que em nós estará falando o anjo do Senhor.^[7] Mas se houver maus pensamentos agitando em nosso coração, falará em nós o anjo do diabo.^[8] Como, portanto, para cada homem há um par de anjos, do mesmo modo, a meu ver, há em cada província anjos diferentes, tanto há os bons quanto há os maus.

5 Por exemplo, anjos péssimos eram os guardiães de Éfeso, por causa daqueles que, naquela cidade, eram pecadores. Mas, porque lá se encontravam muitos crentes, havia também o anjo, verdadeiramente bom, da igreja dos efésios. E é preciso aplicar a todas as províncias o que dissemos a respeito de Éfeso.

Antes da vinda do Senhor Salvador, os anjos tinham um poder bem restrito para ajudar aqueles que lhes eram confiados, seus esforços não eram seguidos de resultados muito significativos. Que sinal dar desse poder limitado dos anjos que possa ser útil àqueles que lhes são submetidos? Escuta o que dizemos: Quando o anjo dos egípcios ajudava os egípcios, a duras penas um prosélito acreditava em Deus; e isso acontecia com um anjo ocupando-se dos egípcios.^[9]

6 Enfim, muitos dos egípcios e dos idumeus acolhiam a fé em Deus. Por isso a Escritura diz: “Tu não abominarás o egípcio, e o idumeu, porque é teu irmão. Se seus filhos nascerem, até a terceira geração entrarão na igreja de Deus”.^[10] E assim acontecia que de todas as nações apenas alguns se tornavam prosélitos e isso mesmo graças aos esforços dos anjos, que tinham submissas as nações.

Agora, porém, os povos dos que creem acedem à fé em Jesus, e os anjos, a quem haviam sido confiadas as igrejas, revigorados pela presença do Salvador, conduzem numerosos prosélitos para que sejam congregadas em toda a terra as pequenas comunidades dos cristãos.^[11] Por isso, levantando-nos,^[12] louvemos ao Senhor, e, no lugar do Israel carnal, tornemo-nos o Israel espiritual. Bendigamos ao Deus onipotente por obra, pensamento, palavra, em Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 13

Lc 2,13-16

Sobre o que está escrito: "E se juntou uma multidão do exército celeste" até aquela passagem que diz: "Eles encontraram Maria e Jesus colocado numa manjedoura".

O cântico dos anjos

1 Nosso Senhor e Salvador nasce em Belém, e “uma multidão do exército celeste louva a Deus e diz: Glória a Deus nas alturas, e sobre a terra paz aos homens, objetos da benevolência divina”.^[1] Assim fala “A multidão do exército celeste”, porque ela já havia falhado em oferecer seu auxílio aos homens, e porque via que não podia cumprir o que lhe havia sido confiado sem aquele que verdadeiramente podia salvar e também ajudar aos próprios guias dos homens, para que os homens fossem salvos. Como está escrito no Evangelho, que alguns homens estavam já cansados de ter sulcado o mar contra ventos contrários e, tendo penado vinte e cinco ou trinta estádios,^[2] não podiam alcançar o porto, e depois o Senhor sobreveio e fez acalmar as ondas tumultuosas e livrou o navio de um perigo iminente, cujos flancos de ambos os lados recebiam golpes das ondas.^[3]

2 Entende assim por que também os anjos queriam evidentemente oferecer aos homens o [seu] auxílio e lhes conceder a saúde, curando-os de suas doenças: porque “todos são espíritos servidores, enviados a serviço por aqueles que haverão de obter sua salvação”;^[4] e, quanto estivesse em suas forças, ajudavam aos homens; viam, porém, que seus remédios eram muito inferiores em relação ao que seus cuidados exigiam.

Vamos adiante, para que possas entender a partir de um exemplo o que dizemos.

Imagina uma cidade na qual muitos estejam doentes e se lance mão frequentemente de muitos médicos.^[5] Imagina que haja feridas de todo tipo e que a gangrena penetre espalhando-se quotidianamente pela carne moribunda, enquanto os médicos, porém, empregados para curar essas feridas, não podem encontrar outros medicamentos e triunfar sobre a grandeza desse mal pela ciência da sua profissão. Enquanto tudo está em tal estado, chega um médico extraordinário, que tenha o sumo conhecimento em sua profissão, e aqueles que anteriormente não haviam podido curar, verificando que, pela mão do mestre, as gangrenas das feridas cessam, não ficam com inveja, não são torturados de ciúme, mas irrompem em louvores ao arquimédico e celebram altamente a Deus, que enviou, a eles e aos doentes, um homem de tamanha ciência.

3 Assim, é por uma razão semelhante que se ouve uma multidão do exército dos anjos dizer: “Glória a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens, objetos da benevolência divina”. Pois, depois que o Senhor veio à terra, “pacificou pelo sangue de

sua cruz os seres que estavam na terra, bem como os que estavam no céu”.^[6] Assim, os anjos, querendo que os homens se recordassem de seu Criador – uma vez que houvessem feito tudo que estava em suas forças para curá-los, e esses não tivessem querido receber a saúde –, se voltam para aquele que pôde curar e, glorificando-o, dizem “Glória a Deus nas alturas, e na terra paz aos homens, objetos da benevolência divina”.

Resposta a uma objeção

4 Um leitor atento da Escritura perguntar-se-á como o Salvador diz: “Não vim trazer a paz à terra, mas a espada”,^[7] e agora os anjos em seu nascimento cantam: “Paz na terra”, assim como, igualmente, em outra passagem, a respeito de sua própria pessoa, é dito: “Eu vos dou a minha paz, vos deixo a paz; eu dou a paz, não como este mundo dá a paz”.^[8] Vejamos, então, se o que trazemos aqui permite resolver a questão. Se estivesse escrito: “Paz na terra” e aí a frase terminasse aí, a objeção surgiria com propriedade. Mas, na realidade, o que foi acrescentado, isto é, o que é dito depois de “paz”: “aos homens, objetos da benevolência divina”, resolve a questão. Também a paz que o Senhor não dá “à terra” não é a “paz da benevolência divina”. Ele não diz, pois, tão simplesmente: “não vim trazer a paz”, mas faz um acréscimo: “à terra”; inversamente não diz: “não vim trazer à terra a paz da benevolência divina”.^[9]

O anjo das igrejas

5 Estas palavras os anjos falaram aos pastores, não as falavam apenas naquele tempo, mas até hoje falam. Se os anjos não tivessem falado aos pastores e, assim, não tivessem unido sua obra à deles, seria dito a eles: “Se o Senhor não tiver edificado a casa, em vão trabalham aqueles que a edificam; se o Senhor não tiver guardado a cidade, em vão vigia quem a guarda”.^[10] Se se permite falar com audácia a quem segue o sentido das Escrituras, para cada igreja há dois bispos, um visível, outro invisível;^[11] esse, visível de modo claro para a inteligência, aquele visível pela carne. E como um homem é louvado pelo Senhor, se tiver cumprido bem a incumbência a ele confiada – se a tiver cumprido mal, ele subjazerá à culpa e ao vício –, assim também [acontece] para um anjo. Está escrito no Apocalipse de [São] João: “Mas tens aí poucos nomes que não tenham máculas”.^[12] Ou ainda isto, um pouco antes: “Tens aí quem ensine a doutrina dos nicolaítas”,^[13] e novamente: “Tens aí quem comete tal ou tal pecado”, e assim são acusados os anjos a quem foram confiadas as igrejas.

6 Se os anjos têm, pois, inquietude sobre como governar as igrejas, que necessidade há de falar dos homens, de quanto medo devem ter para que possam obter, com a colaboração dos anjos, a salvação? Eu acredito que se podem encontrar, ao mesmo tempo, um anjo e um homem como bons bispos para uma igreja e, de certo modo, que podem ser partícipes de uma única obra. Se é assim, peçamos ao Deus onipotente que os

bispos das igrejas, anjos e homens, sejam para nós uma ajuda, e saibamos que uns e outros são julgados pelo Senhor em nosso lugar. Mas se eles forem julgados, e não forem encontrados nem vício nem pecado que redunde em sua incúria, mas em nossa negligência, nós seremos acusados e castigados. Ainda que eles façam, pois, todas as coisas e se esforcem por nossa salvação, nós não estaremos livres dos pecados. Entretanto, frequentemente sucede que, apesar de nosso trabalho, eles não desempenham seu dever e têm culpa.

O mistério do presépio

7 E aconteceu, diz a Escritura, que os pastores disseram uns aos outros, quando os anjos os deixaram para voltar ao céu: “Passemos até Belém, e vejamos a realização desta palavra que o Senhor nos fez conhecer. E eles vieram depressa e encontraram Maria, José e o menino”. Porque haviam vindo depressa, e não devagar, nem com passo cansado,^[14] eles encontraram José, que havia preparado tudo^[15] para o nascimento do Senhor e Maria, que deu à luz Jesus, e o próprio Salvador “deitado numa manjedoura”. A manjedoura era aquela da qual o profeta anunciou o oráculo, dizendo: “O boi conheceu seu proprietário, e o asno a manjedoura de seu senhor”.^[16] O boi é um animal puro, o asno é um animal impuro. “Conheceu o asno a manjedoura de seu senhor”. Não foi o povo de Israel que conheceu a manjedoura de seu senhor, mas um animal impuro vindo dos pagãos: “Ora, diz a Escritura, Israel não me conheceu, e meu povo não me compreendeu”.^[17] Compreendamos o sentido deste presépio, esforcemo-nos por descobrir o Senhor, mereçamos conhecê-lo e assumi-lo, não somente sua natividade e sua ressurreição da carne, mas também o segundo advento glorioso da majestade daquele “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos”.

HOMILIA 14

Lc 2,21-24

Sobre o que está escrito: "Quando, porém, estivessem completos os dias de sua circuncisão", até aquela passagem que diz: "Um par de rolas ou dois filhotes de pombas".

A circuncisão espiritual

1 O Cristo, "em sua morte, morreu ao pecado";^[1] não que ele próprio tenha pecado – "pois não cometeu pecado, e não foi encontrado engano em sua boca"^[2] – mas morreu, para que, graças à sua morte pelos pecados, nós que morremos, não vivêssemos mais absolutamente no pecado e nos vícios. Donde está escrito: "Se nós morremos com ele, nós viveremos também com ele".^[3] Como, portanto, "morremos com ele" então, quando ele morria, e ressuscitamos para aquele que ressuscita, assim com ele fomos circuncidados e, depois da circuncisão, fomos purificados com uma purificação solene. Daí que já não carecemos de circuncisão carnal. E, a fim de que saibas que, por nossa causa, ele foi circuncidado, ouve o que Paulo muito claramente proclama: "Nele", diz [Paulo], "habita corporalmente toda a plenitude da divindade, e sois cumulados naquele que é a cabeça de todo principado e todo poder; nele também fostes circuncidados com uma circuncisão que não é de mão de homens, pelo despojamento de vosso corpo carnal, na circuncisão do Cristo; sepultados com ele no batismo, nesse batismo também fomos ressuscitados com ele pela fé no poder de Deus que o ressuscitou dos mortos".^[4] Sua morte, sua ressurreição e sua circuncisão se fizeram por nós.

O nome de Jesus

2 "Quando os dias da circuncisão do menino tinham sido completados", diz [a Escritura], "chamaram-no pelo seu nome, Jesus, porque havia sido assim nomeado pelo anjo, antes de sua concepção". Não seria conveniente que este nome, Jesus, glorioso e eminentemente digno de receber todas as homenagens, adoração e culto,^[5] "nome que está acima de todo nome",^[6] fosse mencionado em primeiro lugar por homens, nem que fosse introduzido por eles no mundo, mas por determinada natureza mais excelente e mais perfeita. Por isso o evangelista acrescentou, dizendo expressamente que "chamaram-no pelo seu nome, Jesus, porque havia sido assim nomeado pelo anjo, antes de sua concepção no ventre [da Virgem]".

A purificação de Jesus

3 Depois prosseguiu [dizendo]: "como haviam-se completado os dias da purificação deles, segundo a lei de Moisés, conduziram o menino a Jerusalém". Por causa, diz [o evangelista], da purificação "deles". O que quer dizer esse "deles"? Se estivesse escrito:

por causa da purificação dela, isto é, de Maria, que havia dado à luz, nenhuma questão se levantaria, e diríamos com certa audácia que Maria, que pertencia ao gênero humano, tinha necessidade de purificação depois do parto.^[7] Mas agora, sobre aquilo que se diz: “os dias da purificação deles” não parece tratar-se de uma só pessoa, mas de duas ou mesmo de várias outras. Jesus, então, necessitou de purificação e foi impuro ou sujo de alguma impureza?

Talvez pareça que eu fale temerariamente, mas sou levado pela autoridade das Escrituras. Vê o que está escrito em Jó: “ninguém é isento de impureza, nem se de um único dia tiver sido sua vida”.^[8] Não disse: “ninguém está isento de pecado”, mas: “ninguém está isento de impureza”. Pois “impurezas” não significam o mesmo que “pecado”; e para que saibas que “impureza” significa uma coisa e “pecado” significa outra, Isaías muito claramente ensina, dizendo: “o Senhor lavará a impureza dos filhos e das filhas de Sião, e limpará o sangue espalhado no meio deles, lavará a impureza no sopro do julgamento e o sangue no sopro da destruição”.^[9]

4 Toda alma, revestida de um corpo humano, tem suas impurezas. Para que saibas, porém, que Jesus também foi sujado, por sua própria vontade – porque, em favor de nossa salvação, havia assumido um corpo humano –, escuta o profeta Zacarias dizendo: “Jesus estava vestido com vestes sujas”.^[10] Essa frase é dirigida contra os que afirmam que o corpo do Senhor não era um corpo humano, mas que tinha sido formado de elementos celestes e espirituais. Se, com efeito, seu corpo foi formado de elementos celestes e, segundo os partidários dessa afirmação errônea, de matéria astral e de uma outra natureza mais sublime e mais espiritual,^[11] respondam: como um corpo espiritual poderia ser impuro, e como interpretam isto que temos [na Escritura]: “Jesus estava vestido com vestes sujas”?^[12] Se, porém, tiverem sido compelidos pela necessidade de aceitar que é entendido “corpo espiritual” como “vestes sujas”, devem consequentemente dizer que aquilo que é dito nas promessas deve cumprir-se, isto é: “é semeado um corpo animal, e ressuscita um corpo espiritual”,^[13] e que devemos ressuscitar impuros e sujos, o que é até abominável pensar, sobretudo quando se sabe que está escrito: “semeado na corrupção, o corpo ressuscitará na incorrupção; semeado na ignomínia, ressuscitará na glória; semeado na fraqueza, ressuscitará na força; semeado corpo animal, ressuscitará corpo espiritual”.^[14]

5 Foi necessário, pois, para nosso Senhor e Salvador, que “estava vestido com vestes sujas”^[15] e tinha assumido um corpo terrestre,^[16] que fossem oferecidas as coisas que, segundo a lei e o costume, purificava as impurezas.

Movido pela ocasião da passagem, volto a tratar uma questão sobre a qual [nossos] irmãos frequentemente se interrogam entre si. As crianças são batizadas “para a remissão dos pecados”;^[17] de quais pecados? Ou, em qual tempo pecaram? Ou, como pode subsistir um motivo para o lavacro dos pequeninos, se não segundo aquela

interpretação da qual falamos há pouco: “ninguém é isento de impureza, nem se de um único dia absolutamente for a sua vida sobre a terra?”^[18] E porque, pelo mistério do batismo, as impurezas do nascimento são tiradas, por esse motivo são batizados também os pequeninos,^[19] porque “se alguém não tiver renascido da água e do espírito, não poderá entrar no reino dos céus”.^[20]

O mistério do batismo

6 “Quando”, diz [o evangelista], “havam sido completados os dias da purificação deles”, o cumprimento dos dias tem também uma significação mística. A alma, com efeito, não é purificada assim que nasce, e no próprio nascimento ela não pode atingir a pureza perfeita. Mas, como está escrito na Lei: “Se uma mãe deu à luz uma criança do sexo masculino, por sete dias se sentará no sangue impuro, e, em seguida, por trinta e três dias, no sangue puro, e, por fim, a criança e a mãe se sentarão em um sangue puríssimo”,^[21] e porque a “Lei é espiritual”^[22] e “sombra dos bens futuros”,^[23] podemos compreender assim: que nossa verdadeira purificação acontece depois de certo tempo. Eu penso que, mesmo depois da ressurreição dos mortos,^[24] necessitaremos de um mistério para nos lavar e nos purificar – ninguém, com efeito, poderá ressuscitar sem impurezas –, e que não se pode encontrar nenhuma alma que esteja isenta instantaneamente de todos os vícios. Assim, na regeneração do batismo cumpre-se um mistério: que, como Jesus foi purificado por uma oferenda, segundo a economia da Encarnação, assim nós também devemos igualmente ser purificados por uma regeneração espiritual.

Jesus oferecido no templo

7 “Eles conduziram o menino a Jerusalém, segundo a Lei de Moisés, para oferecê-lo à presença do Senhor.” Onde estão aqueles que negam o Deus da Lei, que afirmam que Cristo anunciou no Evangelho não esse, mas outro Deus?^[25] “Deus enviou seu filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei”.^[26] Deve-se, então, pensar que o Deus bom teria submetido seu filho à lei do Criador e ao poder de um inimigo, um poder que ele próprio não havia dado? Antes, diz [a Escritura] que ele nasceu sob a Lei “a fim de resgatar aqueles que estavam sob a Lei”^[27] e de submetê-los a uma outra lei, que acaba de ser mencionada na leitura do texto: “Estai atentos à minha lei, ó meu povo”^[28], e a sequência. Eles levaram, pois, o menino para colocá-lo diante da presença do Senhor. Em qual passagem da Escritura se encontra o preceito que eles cumprem? Certamente, a Escritura diz, nesta: “Como está escrito na Lei de Moisés”: “Toda criança do sexo masculino, que é o primeiro a passar pela vulva, será consagrado ao Senhor”,^[29] e ainda: “três vezes ao ano, toda a população masculina se apresentará diante do Senhor Deus”.^[30] Os filhos do sexo masculino, que eram os primeiros a passarem pela vulva da mãe, eram oferecidos diante do altar do Senhor. “Todo filho do sexo masculino”, diz [a

Escritura], “que passa pela vulva”, [então,] ressoa como algo sagrado. Afinal, dirias: “qualquer [nascido] do sexo masculino que tenha saído de um ventre”; e não assim: “que passa pela vulva da mãe”, como o Senhor Jesus, porque, para todas as mulheres, não é o nascimento de uma criança passando pela vulva que a abre, mas o coito com um varão.

8 Para a mãe do Senhor, seu seio se abriu no próprio momento do parto,^[31] visto que, antes do nascimento do Cristo, nenhum ser do sexo masculino absolutamente tinha se aproximado desse ventre consagrado e digno do maior respeito. Ouso tratar desse assunto porque, quanto ao que está escrito: “O Espírito de Deus virá sobre ti e a virtude do Altíssimo cobrir-te-á com sua sombra”,^[32] terá sido o princípio da semente e da concepção, e o novo feto se desenvolveu no ventre de Maria, que não fora aberto.^[33] Por isso também o próprio Salvador diz: “Eu, porém, sou um verme e não um homem, o opróbrio dos homens e a abjeção da ralé”.^[34] No seio materno, ele via a impureza dos corpos e, cercado como estava pelas entranhas de sua mãe, sofria as estreitezas da “lama” terrestre;^[35] é por isso que ele se compara a um verme terrestre: “Eu, porém, sou um verme, e não um homem”.^[36] [Como se dissesse:] “o ser humano nasce normalmente da conjunção de um homem e de uma mulher, mas eu não nasci de tal encontro, segundo a lei da natureza humana; eu nasci como um verme que não encontra sua origem num germe estranho, mas nos próprios corpos em que se desenvolve”.

9 Porque “toda criança do sexo masculino, que é a primeira a passar pela vulva, será chamada santo para o Senhor”,^[37] Jesus foi conduzido “a Jerusalém”, a fim de ser levado à presença do Senhor e igualmente “a fim de oferecer em sacrifício por ele o que é indicado na Lei: um par de rolas ou dois filhotes de pombas”.

Vemos um par de rolas e dois filhotes de pombas oferecidos pelo Salvador. Quanto a mim, considero felizes essas aves oferecidas em sacrifício pelo nascimento do Senhor; e, como admiro a jumenta de Balaão^[38] e a ponho no cúmulo da felicidade – porque foi digna não somente de ver o anjo de Deus, mas também de, de uma boca fechada, irromper em uma linguagem humana –, do mesmo modo celebro ainda bem mais e elevo muito alto essas aves, porque foram oferecidas diante do altar para nosso Senhor e Salvador. “A fim de oferecer por ele um par de rolas ou dois filhotes de pombas”.

10 Pareceria introduzir talvez algo de novo, mas pouco digno da grandeza do assunto. Como a geração do Salvador foi uma novidade, visto que não foi a partir [da união] de um homem e de uma mulher, mas somente de uma única virgem, assim tanto o par de rolas quanto os dois filhotes de pombas não foram tais como os vemos com os olhos da carne, mas representam o Espírito Santo, que “desceu na forma de pomba” e veio^[39] sobre o Salvador, quando foi batizado no Jordão. Tal sucedeu também com o par de rolas: aquelas aves não eram como estas que esvoaçam pelos ares; algo de divino e mais sublime aparecia à contemplação humana sob a forma de uma pomba e de uma rola, de modo que aquele que nascia e devia sofrer pelo mundo inteiro não seria

purificado, aos olhos do Senhor, com as mesmas vítimas que todos os homens; mas porque a economia divina renovava tudo, assim também teria novas vítimas, segundo a vontade de Deus onipotente, em Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 15

Lc 2,25-29

A respeito de Simeão e de sua vinda ao templo, impelido pelo Espírito, até aquela passagem, em que diz: "Agora, Senhor, podes deixar ir em paz o teu servo".

O Nunc dimittis

1 Deve-se buscar uma razão conveniente para explicar como a graça de Deus para com Simeão, “varão santo e agradável a Deus”, como está escrito no Evangelho, “esperando a consolação de Israel, recebeu uma garantia^[1] do Espírito Santo de que não haveria de morrer antes que visse o Cristo Senhor”. Em que lhe foi útil ver o Cristo? Foi-lhe prometido somente o ver Cristo, sem que nada dessa visão lhe redundasse de útil, ou se oculta na promessa algum dom digno de Deus que o bem-aventurado Simeão tanto mereceu quanto recebeu?

“Uma mulher tocou a orla da veste de Jesus e foi curada”.^[2] Se essa mulher obteve tanta vantagem com a extremidade da veste, o que se deve pensar de Simeão, que, em seus braços recebeu e segurou a criança, se alegrava e se rejubilava, vendo o pequenino que ele trazia nos braços e que viera libertar aos cativos – e também ele próprio haveria de ser liberto dos nós do corpo –, sabendo que ninguém podia fazer alguém sair da prisão do corpo com esperança da vida futura senão aquele que segurava nos braços?

2 Por isso também é a ele que [Simeão] se dirige: “Agora, Senhor, podes deixar ir o teu servo em paz”. Com efeito, [era como se Simeão dissesse]: “por tanto tempo não segurei o Cristo; por tanto tempo não o apertava em meus braços; eu estava preso e não podia sair de meus laços”. Mas se deve entender isso aplicado não só a Simeão, mas a toda a raça humana. Se alguém sai do mundo, se alguém é libertado tanto do cárcere quanto da casa dos cativos, que vá viver como rei, que tome Jesus em suas mãos,^[3] e o cerque com seus braços, tenha-o todo em seu colo, e então poderá exultante ir-se para onde desejar.^[4]

Considerai quanta organização foi preparada para que Simeão tenha merecido segurar o Filho de Deus: primeiro havia recebido a garantia do Espírito Santo de que não veria a morte, se não que antes tivesse visto o Cristo.

3 Depois, não entrou no templo fortuita e simplesmente, mas “veio ao templo conduzido pelo Espírito de Deus”; pois “todos aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus”.^[5] O Espírito Santo, portanto, o conduziu ao templo. Tu também, se queres segurar Jesus e abraçá-lo com as mãos e tornar-te digno de sair do cárcere, esforça-te com todo afinco para que tenhas como condutor o Espírito de Deus e venhas ao templo de Deus. E eis que estás de pé no templo do Senhor Jesus,

isto é, em sua igreja. Esse templo é construído “de pedras vivas”.^[6] Estás de pé, porém, no templo do Senhor, quando tua vida e tua conduta forem bastante dignas do nome que designa a Igreja.

Morrer na paz

4 Se vieres “ao templo conduzido pelo Espírito”, encontrarás o pequenino Jesus, o elevarás em teus braços e dirás: “Agora, Senhor, podes deixar ir teu servo em paz, segundo a tua palavra”. E presta atenção, ao mesmo tempo, que a paz se acrescenta à soltura e ao livramento. Pois Simeão não diz [simplesmente]: “quero que me deixes ir”; mas “podes deixar ir”, com o acréscimo: “em paz”. Na verdade, foi prometida esta mesma coisa ao bem-aventurado Abraão: “Tu, porém, irás em paz a teus pais, depois de ter vivido em uma feliz velhice”.^[7] Quem é que poderia morrer na paz, senão aquele que tem a paz de Deus, “que supera toda inteligência e guarda o coração”^[8] de quem a possui? Quem é que pode deixar este mundo na paz, senão aquele que compreende “que em Cristo Deus reconciliava consigo o mundo”,^[9] aquele que nenhuma inimizade e oposição fez a Deus, mas que, depois de ter atingido, por suas boas obras, a plenitude da paz e da concórdia, vai-se na paz reencontrar os santos patriarcas, para junto dos quais também Abraão partiu?

5 Mas por que falar dos patriarcas? Vai-se para junto do próprio Jesus, príncipe e senhor dos patriarcas, do qual se diz: “é melhor libertar-se pela morte e estar com o Cristo”.^[10] Tem Jesus aquele que ousa dizer: “Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim”.^[11] A fim de que nós também, de pé no templo, segurando o Filho de Deus e abraçando-o com nossos braços, sejamos dignos de ser libertos e de partir para realidades melhores, oremos ao Deus onipotente, oremos também ao pequenino Jesus, com quem desejamos conversar e a quem queremos segurar nos braços, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 16

Lc 2,33-34

Sobre o que está escrito: "Seu pai e sua mãe admiravam-se das coisas que eram ditas sobre ele", até aquela passagem que diz: "eis que ele foi estabelecido para a queda e soerguimento de um grande número em Israel".

A admiração de José e de Maria

1 "Seu pai e sua mãe", diz [o evangelista], admiravam-se das coisas que eram ditas sobre ele". Reunamos o que, no nascimento de Jesus, foi dito e escrito a seu respeito; então poderemos saber o quanto cada coisa é digna de admiração. Por que se admirava tanto seu pai – assim, com efeito, foi chamado, porque foi seu pai de criação – quanto se admirava sua mãe de todas as coisas que eram ditas sobre ele? Quais são, então, as maravilhas que a boataria havia espalhado sobre o pequenino Jesus?

Naquela região, estavam os pastores que vigiavam e montavam a guarda pelas noites sobre seu rebanho. Na mesma hora do nascimento de Jesus, veio um anjo e lhes disse: "Eu vos anuncio um grande júbilo: ide e encontrareis um recém-nascido envolto em panos e colocado numa manjedoura. Mal o anjo acabara de pronunciar essas palavras, e eis que uma multidão do exército celeste começou a louvar e bendizer a Deus".^[1] Como os pastores houvessem percebido apavorados essa aparição, e "o anjo tivesse se afastado deles, disseram entre si uns aos outros: Vamos a Belém e vejamos o evento que o Senhor nos fez conhecer".^[2] Vieram e encontraram o recém-nascido. Eles também se admiravam, tanto quanto seus pais, do que tinha acontecido.

2 Tudo isso aumentou os comentários, e o que está escrito sobre Simeão foi a maior parte da maravilha. Ele, com efeito, segurou o menino em seus braços e disse: "Agora, Senhor, podes deixar ir teu servo na paz, segundo a tua palavra, porque meus olhos viram tua salvação".^[3] O discurso de Simeão foi o que houve de mais elevado, o cume, por assim dizer, de todas as coisas de que tanto o seu pai quanto a sua mãe se jactavam e se admiravam acerca de Jesus.

Não bastou, pois, para Simeão segurar o recém-nascido e proclamar o que está escrito a respeito dele, mas bendisse a seu pai e à sua mãe, e sobre o próprio recém-nascido profetizou dizendo: "Eis que este [menino] foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e em sinal de contradição. Quanto a ti, uma espada te transpassará a alma, para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações".^[4]

3 Que significam estas palavras: "Eis que este [menino] foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel"? Encontrei algo similar a isso no Evangelho segundo [São] João: "Eu vim para o mundo para julgá-lo, a fim de que os cegos vejam e

os que veem se tornem cegos”.^[5] Do modo que veio, pois, para cumprir o julgamento, para que “os cegos”, vindos dos gentios, “pudessem ver” e os de Israel, que antes viam, “se tornassem cegos”, assim veio “para a queda e soerguimento de muitos”. No advento do Senhor Salvador, com efeito, os que se haviam mantido de pé, arruinaram-se e os que haviam caído, se levantaram. Esta é a única interpretação do que está escrito: “Eis que este [menino] foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel”.^[6]

Exemplo de exegese contra os pseudognósticos

4 Mas há também um sentido mais profundo a ser entendido, sobretudo para responder àqueles que ladram^[7] contra o Criador e que, reunindo daqui e dali testemunhos do Antigo Testamento que não entendem, “induzem em erro os corações dos homens simples”.^[8] Dizem, pois: “eis o Deus da Lei e dos profetas, vejam o que ele é: ‘Eu’, diz ele, ‘matarei e devolverei a vida, golpearei e curarei, e não há quem possa escapar das minhas mãos’”.^[9] Eles ouvem: “eu matarei”, mas não ouvem: “eu devolverei a vida”; ouvem: “golpearei”, mas negligenciam ouvir: “e curarei”. Desse modo, caluniam com tais ocasiões o Criador.^[10]

5 Assim, antes que eu interprete qual sentido pode ter a frase: “Eu matarei e devolverei a vida, golpearei e curarei”,^[11] lhes oporei o testemunho do Evangelho e direi contra os hereges (pois há grande número de heresias que admitem o Evangelho segundo [São] Lucas): se o Criador é sanguinário e um juiz cruel somente porque diz: “Eu matarei e devolverei a vida, golpearei e curarei”, é evidentíssimo que Jesus é o Filho do Criador. A mesma coisa, com efeito, foi escrita a seu respeito: “Eis que este [menino] foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel”, não somente “para o soerguimento”, mas também “para a queda”. Se matar é um mal, seria um mal também vir “para a queda”. O que responderão? Afastar-se-ão de seu culto, ou, então, procurarão alguma outra interpretação e escapatória, apelando ao sentido figurado, para que ter vindo “para a queda” signifique mais bondade do que austeridade?

6 E como será justo, quando se encontra no Evangelho uma frase desse tipo, recorrer a alegorias e novas interpretações,^[12] quando se está no Antigo Testamento, imediatamente acusar e não aceitar nenhuma explicação, ainda que seja verossímil? Mas e esta passagem que segue: “Eu vim para o mundo, para julgá-lo, a fim de que os cegos vejam e os que veem se tornem cegos”,^[13] ainda que busquem explicá-la, não poderão lhe dar o sentido. [Mas] eu opto por pertencer à Igreja^[14] e não ser nomeado por um heresiarca qualquer, mas pelo nome de Cristo e ter esse nome que é bendito sobre a terra, e desejo ser chamado de cristão tanto pelas obras quanto pelos pensamentos; assim busco na antiga e na nova Lei um método igual de interpretação.

Morte ao “homem velho”

7 Deus diz: “Eu matarei”.^[15] Eu aceito de bom grado que Deus mate. E quando há em mim um homem velho, e que vivo ainda como homem terrestre, desejo que Deus mate em mim o homem velho e me ressuscite dentre os mortos. “O primeiro homem, com efeito, diz o Apóstolo, oriundo da terra, é terrestre; o segundo homem, vindo do céu, é celeste. Como revestimos a imagem do terrestre,^[16] revistamos também a imagem do celeste”.^[17] Segundo essa interpretação, compreende-se também aquele versículo: “Eu vim para o mundo para julgá-lo, a fim de que os cegos vejam e os que veem se tornem cegos”.^[18] Todos nós homens, temos a visão e, ao mesmo tempo, somos cegos. Adão gozava da visão e, ao mesmo tempo, estava cego. Eva também, antes que seus olhos fossem abertos, gozava da visão. Diz a Escritura: “A mulher viu que a árvore era boa para comer e muito agradável de se ver, e, tomando do fruto da árvore, comeu e deu a seu marido, e comeram”.^[19] Eles não eram, pois, cegos, mas eles viam.

8 Depois, segue-se: “E seus olhos se abriram”.^[20] Eles tinham, pois, sido cegos e não viam, e seus olhos carnis depois se abriram; mas seus olhos espirituais que, antes, viam bem, depois que transgrediram o mandamento do Senhor começaram a ver mal e, insinuando-se o pecado da desobediência, perderam em seguida a visão.^[21] Eu compreendo assim esta palavra que Deus pronuncia: “Quem fez o mudo e o surdo, aquele que vê e aquele que não vê? Não sou eu, o Senhor Deus?”^[22]

Há o olho corporal, com o qual olhamos estas realidades terrestres, olho segundo a inteligência da carne,^[23] do qual a Escritura diz: “Em vão avança aquele que está inflado do pensamento carnal”.^[24] [Mas] temos também outro olho, oposto ao primeiro e melhor que ele, capaz de ter o sabor das coisas divinas; olho que, porque era cego em nós, Jesus veio para fazer enxergar; para que aqueles que não enxergavam pudessem enxergar; e para que aqueles, porém, que enxergavam, se tornassem cegos.^[25] É nesse sentido que se deve compreender o texto que temos atualmente entre as mãos: “Eis que este [menino] foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel”.

9 Tenho algo em mim que mal se mantém de pé e se eleva pelo orgulho do pecado: que isto caia, que isto desmorone, porque, se tiver caído, aquilo que antes havia desabado, levantando-se, por-se-á de pé. O meu “homem interior”^[26] jazia outrora por terra, esmagado, e o “homem exterior”^[27] se erguia bem ereto. Antes que eu tivesse a fé em Jesus, o que havia de bom em mim jazia por terra; o que havia de mal, se mantinha ereto.^[28] Depois que Jesus veio, o mal em mim deixou de existir, desmoronou e cumpriu-se aquele texto: “Trazendo sempre em nosso corpo a morte de Jesus”^[29], e aquele outro: “Fazei morrer, pois, em vossos membros terrestres, a fornicção, a impureza, a luxúria, a idolatria, a cobiça”^[30] e todo o resto.

A queda de todos esses vícios se tornou útil. E dessa queda é dito: “Onde quer que **10** estiver o cadáver, para lá se reunirão as águias”.^[31] Com efeito, a palavra *cadáver* tomou o nome a partir de “queda”.^[32] Boa é essa queda, para a qual primeiramente veio Jesus, e não pode fazer o soerguimento, se a queda não o tiver precedido. Venha antes destruir o que em mim foi um mal para que, por essa destruição e essa mortificação, o que há de bom em mim se reerga e tome vida, e que assim possamos atingir o Reino dos céus, naquele “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 17

Lc 2,35-38

Novamente sobre o que está escrito: "Seu pai e sua mãe estavam admirados com as coisas que eram ditas sobre ele", até aquela passagem onde está escrito acerca de Ana.

A paternidade de José

1 [São] Lucas, que escreveu: "O Espírito Santo virá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra; é por isso que aquele que tiver nascido será santo, será chamado Filho de Deus" e que claramente nos transmitiu que Jesus foi filho de uma virgem e não foi concebido de semente humana, este [mesmo São] Lucas testemunhou que José era pai de Jesus, dizendo: "Seu pai e sua mãe estavam admirados com as coisas que eram ditas sobre ele". Que causa, então, existiu para que ele mencionasse como pai aquele que, na realidade, não foi seu pai? Quem se contenta com uma explicação singela dirá: "o Espírito Santo o honrou com o título de pai porque havia criado o Salvador". Quem procura um sentido mais profundo pode dizer: "porque a ordem da genealogia parte de Davi para chegar até José, para que José não parecesse ser nomeado em vão". [Sim,] aquele que não fora o pai do Salvador foi chamado "pai" do Senhor, para que a ordem da genealogia tivesse o seu lugar.^[1] "Seu pai e sua mãe estavam admirados com as coisas que eram ditas sobre ele",^[2] tanto pelo anjo quanto pela "multidão do exército celeste" e pelos pastores.^[3] Ouvindo todas essas maravilhas, eles ficavam muitíssimo maravilhados.

A queda e o soerguimento de muitos

2 A Escritura diz em seguida: "Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: 'Eis que este [menino] foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel, e como sinal de contradição. Quanto a ti, uma espada te transpassará a alma, para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações'".^[4] Devemos contemplar o modo como o Salvador veio "para a queda e o soerguimento de muitos em Israel".

Quem explica singelamente pode dizer que ele veio "para a queda" dos infiéis e "para o soerguimento" dos que creem. Mas quem é um intérprete arguto da Escritura diz que, de modo nenhum, cai aquele que antes não tiver estado de pé. Indica-me, portanto, quem terá sido aquele que terá estado de pé, para cuja "queda" o Salvador veio, e também aquele que possa se soerguer. Na verdade, com certeza aquele que, anteriormente, havia desabado se soergue. É preciso se dar conta de que o Salvador não veio "para a queda" de uns e "para o soerguimento" dos outros, mas "para a queda e o soerguimento". "Eu vim", diz ele, "para cumprir o julgamento, para que vejam aqueles que não viam e se tornem cegos os que viam".^[5]

Há, com efeito, em nós uma parte que antes gozava da visão espiritual e depois

cessou de enxergar, e outra que estava cega e depois passou a enxergar. Por exemplo, quero enxergar com aqueles olhos com os quais anteriormente não via e que, em seguida, me foram abertos, porque, depois da desobediência, os olhos de Adão e de Eva foram abertos, sobre os quais expusemos na homilia anterior.

3 Agora, porém, é preciso explicar o que quer dizer este texto: “Eis que este [menino] foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel”.^[6] É-me necessário primeiro cair e, uma vez caído, depois me soerguer, para que o Salvador não tenha sido para mim causa de uma queda funesta. Por essa razão me fez cair, para que me soerga, e essa queda terá sido para mim muito mais útil do que aquele tempo em que parecia estar de pé. Eu me mantinha de pé pelo pecado naquele tempo em que vivia do pecado; e porque estava de pé pelo pecado, foi-me muito útil no início que eu caísse e morresse pelo pecado. Por fim, também os santos profetas, quando contemplavam algo mais sublime, caíam de rosto no chão; é por isso, porém, que caíam, para que, pela queda, os pecados fossem purificados mais plenamente. Esta graça o Salvador também te concedeu: que caias. Eras pagão, que o pagão em ti caia; amavas as prostitutas, que morra em ti o devasso; eras pecador, caia em ti o pecador, para que possas em seguida te soergueres e dizeres: “Se nós morremos com ele, com ele viveremos”,^[7] e: “Se partilhamos sua morte, nós partilharemos também sua ressurreição”.^[8]

O sinal de contradição

4 Ele, portanto, “foi estabelecido para a queda e o soerguimento de muitos em Israel”,^[9] isto é, daqueles que podem olhar com plena penetração e espiritualidade^[10] também para o “sinal de contradição”.^[11] Tudo o que é narrado na história do Salvador é sinal de contradição. Uma virgem é mãe, eis um sinal de contradição; os marcionitas^[12] se opõem a esse sinal e afirmam com insistência que o Cristo não nasceu de uma mulher; os ebionitas^[13] se opõem a este sinal e dizem que ele nasceu de um homem e de uma mulher, como nós também nascemos. Teve um corpo humano, e esse sinal é de contradição: uns dizem que esse corpo veio do céu, outros que teve um corpo tal qual o nosso, para que, pela semelhança de corpo, também pudesse redimir nossos corpos do pecado e dar-nos a esperança da ressurreição.^[14] Ressurgiu dos mortos, e esse é um sinal de contradição: Como ressuscitou? Ressuscitou com seu próprio corpo e tal qual morreu, ou, sem dúvida, para um corpo formado de uma substância superior?^[15]

5 E é infinita a discussão, quando uns dizem: “ele mostrou a chaga dos cravos nas suas mãos a Tomé”; outros objetam, ao contrário: “se ele retomou o mesmo corpo, como ‘ele entrou com as portas fechadas e se achou lá de pé [entre eles]’^[16]?” Vês, portanto, pela variedade dos argumentos, como a própria Ressurreição levanta controvérsias e se torna sinal de contradição. Eu penso que também aquilo que foi

predito pela boca dos profetas é sinal de contradição. Existem, com efeito, vários hereges que afirmam que o Cristo não foi de modo algum anunciado pelos profetas. Aliás, que necessidade há de prosseguir muito longamente? Tudo o que narra a história sobre o Cristo é sinal de contradição; contradição não para aqueles que creem nele – porque nós sabemos que o que foi escrito é verdadeiro –, mas todas as coisas que sobre ele foram escritas, para os incrédulos, é sinal de contradição.

O escândalo de Maria

6 Simeão diz em seguida: “e uma espada transpassará a tua própria alma”. Qual espada^[17] é esta que transpassou não somente o coração dos outros, mas também o de Maria? A Escritura diz claramente que, no tempo da paixão, todos os apóstolos foram escandalizados, quando o próprio Senhor disse: “Todos vós sereis escandalizados nesta noite”.^[18] Portanto, todos foram escandalizados, a tal ponto que o próprio Pedro, o chefe dos apóstolos, renegou Jesus três vezes.^[19] Por que pensamos que, tendo os apóstolos sido escandalizados, a mãe do Senhor estaria imune ao escândalo? Se, durante a paixão do Senhor, ela não sofreu o escândalo, Jesus não morreu por seus pecados. Se, porém, “todos pecaram e são privados da glória de Deus, se todos são justificados e redimidos por sua graça”,^[20] Maria também, naquele tempo, esteve sujeita ao escândalo.

7 E isto é o que agora Simeão profetiza, dizendo: “a tua alma”, que sabe teres tu, na condição de virgem, dado à luz, sem a participação de homem; que sabe que ouviste de Gabriel: “O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo te cobrirá com sua sombra”; que sabe que a espada da infidelidade a transpassará e serás ferida pela ponta da incerteza, e teus pensamentos te dilacerarão em todos os sentidos, quando vires aquele que ouviste ser nomeado Filho de Deus e que sabias que tinha sido gerado sem a semente de um homem ser pregado à cruz e morrer e ter sido sujeito aos suplícios humanos e, no momento derradeiro, queixando-se com copiosas lágrimas e dizendo: “Pai, se for possível, que este cálice passe além de mim”.^[21] “Uma espada transpassará a tua alma”.

8 “A fim de que sejam revelados os pensamentos nos corações de muitos”. Os pensamentos dos homens eram maus. Por isso foram desvelados, para que, postos à clareza do dia, fossem destruídos e terminassem mortos e aniquilados, e os matasse aquele que morreu por nós. Com efeito, enquanto nossos pensamentos eram ocultos e não postos à clareza do dia, era impossível aniquilá-los por completo. É por isso que nós, também, se pecamos, devemos dizer: “Eu te dei a conhecer meu pecado, e não escondi a minha iniquidade. Eu disse: confessarei a minha própria injustiça contra mim mesmo”.^[22] Se, com efeito, tivermos feito isso e tivermos revelado nossos pecados não só a Deus, mas também àqueles que podem curar as nossas feridas e nossas faltas, nossos

pecados serão destruídos por aquele que diz: “Eis que dispersarei como uma nuvem tuas iniquidades e como uma cerração os teus pecados”.^[23]

Ana, a profetisa

9 Depois da profecia de Simeão, porque era necessário que também as mulheres fossem salvas, veio uma profetisa sobre a qual está escrito: “Havia também Ana, uma profetisa, filha de Fanuel, da tribo de Aser”. Que ordem magnífica! A mulher não vem antes do homem. Primeiramente vem Simeão, que abraçou a criança e a segurou em seus braços;^[24] em seguida, a mulher, cujas palavras, a bem dizer, não são reportadas, mas de um modo geral diz-se que “ela confessou ao Senhor e que ela falou dele a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém”. E justamente essa santa mulher mereceu receber o espírito de profecia, porque, por uma longa castidade e jejuns prolongados, havia ascendido a esse cume.

10 Vede, ó mulheres, o testemunho de Ana e imitai-o! Se um dia vos suceder que percais vossos maridos, considerai o que está escrito sobre ela: “Após a virgindade, ela viveu sete anos com seu marido”, e o que se segue; por causa disso, foi profetisa; e não foi de improviso e por acaso que o Espírito Santo habitou nela. É bom, em primeiro lugar, se for possível, conservar a graça da virgindade; se, porém, isso não puder ser, e suceder-lhe de perder seu marido, que persevere na viuvez. Não só depois da morte de seu marido, mas também, quando em vida, se deve ter este desejo de que também ele seja coroado pelo Senhor; mesmo que essa vontade e esse propósito não se realizem, diga: “Eu faço voto e prometo, se algo humano indesejável me suceder alheio à minha vontade, nada farei de diverso do que perseverar na continência em minha viuvez”.

Mas agora é possível encontrar na Igreja pessoas que se casam duas, três e até quatro vezes, para não dizer mais; e não ignoramos que tais casamentos nos lançarão fora do Reino de Deus. Pois não somente a fornicção, mas mesmo as segundas núpcias nos afastam das dignidades eclesíásticas – com efeito, nem um bispo, nem um presbítero, nem um diácono, nem uma viúva podem ter-se casado duas vezes –; do mesmo modo, quem se casou duas vezes será talvez rejeitado da assembleia “dos primogênitos e dos imaculados”^[25] da Igreja “que não tem nem mancha nem ruga”,^[26] não que ele deva ser mandado para o fogo eterno, mas ele não deve ter parte no Reino de Deus.^[27]

11 Lembro-me, quando eu explicava o que está escrito aos Coríntios: “À Igreja de Deus, que está em Corinto, com todos os que o invocam”,^[28] de ter falado da diferença que há entre “a Igreja” e “aqueles que invocam o nome do Senhor”. Penso, com efeito, que aquele que se casou apenas uma vez, que aquele que permaneceu virgem e que aquele que perseverou na castidade fazem parte da Igreja de Deus; mas o que se casou duas vezes, ainda que tenha tido boa conduta e se exceda em outras virtudes, não faz parte, porém, da Igreja e do número que “não tem nem ruga nem mancha nem

nenhum defeito desse tipo”,^[29] mas ele é colocado na segunda posição e dentre aqueles que “invocam o nome do Senhor”,^[30] e que são evidentemente salvos em nome de Jesus Cristo, sem serem, entretanto, coroados por ele, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 18

Lc 2,40-49

Sobre o que está escrito: "O menino crescia e se fortificava" até aquela passagem que diz: "Não sabeis que eu devo estar na morada de meu pai?"

O crescimento de Jesus

1 Nasceu meu Senhor Jesus, seus pais subiram a Jerusalém, para cumprir as prescrições da Lei e oferecer para ele um casal de rolas ou dois filhotes de pombas. ^[1] Simeão o segurou em seus braços, como se leu há pouco, e pronunciou a seu respeito as profecias que a história narra. ^[2] E depois que tudo se cumpriu segundo o costume, os pais voltaram. ^[3]

Qual era então a idade de Jesus? Ele era ainda pequenino, porém, "crescia, fortificava-se e estava cheio de sabedoria e graça". Ele não tinha ainda cumprido os quarenta dias de purificação, ele não tinha ainda vindo a Nazaré, ^[4] e já recebia a sabedoria em plenitude. A Escritura pôde dizer: "ele crescia e fortificava-se e recebia o Espírito". Mas porque "ele tinha se aniquilado tomando a forma de escravo", ^[5] assim que foi oferecido o sacrifício para sua purificação, recuperou plenamente aquilo de que se tinha esvaziado; não que ele tenha começado a crescer repentinamente, mas que demonstrava alguma maior santidade, segundo estas palavras da Escritura: "o menino crescia, porém, e fortalecia-se, e estava cheio de sabedoria".

2 Procuremos, se existe, outra passagem da Escritura em que se tenha escrito sobre o menino que "crescia e se fortalecia", para que, a partir do cotejo de vários textos, consigamos compreender o que é dito a mais no caso de Nosso Senhor. Sobre [São] João [batista], lemos: "o menino, porém, crescia e fortificava-se", ^[6] e o texto não acrescenta: "ele estava cheio de sabedoria", mas "ele se fortificava em espírito". [São] Lucas diz aqui sobre o Senhor: "ele crescia, fortificava-se, estava cheio de sabedoria e a graça de Deus estava sobre ele". Todas essas palavras foram ditas sobre o menino, que não tinha ainda completado doze anos.

Mas, tendo doze anos, ele permanece em Jerusalém. Seus pais, sem saber onde estava, procuram-no com inquietude e não o encontram. Procuram entre seus parentes próximos; procuram entre a comitiva; procuram entre os conhecidos, e entre todos esses não o localizam. Jesus é buscado, pois, por seus pais, pelo pai, que tinha sido seu pai nutridor e o tinha acompanhado quando descia para o Egito. Entretanto, eles não o encontram imediatamente. De fato, Jesus não se encontra entre seus parentes e seus próximos segundo a carne; não se encontra entre os de sua família carnal. Meu Jesus não pode ser encontrado entre a comitiva de muitos.

Onde encontrar Jesus?

3 Aprende, pois, onde o encontraram os que o procuravam, para que também tu, que buscas com José e Maria, o encontres. E aqueles que buscavam, diz [o evangelista], “encontraram-no no templo”. Não em qualquer outro lugar, mas “no templo”, e não simplesmente “no templo”, mas “no meio dos doutores que ele escutava e que ele interrogava”. Tu também, então, procura, pois, Jesus “no templo” de Deus; procura na Igreja; procura junto aos mestres que estão “no templo” e que dele não saem. Se assim, pois, o procurares, encontrá-lo-ás. Além disso, se alguém se diz um mestre e não possui Jesus, só possui o título de mestre, e por isso não se pode encontrar Jesus, Verbo de Deus e Sabedoria, junto a tal mestre. Jesus foi encontrado, diz [São Lucas], “no meio dos doutores”. Segundo outra passagem da Escritura a respeito dos profetas, assim compreende o que aqui isto, “no meio dos doutores”, quer dizer: “Se aquele que está sentado tem uma revelação, diz o Apóstolo, que o primeiro se cale”.^[7] Eles o encontram “sentado no meio dos doutores”, e não somente “sentado”, mas “interrogando-os e ouvindo-os”. E agora Jesus está presente: ele nos interroga e escuta-nos falar. “E todos ficavam admirados”, diz [Lucas]. O que “admiravam”? Não suas perguntas, que, entretanto, eram admiráveis em si mesmas, mas “suas respostas”. Interrogar é uma coisa, responder é outra coisa.

4 Jesus questionava os mestres e, porque algumas vezes eles não podiam responder, ele próprio respondia às suas próprias perguntas. “Responder” não quer dizer alternância de turnos em uma conversação, mas significa, na Sagrada Escritura, um ensinamento. Possa a Lei divina te ensinar isso. “Moisés falava e Deus lhe respondia por uma voz”.^[8] Por esse tipo de resposta, o Senhor ensinava a Moisés o que este ignorava. Algumas vezes Jesus interroga; algumas vezes responde; e, como dissemos acima, ainda que sejam admiráveis suas perguntas, suas respostas, porém, são ainda muito mais admiráveis. Para que possamos ouvi-lo, e para que nos faça perguntas que ele próprio resolverá, supliquemos-lhe, empreguemos um esforço intenso e doloroso para procurá-lo, e então poderemos encontrar aquele a quem procuramos. Não é em vão, pois, que está escrito: “Eu e teu pai dolorosamente te procurávamos”.^[9]

5 É necessário, com efeito, que aquele que busca Jesus não o faça com negligência e moleza, de maneira intermitente, como o fazem alguns e, por isso, não o encontram. Nós, porém, digamos: “Dolorosamente te procuramos”. E quando tivermos dito isso, ele responderá e dirá à nossa alma, que se esforça e dolorosamente procura: “Não sabeis que eu devo estar na morada de meu pai?”^[10]

Onde estão os hereges, onde estão os ímpios e os insensatos que afirmam que a Lei e os Profetas não dependem do Pai de Jesus Cristo? É certo que Jesus estava no templo, que foi construído por Salomão, e ele confessa que aquele templo é de seu pai, que ele nos revelou e de quem ele diz ser o Filho. Que nos respondam: como um é o Deus bom

e o outro o Deus justo?^[11]

Porque o Salvador é o filho do Criador, louvemos em comum o Pai e o Filho de quem dependem a Lei e o templo e “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 19

Lc 2,40-46

Novamente sobre o que está escrito: "O menino crescia e fortalecia-se" até aquela passagem em que ele interroga os anciãos no templo.

A divindade de Jesus

1 Porque alguns, que parecem crer na Santa Escritura, negam a divindade do Salvador com relação, dizem esses alguns, à glória do Deus onipotente,^[1] parece-me justo que recebam, pela autoridade das próprias Escrituras, o ensinamento de que algo divino veio para um corpo humano; e não somente para um corpo humano, mas para uma alma também humana. Aliás, se consideramos com cuidado o sentido das Escrituras, aquela alma teve algo a mais que as outras almas dos homens, pois toda alma humana, antes de chegar à virtude, encontra-se manchada pelos vícios. Ora, a alma de Jesus nunca foi maculada pela impureza do pecado. Porquanto, antes que tenha chegado ao décimo segundo ano de idade, o Espírito Santo escreve sobre ele no Evangelho de [São] Lucas: "O menino crescia, porém, e fortificava-se e estava cheio de sabedoria". A natureza dos homens não recebe isto, que antes dos doze anos esteja repleto de sabedoria. Uma coisa é ter uma parte de sabedoria, outra coisa é estar repleto de sabedoria.

2 Logo, não duvidemos de que algo divino tenha aparecido na carne de Jesus que ultrapassava não somente o homem, mas também toda criatura racional.

"Ele crescia", diz [o Evangelho]. "Ele tinha se humilhado, com efeito, tomando a forma do escravo"^[2] e, pela mesma virtude, com a qual "tinha se humilhado", cresce. Ele tinha aparecido fraco, porque tinha tomado um corpo fraco e, por isso, recobrava a força. O Filho de Deus "tinha se aniquilado" e, por isso, ele está de novo repleto de sabedoria. "E a graça de Deus estava sobre ele." Não estava sobre [só] quando chegou à adolescência, não [só] quando ensinava publicamente; mas já desde que era ainda pequenino tinha a graça de Deus; e, como todas as coisas nele tinham sido admiráveis, sua infância foi também admirável, a tal ponto que possuía em plenitude a sabedoria de Deus.

Jesus fica no templo

3 "Seus pais iam, portanto, segundo o costume, a Jerusalém para a solenidade do dia da Páscoa. Quando o menino completou doze anos." Observa bem que, antes do seu décimo segundo ano, ele já possuía em plenitude a sabedoria de Deus e os outros dons que lhe são atribuídos na Escritura. Portanto, conforme dissemos, como fosse o seu décimo segundo ano e, segundo o costume, os dias da solenidade tivessem expirado e os

pais voltassem, “o menino ficou em Jerusalém, sem que seus pais soubessem”. Há aí, compreende-o, algo mais sublime do que a natureza humana é capaz de apreender. Não basta, pois, simplesmente dizer “ele ficou” e seus pais ignoravam onde estava. Mas conforme está escrito no Evangelho de [São] João,^[3] quando escapou do meio deles e não apareceu, no momento em que os judeus lhe punham em armadilha, também agora acredito que o menino ficou em Jerusalém assim e que seus pais ignoravam onde ele tinha ficado. Não nos admiremos que tenham sido chamados pais os que mereceram o título de pai e mãe, um por sua maternidade e outro pelos serviços prestados.

A procura de Jesus

4 O texto continua: “Nós te procurávamos dolorosamente”.^[4] Não penso que eles se condoíam por acreditar que o menino vagasse sem rumo ou tivesse morrido. E não podia suceder que Maria temesse que seu filho se perdesse vagando sem rumo, ela que sabia que concebera pelo Espírito Santo, que ouvira o anjo lhe falar, e os pastores correndo e Simeão profetizando. Afasta absolutamente essa interpretação também a respeito de José, que recebera do anjo o preceito de tomar o menino e se encaminhar para o Egito, que ouvira estas palavras: “Não temas em tomar Maria por esposa, pois o que nela nasceu é o fruto do Espírito Santo”.^[5] Nunca poderia acontecer que ele temesse que a criança, que ele sabia ser divina, estivesse perdida. O sofrimento dos pais e as perguntas que se fazem nos sugerem um sentido diferente daquele que o leitor comum concebe.

5 [Esse sofrimento é] como quando tu, se lês às vezes as Escrituras, buscas nelas um sentido com certa dor e tormento, não porque consideres que as Escrituras tenham se enganado ou contenham asserções falsas, mas porque elas contêm intrinsecamente a linguagem e a razão da verdade, cujo sentido tu não podes descobrir, mas que, entretanto, é o verdadeiro.^[6] Assim Maria e José buscavam a Jesus, temendo que por acaso tivesse se apartado deles, temendo que, deixando-os, tivesse transmigrado a outros lugares e – o que mais creio – que retornasse aos céus para novamente de lá descer quando lhe aprouvesse.

“Dolorosamente”, portanto, buscavam o Filho de Deus. E como buscavam, não o encontraram “entre os parentes”. E não podia o parentesco humano reter o Filho de Deus. Não o encontraram entre os conhecidos, porque a virtude divina era maior que o conhecimento e a ciência mortal. Onde, então, o encontram? No templo; aí é encontrado, de fato, o Filho de Deus. Se um dia também tu buscares o Filho de Deus, busca primeiramente o templo, para lá apressa-te; aí encontrarás o Cristo, a Palavra e a Sabedoria, isto é, o Filho de Deus.^[7]

Sabedoria de Jesus

Porque ele era um pequenino, é encontrado “no meio dos mestres”, santificando-os e

6 instruindo-os. Porque era um pequenino, é encontrado “no meio deles”; não lhes ensinava, mas “os interrogava”. E nisso, segundo as obrigações de sua idade, ele nos ensinava o que convém às crianças: ainda que sejam sábios e instruídos, que escutem seus mestres antes de desejarem ensinar, e não se jactem por uma vã ostentação. Ele interrogava, digo, os mestres, não para que aprendesse algo, mas para que instruisse, interrogando. Interrogar e responder com sabedoria emanam de uma só e mesma fonte de doutrina; e é a marca de uma mesma ciência saber o que interrogas ou o que respondes.^[8] Foi necessário que primeiramente o Salvador se tornasse mestre da interrogação instruída, para que posteriormente respondesse às interrogações, segundo a razão e a Palavra de Deus, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 20

Lc 2,49-51

Sobre o que está escrito: "Por que me procuráveis?" até aquela passagem que diz: "Maria conservava todas essas palavras em seu coração".

Jesus reencontrado

1 Maria e José procuravam Jesus “entre os parentes” e não o encontravam, procuravam “entre os companheiros de viagem” e não puderam encontrá-lo. Fizeram uma busca “no templo” e não simplesmente “no templo”, mas “junto dos mestres”; de fato, é “no meio dos mestres” que eles o encontram. Onde quer que os mestres estiverem, aí, “no meio dos mestres”, Jesus é encontrado, a menos que o mestre se assente “no templo” e nunca saia dele.

Jesus prestou serviço a seus mestres, e ensinou aqueles que ele parecia interrogar, falando “no meio deles” e, de certo modo, os estimulava a buscar o que eles ignoravam e a descobrir o que, até essa passagem, eram incapazes de saber se conheciam ou se ignoravam.

2 Jesus é, pois, encontrado “no meio dos mestres” e, uma vez encontrado, ele diz àqueles que o procuravam: “Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar na casa de meu Pai?”.

Atendo-nos primeiramente ao sentido mais simples, armemo-nos contra os ímpios hereges que afirmam que nem o Criador, nem o Deus da Lei e dos profetas é o Pai do Cristo. Eis que é uma asserção que o Pai de Cristo é o Deus do templo. Que se envergonhem de confusão os valentinianos ouvindo Jesus, que diz: “eu devo estar na casa de meu Pai”. Que se envergonhem todos os hereges que admitem o Evangelho segundo Lucas e desprezam o que nele se acha escrito. Que estas palavras sejam compreendidas do modo mais simples, como eu disse.

A casa do Pai

3 Mas, visto que o texto traz: “Eles não entenderam, porém, o discurso”, escrutemos com mais cuidado o sentido da Escritura. Eles eram desprovidos de inteligência e sabedoria a ponto de não saber o que Jesus queria dizer – porque estas palavras, “devo estar na casa de meu Pai”, significavam “estar no templo”? Ou então essas palavras têm um sentido mais profundo e que edificaria mais os ouvintes?

Cada um de nós, se é bom e perfeito, pertence a Deus Pai. E assim, de modo geral e a respeito de todos os homens, o Salvador nos ensinou que ele não deve estar em outra parte senão entre aqueles que pertencem ao Pai. Se algum de vós pertence a Deus Pai, possui Jesus em seu meio. Tenhamos, pois, fé na palavra de Jesus: “Eu devo estar na casa de meu Pai”. Eu imagino que há este templo de Deus mais espiritual, mais vivo e

mais verdadeiro que o templo construído a título de símbolo, pela mão dos homens. Assim, como naquele templo Jesus esteve presente simbolicamente, sua saída também foi simbólica. “Ele saiu do templo”^[1] terrestre dizendo: “Eis vossa casa abandonada e deserta”,^[2] e, deixando aquela casa, ele se foi para o domínio de Deus Pai, as igrejas dispersas sobre toda a superfície da terra, e diz: “Eu devo estar na casa de meu Pai”. Portanto, “não entenderam a palavra que lhes foi dirigida”.

4 Prestai atenção, ao mesmo tempo, [também] nisto: enquanto esteve no domínio de seu Pai, ele estava nas alturas. E porque José e Maria ainda não tinham uma fé inteira, por esta razão não podiam permanecer com ele nas alturas,^[3] mas é dito que “ele desceu com eles”. Frequentemente Jesus desce com seus discípulos, e não vive sempre na montanha e não ocupa indefinidamente os cumes. Na montanha, está com Pedro, com Tiago e com João,^[4] e novamente em outro lugar com outros discípulos. E como aqueles que sofriam de várias enfermidades não tinham a força de subir a montanha, por esta razão “ele desceu e veio”^[5] até eles, que moravam embaixo. Agora também está escrito: “Ele desceu com eles, veio a Nazaré e lhes era submisso”.

A submissão de Jesus

5 Aprendamos, filhos, a ser sujeitos a nossos pais: o maior se submete ao menor, que, porque via que José tinha idade maior que a dele, o honrou, por isso, com o respeito de pai, dando a todos os filhos o exemplo para que se submetessem aos pais e, se não houvesse pais, se submetessem àqueles que têm a honra de pais. Por que falar de pais e filhos? Se Jesus, Filho de Deus, se submete a José e a Maria, eu não me submeteria ao bispo, que foi constituído pai para mim por Deus? Não me submeteria ao presbítero, que para mim foi preposto pela eleição do Senhor? Penso que José compreendia que Jesus lhe era superior sendo-lhe submisso e, conhecendo a superioridade de seu inferior, José lhe ordenava com receio e medida. Que cada um, então, reflita sobre isto: frequentemente um homem de menor valor é colocado acima de pessoas melhores que ele, e acontece algumas vezes que o inferior tem mais valor que aquele que parece lhe ser preposto.^[6] Quando o mais elevado em dignidade tiver compreendido isso, ele não se inchará de soberba, por ser superior, mas saberá, assim, que o submisso pode ser melhor que ele, como Jesus também foi sujeito a José.

Os progressos de Jesus

6 Novamente, o texto prossegue: “Maria, porém, conservava todas essas palavras em seu coração”. Ela suspeitava de que havia aí algo além do meramente humano. Assim também “conservava em seu coração todas as palavras de Jesus”, não como de um menino que tivesse doze anos, mas daquele que fora concebido do Espírito Santo, daquele que ela via “progredir em sabedoria e em graça aos olhos de Deus e dos

homens”.^[7] Jesus “progredia em sabedoria” e, de idade em idade, ele parecia mais sábio. Então ele não era sábio, para progredir em sabedoria? Ou então “porque ele se aniquilara, tomando a forma de escravo”,^[8] retomava o que havia perdido e se enchia de virtudes que parecera abandonar anteriormente, tendo assumido um corpo humano? “Ele progredia”, pois, não somente em “sabedoria”, mas “em idade”. Pois existe também um progresso em idade. A Escritura nos fala de duas espécies de idade, uma do corpo, que não depende de nós, mas de uma lei da natureza; outra da alma, que propriamente está em nosso poder e segundo a qual, se quisermos, crescemos quotidianamente.

7 Crescemos até chegarmos à perfeição, “ao ponto de não sermos mais pequeninos e flutuantes, rodando em círculo a todo vento de doutrina”.^[9] Cessando de ser “pequeninos”, comecemos a ser homens adultos e possamos dizer: “quando me tornei um homem, fiz desaparecer as coisas que eram de criança”.^[10] O progresso dessa idade, que redundava em crescimento da alma, está em nosso alcance. Se esse primeiro testemunho não basta, tomemos outro exemplo de [São] Paulo, que diz: “Até que tenhamos todos chegado ao estado de homem perfeito, na força da idade que realiza a plenitude do corpo de Cristo”.^[11] Está, portanto, em nosso poder que cheguemos à medida do corpo de Cristo. E, se está em nosso poder, esforcemo-nos com todo afinco em despojar a criança e destruí-la e ter acesso às demais idades, para que possamos, nós também, ouvir: “Tu irás em paz, junto a teus pais, tendo vivido uma feliz velhice”,^[12] velhice espiritual certamente, que verdadeiramente é a boa velhice, encanecendo^[13] e chegando até o fim em Cristo Jesus: “a quem pertencem o poder e a glória nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 21

Lc 3,1-4

Sobre o que está escrito: "No décimo quinto ano do reino de Tibério César", até aquela passagem que diz: "Aplanai suas veredas".

O Evangelho se dirige a todos

1 Quando as profecias eram dirigidas apenas aos judeus, somente os reis de Judá eram mencionados em seu título;^[1] por exemplo: "Visão que teve Isaías, filho de Amós, contra a Judeia e contra Jerusalém, nos reinados de Ozias, Joatão, Acáz e Ezequias".^[2] E, excetuados os reis da Judeia, não vejo ninguém mais mencionado no tempo de Isaías. Em alguns profetas, lemos também os nomes dos reis de Israel, como nessa passagem: "E nos dias de Jeroboão, filho de Joás, rei de Israel".^[3] Mas quando o mistério^[4] do Evangelho devia ser publicado e devia ser espalhada sobre toda a terra a boa nova, da qual João, no deserto, foi o primeiro mensageiro, e que o Império de Tibério governava o orbe terrestre, então, descreve a Escritura, "no décimo quinto ano de seu reinado, a palavra do Senhor foi dirigida a João". E se a salvação devesse ser anunciada unicamente àqueles que, entre os gentios, haveriam de abraçar a fé, e se Israel devesse ser totalmente excluído, teria bastado dizer: "no décimo quinto ano de Tibério César, sendo governador da Judeia Pôncio Pilatos".

2 Mas porque da Judeia e da Galileia muitos haveriam de abraçar a fé, também esses reinos são mencionados no título e é dito: "Herodes sendo tetrarca da Galileia, Filipe, seu irmão, sendo tetrarca da Itureia e da região da Traconítide, Lisânias sendo tetrarca de Abilene, sob os príncipes dos sacerdotes Anás e Caifás, a palavra do Senhor foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto". Outrora, "a palavra de Deus tinha-se feito ouvir por Jeremias, filho de Helcias, membro da família sacerdotal"^[5] no tempo de tal ou de tal rei de Judá; agora é "a João, filho de Zacarias, que se dirige a palavra de Deus". Ora, nunca ela tinha sido dirigida aos profetas "no deserto". Mas "os filhos da mulher abandonada" iam abraçar a fé em maior número "que os daquela que tem marido".^[6] E é por isso que a "palavra de Deus foi dirigida a João, filho de Zacarias, no deserto".

A pregação de João no deserto

3 Considera, ao mesmo tempo, que a significação é mais rica, se se entende "deserto" no sentido espiritual^[7] e não segundo o sentido literal puro e simples.^[8] Pois quem prega "no deserto" aí vocifera inutilmente, visto que não há ninguém para ouvi-lo falar. O precursor do Cristo, "a voz que clama no deserto", prega no deserto da alma que não

tem paz. Não só então, mas também no presente,^[9] “uma lâmpada ardente e brilhante”^[10] veio e “prega o batismo de penitência para a remissão dos pecados”. “A luz verdadeira”^[11] vem em seguida, quando a própria lâmpada diz: “é preciso que ele cresça e que eu diminua”.^[12] A palavra de Deus é proferida “no deserto” e “estende-se a toda região circundante do Jordão”. Quais outros lugares o Batista teve de percorrer, senão os arredores do Jordão, para que qualquer um que quisesse fazer penitência recorresse logo à ablução da água?

A preparação para o batismo

4 Ora, Jordão significa “que desce”. O rio de Deus “que desce”, porém, com o poder de uma grande correnteza, é nosso Salvador e Senhor, em quem somos batizados na água verdadeira, a água da salvação. É “para a remissão dos pecados” que João prega o batismo: vinde, catecúmenos, fazei penitência, a fim de receberdes o batismo “para a remissão dos pecados”. Recebe o batismo “para a remissão dos pecados” aquele que cessa de pecar. Se alguém vem ao lavacro do batismo endurecido no pecado, para ele não se faz a remissão dos pecados.^[13] Por isso vos conjuro a que não vos aproximeis do batismo sem precaução nem reflexão atenta, mas que mostreis primeiramente “frutos dignos da conversão”!^[14] Durante algum tempo, tende uma boa conduta, guardai-vos puros de todas as impurezas e de todos os vícios: a remissão de vossos pecados vos será dada, quando vós mesmos tiverdes começado a desprezar vossos próprios pecados. “Deixai vossos pecados, e eles vos deixarão.”^[15]

Aplainar as veredas

5 Porém esta passagem que agora é citada do Antigo Testamento, a lemos escrita em Isaías. Aí, com efeito, está dito: “Voz daquele que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, endireitai suas veredas”.^[16] O Senhor quer encontrar em vós um caminho para poder entrar em vossas almas e fazer seu itinerário; preparai-lhe a vereda, da qual é dito: “Endireitai suas veredas”. “Voz daquele que clama no deserto.” Uma voz clama: “Preparai o caminho”. A voz, com efeito, é a primeira a chegar aos ouvidos; em seguida, depois da voz, ou melhor, ao mesmo tempo que ela, a palavra penetra o ouvido. É nesse sentido que o Cristo é anunciado por João.

Examinemos, portanto, o que a voz anuncia a respeito da Palavra. “Preparai”, diz a voz, “um caminho para o Senhor”. Que caminho prepararíamos para o Senhor? Porventura um caminho material? A palavra do Senhor pode tomar tal caminho? Ou deve-se preparar um caminho interior para o Senhor, e dispor, em nosso coração, veredas endireitadas e planas? Esse é o caminho através do qual entrou a Palavra de Deus, que consiste na capacidade de acolhida do coração humano.

Imensidão do coração humano

6 Grande é o coração do homem, imenso e capaz^[17] de acolher a Palavra, desde que se puro! Queres conhecer sua grandeza e sua largueza? Vê a extensão dos conhecimentos divinos que ele compreende. Ele próprio diz: “Ele me deu um conhecimento verdadeiro das coisas que há: ele me fez conhecer a estrutura do mundo, as propriedades dos elementos, o começo, o fim e o meio dos tempos, as mudanças das estações, a sucessão dos meses, os ciclos dos anos, a posição dos astros, a natureza dos animais e o furor dos animais selvagens, as violências dos espíritos e os pensamentos dos homens, as variedades de árvores e as virtudes das raízes”.^[18] Tu vês que não é pequeno o coração do homem que pode abarcar tantas coisas. Entende sua grandeza não de dimensões físicas, mas o poder de seu pensamento, que pode abarcar tamanho conhecimento da verdade.

7 Porém, para levar todas as pessoas simples a crer quão grande pode ser o coração do homem, a partir de exemplos quotidianos, continuemos. Quaisquer que sejam as cidades que atravessamos, guardamos em nossa mente suas características: a localização das praças, das muralhas e dos edifícios mora em nosso coração; conservamos desenhada e inscrita em nossa memória uma rua em que entramos. Abraçamos em nosso pensamento silencioso o mar que navegamos. Não é pequeno, como eu disse, o coração do homem, que pode abarcar tantas coisas. Se, porém, não é pequeno abarcando tantas coisas, conseqüentemente, nele o caminho do Senhor é preparado e a vereda é aplainada, para que ande nela o Verbo e a Sabedoria de Deus.^[19]

Prepara um caminho para o Senhor por uma boa conduta; e, com obras honrosas, alisa a vereda para que, sem qualquer obstáculo, ande em ti o Verbo de Deus e te dê de presente o conhecimento dos mistérios e da vinda daquele “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 22

Lc 3,5-8

Sobre o que está escrito: "Todo vale será aterrado", até aquela passagem que diz: "Deus tem o poder de suscitar destas pedras filhos de Abraão".

A presença de Jesus transforma aquele que crê

1 Examinemos as coisas que são pregadas no advento de Cristo, entre as quais primeiramente está escrito a respeito de João: "Voz daquele que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor, aplanai suas veredas".^[1] O que se segue diz respeito unicamente ao Senhor nosso Salvador. Pois não é João que "aterrou todo o vale", mas o Senhor nosso Salvador.

Que cada um considere a si próprio: quem era antes que abraçasse a fé, e então constatará o vale baixo, um vale precipitado e imerso nos abismos. Mas quando veio o Senhor Jesus e enviou o Espírito Santo, seu substituto,^[2] todo vale ficou aterrado. Ficou aterrado, porém, de boas obras e dos frutos do Espírito Santo. A caridade não deixa subsistir em ti o vale; pois, se tiveres paz e paciência e bondade, não somente cessarás de ser "vale", mas também começarás a ser "montanha" de Deus.^[3]

2 Nas palavras "Todo vale será aterrado", constatamos quotidianamente que isso se realiza e se cumpre, tanto para os gentios quanto para o povo de Israel, que foi deposto de sua grandeza: "toda montanha e toda colina serão abaixadas". Aquele povo era outrora uma "montanha" e uma "colina", que foi abatida e desmantelada. Mas "à sua falta, a salvação foi dada aos gentios para provocar sua emulação".^[4] Pois não pecarás, se disseres que as montanhas e as colinas que foram abatidas são as potências contrárias que se erigiam contra os mortais. Para que os vales de que falamos sejam aterrados, as potências contrárias, montanhas e colinas, deverão ser abaixadas.

3 Mas vejamos se a profecia seguinte referente ao advento de Cristo se cumpriu. De fato, o texto prossegue: "E tudo que era tortuoso se tornará reto". Cada um de nós era tortuoso – se, pelo menos era e não persevera até hoje – e a vinda do Cristo, que se cumpre até em nossa alma, reergueu tudo o que era tortuoso. De que pode te servir a vinda do Cristo outrora na carne, se ele não vier até tua alma?

Rezemos para que cada dia seu advento se cumpra em nós e possamos dizer: "Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, é o Cristo que vive em mim".^[5] Se, com efeito, Cristo vive em Paulo e não vive em mim, para que me servirá isso? Mas, quando tiver igualmente vindo a mim, terei gozado como Paulo gozou dele, então eu também posso igualmente dizer: "Vivo, mas não sou eu que vivo, é o Cristo que vive em mim".

Vejamos, portanto, ainda outras coisas que são anunciadas no advento de Cristo. Nada

4 era mais áspero que ti. Vê tuas antigas paixões, vê a ira e outros vícios; se, porém, deixaram de ser o que haviam sido, também compreenderás que nada foi mais áspero que ti e, para que eu fale mais expressivamente, nada foi mais tosco. Tua conduta era tosca, tuas palavras e obras eram toscas. Mas meu Senhor Jesus veio, aplainou tuas asperezas, mudou em estradas planas todo o [teu] caos para fazer em ti um caminho sem obstáculos, leve e muito limpo; para poder andar em ti Deus Pai; e para que o Senhor Jesus fizesse em ti sua morada e dissesse: “Eu e meu Pai viremos e faremos nele nossa morada”.^[6]

Preparação para o batismo

5 E segue-se: “E toda carne verá a salvação de Deus”. Tu outrora eras carne; e tanto outrora eras carne, que, falando mais admiravelmente, enquanto ainda estás na carne, vês “a salvação de Deus”. O que querem, porém, dizer essas palavras: “toda carne”, sem que nenhuma esteja excluída da visão “da salvação de Deus”, o deixo à compreensão daqueles que sabem sondar os mistérios e o coração das Escrituras.

É preciso notar que João fala “aos povos que saíam para receber o batismo”. Se alguém quer receber o batismo, deve sair.^[7] Permanecendo, com efeito, em seu primeiro estado, sem mudar de conduta e de hábitos, ele carece totalmente das disposições requeridas para se aproximar do batismo. Para que entendas o que seja “sair para receber o batismo”, aceita o testemunho e escuta as palavras com as quais Deus fala a Abraão: “Sai da tua terra”,^[8] e sua sequência.

6 E, assim, é para as multidões saindo para o lavacro, não as que saíram, mas somente as que estão tentando sair para a ablução batismal, que João dirige as palavras que seguem. Se, com efeito, já tivessem saído, nunca diria a eles: “Raça de víboras”.^[9] Tudo o que lhes diz, portanto, e [também] a vós o diz, catecúmenos e catecúmenas, a vós que vos dispodes a vir ao batismo.

Examinai bem se talvez também a vós se possa dizer “Raça de víboras”. Pois se vós também tiverdes alguma semelhança com as víboras que caem sob nossos sentidos e com as serpentes invisíveis, também vos será dito: “Raça de víboras”. Mas se não expelirdes de vosso coração a malícia e os venenos das serpentes, as palavras que se seguem também vos serão dirigidas: “Quem vos ensinou a fugir da ira que há de vir?”

A ira de Deus

7 Uma grande ira ameaça nosso século: o mundo inteiro haverá de sofrer a ira de Deus. A tamanha vastidão dos céus e a extensão da terra, os coros das estrelas, o esplendor do sol e as consolações noturnas da lua, tudo será subvertido pela ira de Deus. Todas essas coisas passarão, com efeito, por causa dos pecados dos homens. E outrora evidentemente a ira de Deus veio; [mas] se limitou a castigar unicamente a terra, “pois toda carne tinha abandonado seu caminho sobre a terra”.^[10] Mas agora a ira de Deus

haverá de vir sobre o céu e sobre a terra: “Os céus passarão, mas tu permanecerás” – essas palavras se dirigem a Deus –, “e todos envelhecerão como uma vestimenta”.^[11]

Apreciai e medi a ira que há de consumir o mundo inteiro: punirá aqueles que são dignos de castigo, e encontrará matéria sobre a qual realizar-se. Cada um de nós, naquilo que faz, preparou a matéria da ira; pois está dito na Epístola aos Romanos: “Por teu endurecimento e a impenitência de teu coração, amontoas para ti um tesouro de ira no dia da ira e da revelação do justo julgamento de Deus”.^[12]

A conversão

8 Depois seguem estas palavras: “Quem vos ensinou a fugir da ira que há de vir? Produzi, portanto, frutos que sejam dignos da conversão”. Também a vós que vindes ao batismo é dito: “Produzi frutos dignos da conversão”. Queres saber quais são os frutos dignos da conversão? “A caridade é um fruto do Espírito, a alegria é um fruto do Espírito assim como a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a fé, a mansidão, a temperança e o resto.”^[13] Caso tenhamos possuído todas essas virtudes, teremos “produzido frutos dignos da conversão”.

Foi dito ainda àqueles que vinham encontrar João para receber o batismo: “E não comeceis a dizer em vós mesmos: ‘temos Abraão por pai’. Digo-vos, com efeito, que Deus pode suscitar destas pedras filhos para Abraão”. João, o último dos profetas, profetiza aqui a expulsão do primeiro povo e a vocação dos gentios. Àqueles, com efeito, que se vangloriavam de Abraão, ele diz: “E não comeceis a dizer em vós mesmos: temos Abraão por pai”. E dos gentios novamente fala: “Digo-vos, com efeito, que Deus pode suscitar destas pedras filhos para Abraão”.

9 De quais pedras? Não são as pedras materiais e sem vida^[14] que ele mostrava, mas os homens insensíveis e duros de outrora, que, por adorarem pedras ou madeira, viram se realizar aquilo que no Salmo se cantava sobre tais adoradores: “Que os que fabricam os ídolos se tornem como eles, assim como todos os que confiam neles”.^[15]

Verdadeiramente os que fabricam ídolos e confiam neles são semelhantes a seus deuses, sem inteligência nem nenhuma razão, converteram-se em pedras e madeira. Ainda que vejam na criação tanta ordem, tanta harmonia e disciplina, tanta beleza no mundo, eles se recusam a reconhecer o Criador a partir das criaturas e não consideram que uma organização tão perfeita é obra de uma Providência que a dirige; mas são cegos e veem o mundo apenas com olhos de animais sem razão, com olhos de bichos.

10 Pois eles não observam a presença de alguma razão em um mundo manifestamente regido pela Razão.^[16] Esse é o nosso comentário acerca das palavras de João: “Deus pode suscitar destas pedras filhos para Abraão”.^[17]

Quanto a nós, então, supliquemos a Deus, se alguma vez fomos pedras, que também nos tornemos “filhos de Abraão”, em lugar dos outros filhos, que foram rejeitados e que

perderam por própria falta a promessa e a adoção.

Citarei, ainda, um testemunho a respeito das pedras, se evidentemente está escrito no Cântico do Êxodo: “Que eles sejam mudados em pedras, até que atravesse teu povo, ó Senhor, até que atravesse este teu povo, do qual tomaste posse”.^[18] E assim, roga-se a Deus que os gentios, por um momento, sejam convertidos em pedras – porque tal é bem o sentido mais expressivo da palavra grega *apolithoóntosan* – “até que atravesse o povo” judeu. Não há dúvida de que, depois que eles tiverem atravessado, os gentios cessarão de ser lapídeos e receberão uma natureza verdadeiramente humana e racional^[19] no Cristo, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 23

Lc 3,9-12

Sobre o que está escrito: "Eis que o machado foi posto na raiz das árvores", até aquela passagem que diz: "Publicanos vieram, porém, para receber dele o batismo".

A recusa de Israel

1 João já dizia naquele tempo: "Eis que o machado foi posto na raiz das árvores". Se a consumação dos séculos já estava iminente e o fim dos tempos, próximo, nenhuma questão para mim surgiria. Eu diria, com efeito, que essas palavras: "eis que o machado foi posto na raiz das árvores", e aquelas: "toda árvore, portanto, que não produz bom fruto será cortada e jogada ao fogo" são profecias do que se cumpria naquele tempo. Mas depois que tantos séculos se escoaram e tão inumeráveis anos, desde aquele tempo até o dia presente se passaram, devemos nos perguntar como o Espírito Santo pode dizer por seu profeta: "eis que o machado foi posto na raiz das árvores". Eu penso que é profetizado ao povo de Israel que o seu corte está próximo.

Com efeito, "àqueles que saíam para receber o batismo",^[1] entre outras coisas, dizia: "Produzi frutos que sejam dignos da conversão",^[2] e, dirigindo-se a eles como a judeus: "Não comeceis a dizer em vós mesmos: nós temos por pai a Abraão; pois vos digo que Deus pode suscitar filhos de Abraão destas pedras". Isto, portanto, que é dito: "eis que o machado foi posto na raiz das árvores", é dito aos judeus.

2 Esse versículo se juntou a este pensamento do Apóstolo [Paulo]: são ramos infieis que esse machado quebrou e cortou para amputar da árvore não a raiz, mas aquilo que da raiz deitava renovos, para que na raiz da primitiva árvore pudessem ser inseridos ramos de oleastro.^[3] "Toda árvore que não produz bom fruto será cortada e jogada ao fogo." É assim que deve acabar, queimando em chamas.

Em seguida são introduzidas três categorias de pessoas das que vêm indagar a João sobre a sua salvação: uma que a Escritura chamou de "multidões que saem para receber o batismo", outra que ela nomeia como "publicanos", e a terceira que ela designa com o nome de "soldados". "As multidões o interrogavam dizendo: O que faremos? Ele, respondendo, diz-lhes: 'Quem tem duas túnicas, dê uma àquele que não tem, e quem tem víveres, faça o mesmo'". O que, evidentemente, não sei se convém preceituar à multidão.

3 Com efeito, foi mais conveniente aos apóstolos do que ao povo, dizer "que aquele que tem duas túnicas dê uma a quem não tem". E para que saibas que isso convém mais aos apóstolos que às multidões, ouve o que lhes é dito pelo Salvador: "Não leveis duas túnicas pela estrada".^[4] E assim essas duas vestimentas, das quais cada um está revestido, e é preceituado que uma seja dada a quem não a tem, deve ter outro

entendimento.

Como não devemos “servir a dois senhores”,^[5] assim o Salvador não quer, de fato, nos ver possuir duas túnicas, nem sermos envolvidos por uma dupla veste, para que não seja uma vestimenta a do velho homem e outra a do novo. Ao contrário, deseja ardentemente, porém, que “nós nos despojemos do velho homem e nos revistamos do novo”.^[6] Até aí a explicação é fácil.

4 Mas uma pergunta^[7] surge: como, segundo essa interpretação, nos é ordenado dar uma veste a quem não tem? Qual é o homem que não tem sequer uma vestimenta sobre sua carne, que é nu, que não está coberto absolutamente por nenhuma veste? Mas não digo isso para que não seja preceituada a liberalidade e a misericórdia para com os pobres e a clemência levada às últimas consequências, isto é, que também protejamos os nus com uma de nossas túnicas.^[8] Mas afirmo isto: essa passagem pode suscitar também um entendimento mais profundo e pode ser necessário que demos uma túnica àquele que absolutamente seja desmunido.

Quem é esse, então, que não tem uma túnica? Seguramente é aquele que é profundamente privado de Deus. Devemos, portanto, nos despojar e dar àquele que está nu. Um possui Deus, o outro, isto é, o poder adverso, é absolutamente privado.^[9] E como está escrito: “Precipitemos nossos delitos no fundo do mar”,^[10] assim é necessário que sejam banidos por nós os vícios e os pecados, e que os lancemos sobre aquele que existiu por causa deles para nós.

“E que aquele que tem víveres”, diz a Escritura, “faça o mesmo”. Quem tem víveres, dê a quem não tem, para que lhe seja liberalizado não apenas a vestimenta, mas também o que possa comer.^[11]

O mistério dos publicanos

5 “Também vieram, porém, publicanos receber o batismo de João”. Aqui a interpretação é imediata: os publicanos não deveriam demandar nada além do que na Lei está prescrito. Pois quem tivesse exigido mais, transgrediu não o que foi estabelecido por João, mas o que foi estabelecido pelo Espírito Santo, que falou pela boca de João.

Porém, ignoro se essas palavras têm, segundo o sentido anagógico,^[12] uma significação mais rica, e se devemos, diante de um auditório como este, propor coisas tão místicas, sobretudo entre aqueles que não têm uma introspecção do cerne das Escrituras, mas se deleitam apenas pela superfície.^[13] Sem dúvida é arriscado, mas deve-se tocar tal sentido, porém, ainda que seja sucinta e brevemente.

Quando tivermos deixado este mundo e esta nossa vida tiver sido mudada, alguns estarão sentados nas fronteiras do mundo, como no ofício de publicanos, perscrutando com o maior cuidado se acaso não encontram em nós algo que lhes pertença.

6 Parece-me que “o príncipe deste mundo” seja como um publicano. Por isso está escrito sobre ele: “O príncipe deste mundo vem, mas ele não possui nada em mim”.^[14] Aquilo também que lemos no Apóstolo: “Devolvei a todos o que lhes é devido; a quem se deve o imposto, o imposto; a quem se deve o tributo, o tributo; a quem se deve a honra, a honra; não deveis a ninguém nada senão o amor mutuamente”,^[15] essas palavras devem ser entendidas no sentido espiritual. É por isso que se deve considerar a quantos perigos estamos expostos, para que não sejamos, por acaso, arrastados presos por causa de dívida, quando não tivermos tido o que devamos devolver ou o que devemos como tributo, como costuma suceder aos contribuintes do mundo, quando alguém é encarcerado por dívidas^[16] e condenado a ser escravo a serviço do Estado para compensá-las. Muitos entre nós devem ser pegos por publicanos dessa espécie, entre os quais Jacó, aquele homem santo, não temia muito, nem receava que algo nele fosse encontrado dos tributos devidos aos publicanos.

7 Por isso, Jacó dizia audaciosamente a Labão, o publicano: “Vem ver se algo das tuas coisas está em meu poder”.^[17] Sobre isso, a Escritura dá seu testemunho, dizendo: “Labão não encontrou nada em poder de Jacó”.^[18]

Nosso Salvador e o Espírito Santo, que falou pela boca dos profetas, instruem não somente os homens, mas também os anjos e as potências invisíveis. Por que falarei do Salvador? Os próprios profetas também e os apóstolos pregam tudo o que anunciam, não somente os homens, mas também aos anjos. Para que saibas que isso é verdadeiro, diz a Escritura: “Fica atento, ó céu, e eu falarei”;^[19] e: “Na presença dos anjos, cantarei para ti”;^[20] e ainda: “Louvai o Senhor, céus dos céus, e as águas que estão acima dos céus louvem o nome do Senhor”;^[21] e: “Louvem-no os anjos”;^[22] e: “Em todo lugar em que se exerça seu poder, bendiz, ó minha alma, ao Senhor”.^[23] Encontrarás em muitas passagens, e mormente nos Salmos, casos em que essas palavras são dirigidas aos próprios anjos, tendo sido dado ao homem, a ele que, todavia, possui o Espírito Santo, o poder de falar também aos anjos. Citarei um único exemplo de tais passagens, para que saibamos que também os anjos podem ser instruídos por vozes humanas. Está escrito no Apocalipse de [São] João: “Escreve ao anjo da Igreja de Éfeso: eu tenho alguns agravos contra ti”.^[24] E novamente: “Escreve ao anjo da Igreja de Pérgamo: tenho alguns agravos contra ti”.^[25] Certamente é um homem que escreve aos anjos e prescreve alguma coisa.

Presença dos anjos

8 Eu não hesito em pensar que em nossa assembleia também os anjos estão presentes, não somente para toda a Igreja, tomada em seu conjunto, mas também para cada um de nós, dos quais fala o Salvador: “Seus anjos veem sempre a face de meu Pai que está nos céus”.^[26] Aqui está presente uma dupla Igreja: uma dos homens, a

outra dos anjos. Se o que dizemos é conforme o pensamento divino e a intenção das Escrituras, os anjos se alegram e oram conosco. Porque os anjos estão presentes na Igreja, naquela pelo menos que o merece e pertence ao Cristo, é prescrito às mulheres que oram que tenham “sobre a cabeça um véu por causa dos anjos”.^[27] Quais anjos, pois? Sem nenhuma dúvida, aqueles que assistem os santos e se rejubilam na Igreja, os quais, evidentemente, nós não vemos, porque nossos olhos foram cobertos pelas impurezas dos pecados, mas veem os apóstolos de Jesus, aos quais é dito: “Em verdade, em verdade eu vos digo, vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem”.^[28]

9 Se eu tivesse essa graça, [isto é,] de vê-los, assim como os apóstolos, e de contemplá-los, como Paulo os contemplou, veria claramente agora a multidão dos anjos que Eliseu via e que Giezi, que estivera de pé a seu lado, não via. Giezi estava com medo de ser preso pelos inimigos, vendo Eliseu sozinho. Mas Eliseu, como profeta do Senhor, se põe em oração e diz: “Ó Senhor, abre os olhos deste servidor e que ele veja que há muito mais seres conosco do que com eles”.^[29] E imediatamente, às preces do varão santo, Giezi contemplou os anjos que anteriormente não via.

Por esta razão dissemos estas coisas, para mostrar que os publicanos eram instruídos por João, não apenas aqueles que servem aos impostos do Estado, mas também aqueles que vinham para se converter, dos quais uns eram mesmo publicanos e outros eram soldados, e saíam para receber o batismo da conversão.

Vieram, com efeito, não somente João e os profetas, mas também o próprio Salvador, para pregar a conversão e a salvação aos homens, aos anjos e às outras potências celestes, para que “em nome de Jesus todo joelho se dobre no céu, na terra e nos infernos, e que toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, na glória de Deus Pai”;^[30] “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 24

Lc 3,16

Sobre o que está escrito: "Quanto a mim, evidentemente vos batizo na água" até aquela passagem que diz: "Ele vos batizará no Espírito Santo e no fogo".

O mistério do batismo

1 O povo acolheu João, que era menor que o Cristo, pensando e imaginando que ele talvez fosse o Cristo.^[1] Mas não recebeu aquele que tinha vindo e que era maior que João. Queres saber a causa? Ei-la: o povo via o batismo de João, [mas] o batismo de Cristo era invisível.^[2] "Pois eu, dizia João, vos batizo na água; quem vem, porém, depois de mim, é maior que eu, esse vos batizará no Espírito Santo e no fogo. Quando Jesus batiza "no Espírito Santo", e quando, por outro lado, batiza "no fogo"? É num só e mesmo instante que ele batiza "no Espírito Santo e no fogo", ou é em momentos distintos e diferentes? "Vós sereis batizados no Espírito Santo não daqui a muitos dias".^[3] Os apóstolos foram batizados "no Espírito Santo" depois da sua ascensão aos céus,^[4] mas a Escritura não menciona que eles tenham sido batizados "no fogo".

2 Mas do mesmo modo que João, às margens do Jordão, esperava os que vinham receber o batismo e enxotava os outros com estas palavras: "Raça de víboras", e o que se segue, enquanto admitia os que confessavam seus vícios e seus pecados, assim o Senhor Jesus estará de pé no rio de fogo. Aí ele estará com a "espada flamejante",^[5] de modo que quem quer que seja que, saindo desta vida, deseje passar para o paraíso e tenha necessidade de purificação, ele o batiza neste rio e o faz chegar ao lugar de seu desejo.^[6] Mas aquele que não traz o signo dos batismos anteriores, ele não o batizará no banho de fogo. Pois é necessário ser primeiramente batizado "na água e no Espírito",^[7] para poder, chegando ao rio de fogo, mostrar que se conservaram as purificações "da água e do Espírito" e, desde então, merecer receber também o batismo do fogo no Cristo Jesus "a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém".

HOMILIA 25

Lc 3,15

Sobre a dúvida que o povo tinha a respeito de João, "se não era ele próprio o Cristo?"

Caridade ordenada

1 Mesmo o amor oferece um perigo, se ultrapassa a medida. Aquele que ama alguém deve, com efeito, considerar a natureza e os motivos do amor e não amar alguém mais do que ele merece.^[1] Pois se transcender a medida e a conveniência na caridade, tanto aquele que ama quanto aquele que é amado estarão em pecado. Para que isso se torne mais claro, citemos como exemplo João.

O povo o admirava e o amava; e certamente ele – que havia vivido de modo tão diferente de todos os mortais – era digno de admiração e de que se lhe fosse concedida mais admiração do que a outros homens. Nós todos não nos contentamos com uma comida simples, sem tempero, mas buscamos o prazer de uma alimentação variada; um único vinho para beber não nos basta, mas compramos vinhos de diferentes gostos.

2 Mas João se alimentava sempre “de gafanhotos”, sempre “de mel silvestre”;^[2] e contentava-se com uma simples e frugal comida, para que não engordasse seu corpo com iguarias muito gordurosas nem se tornasse pesado com refeições muito refinadas. Porque nossos corpos são de uma natureza tal que se tornam pesados com uma alimentação supérflua; e, quando o corpo tiver sido tornado pesado, a alma também – difusa pelo corpo inteiro e sujeita aos seus achaques – sofrerá esse ônus. Por isso, com razão é preceituado àqueles que o podem observar:^[3] “É bom não comer carne nem beber vinho e nada fazer que possa escandalizar teu irmão”.^[4] Portanto, a vida de João era admirável e muito diferente do modo de vida dos outros homens. Ele não possuía nem bolsa, nem servo, nem mesmo uma miserável choupana.

3 Ele morava no deserto, não apenas “até o dia de sua manifestação a Israel”,^[5] mas também naquele tempo em que pregava a conversão ao povo, estava ainda no deserto da Judeia^[6] e desalterava-se com água clara, para que fosse diferente dos outros até na escolha de sua bebida.

Nós que vivemos nas cidades,^[7] que estamos no meio das multidões, buscamos a elegância no vestuário, na alimentação e na moradia. Mas aquele que morava no deserto, vede com qual vestimenta se vestiu: tinha feito para si uma túnica “com pelos de camelos”, e estava cingido “com um cinto de couro”.^[8] Todas as coisas, portanto, nele eram inéditas, e por causa de sua extraordinária vida, todos os que o viam se admiravam dele e, admirando-o, cultuavam-no com muita paixão em todas as coisas, porque batizava “para a remissão dos pecados” os que faziam penitência.

Os excessos do amor

4 Por tudo isso, evidentemente, eles o amavam com muito bons motivos. Mas em sua caridade, não guardavam uma justa medida: cogitavam, com efeito, “se por acaso ele não era o Cristo”.^[9] Precavendo-se contra esse amor desordenado e não espiritual, o apóstolo Paulo dizia a respeito de si mesmo: “Temo, porém, que alguém faça de mim uma ideia superior ao que se vê ou se ouve de mim; e que a grandeza das revelações não me encha de orgulho”,^[10] e o que se segue. Temendo incorrer também ele próprio nesse defeito, Paulo não queria revelar de si mesmo tudo o que sabia, para que alguém não tivesse dele um julgamento superior ao que pudesse observar e que, excedendo a medida da honra, dissesse o que fora dito sobre João: “Que ele fosse o Cristo”. É o que, evidentemente, vários disseram também de Dositeu,^[11] heresiarca dos samaritanos; mas outros também o disseram de Judas, o galileu.^[12] Finalmente, alguns prorromperam, em tamanho excesso no amor que imaginaram a respeito de Paulo, extravagâncias inauditas e sem precedentes.

5 Alguns dizem, com efeito, que o que está escrito, “sentar-se à direita e à esquerda do Salvador”,^[13] se aplica a Paulo e a Marcião: Paulo se assentaria à direita, Marcião se assentaria à esquerda. Em seguida, outros que leem: “Eu vos enviarei um intercessor, o Espírito da verdade”,^[14] não querem ver nisso a terceira pessoa, distinta do Pai e do Filho, e a sublimidade da natureza divina, mas o Apóstolo Paulo. Acaso todos não te parecem ter amado mais do que convém e, enquanto admiram a virtude de um e de outro, ter perdido a medida do amor?

6 Por certo, nós sofreremos desse excesso em nossa Igreja: enquanto muitos amam-nos mais do que merecemos, proferem a torto e a direito essas coisas, louvando nossos discursos e nossa doutrina, julgamentos que nossa consciência não aceita. Seguramente outros caluniam nossas homilias e nos incriminam de professar opiniões que nunca soubemos ter professado.^[15] Mas nem aqueles que nos amam nos amam em excesso, nem aqueles que nos odeiam guardam a regra da verdade; e, uns através do amor, outros através do ódio, mentem.

Por isso, é necessário pôr um freio também ao amor, tanto para não lhe permitir a liberdade de vagar errante quanto para que não se arruíne no despenhadeiro. Está escrito no Eclesiastes: “Não sejas excessivamente justo, não cogites pensamentos assaz vastos, para que não fiques talvez de boca aberta”.^[16] Seguindo esse exemplo, posso dizer algo similar: não ames um homem “de todo o teu coração e com toda a tua alma e com todas as tuas forças”; não ames um anjo “de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”; mas, segundo a palavra do Senhor, reserva este preceito para Deus unicamente: “Tu amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e com todas as tuas forças”.^[17]

O preceito do Senhor

7 Alguém me responderia e diria: “O Salvador preceituou: ‘Tu amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças, e a teu próximo como a ti mesmo’. Quero amar também o Cristo; ensina-me, portanto, como amá-lo, pois, se o amo ‘de todo o meu coração, de toda a minha alma, com todas as minhas forças’, ajo contra o mandamento, amando assim outro diferente do único Deus. Se, ao contrário, amo o Cristo menos que o Pai todo-poderoso, temo ser identificado como ímpio e irreligioso contra ‘o primogênito de toda a criação’.^[18] Ensina-me e mostra-me a maneira como devo amar o Cristo, andando em meio aos dois extremos”.

Queres saber com qual amor Cristo deve ser amado?

8 Escuta brevemente! “Ama o Senhor teu Deus” em Cristo, e não penses que tu podes ter um amor diferente, um para com o Pai, outro para com o Filho. Ama ao mesmo tempo Deus e o Cristo. Ama o Pai no Filho e o Filho no Pai, “de todo o teu coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças”. Pois se alguém te interroga e diz: “prova isso que asseveras por meio da Escritura”, que ele ouça o apóstolo Paulo, que tinha um amor espiritual, dizendo: “Eu estou certo, com efeito, que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem as potestades, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem o poder, nem a altura, nem a profundidade, nem nenhuma outra criatura poderá me separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor e Salvador”:^[19] “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 26

Lc 3,17

Sobre o que está escrito: "A joieira está em sua mão e ele limpará a sua eira", até a passagem que diz: "E recolherá o trigo em seu celeiro".

O julgamento de Deus

1 "Deus é espírito e os que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade".^[1] Nosso Deus é também "um fogo devorante".^[2] Deus recebe, portanto, dois nomes: "espírito" e "fogo"; espírito para os justos, fogo para os pecadores.^[3] Mas os anjos são também chamados "espírito" e "fogo": "Ele que faz de seus anjos espíritos", diz a Escritura, "e de seus servidores, um fogo ardente".^[4] Os anjos são "espírito" para todos os santos; mas os que merecem ser supliciados, eles os submetem ao fogo e ao abrasamento. Nesse sentido, nosso Senhor e Salvador, porque é "espírito", "veio pôr fogo sobre a terra".^[5] Ele é "espírito", segundo aquilo que consta na Escritura: "Quando tu te

terás convertido ao Senhor, porém, o véu será retirado",^[6] e: "O senhor é o espírito".^[7]

2 Porém, "ele veio pôr fogo" não sobre o céu, mas "sobre a terra", como ele próprio demonstra dizendo: "vim pôr fogo sobre a terra, e como eu gostaria que ele já ardesse!"^[8] Pois, "se tu te tiveres convertido ao Senhor", que é "espírito", Cristo será "espírito" para ti e, para ti, ele não "veio pôr fogo sobre a terra". Mas se, ao contrário, te recusas a te converteres a ele, e se possuis a terra e seus frutos, "ele veio pôr fogo sobre a terra" que está em ti. A Escritura diz, também de Deus, em termos análogos: "O fogo de minha cólera se acendeu" não até o céu, mas "até o fundo da mansão dos mortos" e "ele consumará" não o céu, mas "a terra e seus produtos".^[9]

Batismo e julgamento

3 Com qual propósito lembrei todas essas coisas? Porque o batismo de Jesus é também um batismo "no Espírito Santo e no fogo".^[10] Lembro-me das coisas que há pouco falei e não me esqueci da explicação dada acima,^[11] mas quero trazer uma nova interpretação.

Se fores santo, serás batizado no Espírito Santo; se fores pecador, serás lançado no fogo. O único e mesmo batismo se tornará condenação e fogo para os pecadores indignos; mas para aqueles que são santos e com toda fé se converterem ao Senhor, receberão a graça do Espírito Santo e a salvação.

"Aquele que batiza no Espírito Santo e no fogo", como diz a Escritura, tem "em sua

mão a joeira e vai limpar a sua eira; e recolherá o seu trigo no celeiro, e queimará a palha no fogo que não se apaga”. Eu quero descobrir quais motivos tem nosso Senhor para segurar “a joeira”, e por qual sopro a palha leve é levada para cá e para lá, enquanto o trigo mais pesado cai no mesmo lugar, pois, na ausência do vento, não se pode separar o trigo e a palha.

4 O vento, eu creio, designa aqui as tentações,^[12] que, no monte confuso dos que creem, revela que uns são palha, os outros, trigo. Pois, quando vossa alma deixou-se dominar por alguma tentação, não é a tentação que te transformou em palha, mas porque tu eras palha, isto é, leve e sem fé, a tentação te desvelou tua natureza oculta. Ao contrário, porém, quando enfrentas corajosamente a tentação, não é a tentação que te faz fiel e paciente, mas ela revela à luz do dia as virtudes de paciência e de força presentes em ti, mas que estavam ocultas.^[13] “Pois, diz o Senhor, tu pensas que eu tinha um outro fim, falando-te assim, senão que te fazer parecer justo?”^[14] E em outra parte: “Eu te afligi e te atingi com a penúria, para que se tornassem manifestas as coisas que havia em teu coração”.^[15] Desse modo, também a tempestade não permite que um edifício construído sobre a areia resista, mas, se queres edificar, construa “sobre a rocha”.^[16] A tempestade, uma vez começada, não poderá derrubar o que foi alicerçado “sobre a rocha”, mas ela faz ver a fragilidade dos alicerces da casa que vacila “sobre a areia”.

5 Assim, antes que a tempestade surja, antes que o soprar dos ventos se eleve, antes que se encham até as bordas os rios, enquanto até agora todas as coisas estão calmas, vamos trazer todo o nosso esforço para as fundações das edificações; edifiquemos a nossa casa com as pedras sólidas e variadas que são os mandamentos de Deus; e, quando a perseguição enfurecer-se contra os cristãos e o terrível turbilhão se levantar, mostremos que nós temos um edifício “sobre a rocha”^[17] que é o Cristo Jesus.^[18] Mas se alguém o renegar então – longe de nós essa desgraça –, que esse alguém o saiba bem, não é no instante de sua renegação que renegou o Cristo, mas trazia em si sementes e raízes de renegação já antigas; o que estava nele se revelou naquele momento e manifestou-se em pleno dia.^[19] Assim, peçamos ao Senhor para que sejamos um edifício sólido que nenhuma tempestade possa derrubar, “alicerçado sobre a rocha”, sobre nosso Senhor Jesus Cristo, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 27

Lc 3,18-22

Sobre o que está escrito: "E muitas outras exortações ele anunciava", até aquela passagem que diz: "O Espírito Santo desceu sobre ele".

O Evangelho anunciado por João

1 Quem ensina a linguagem do Evangelho não anuncia uma única coisa, mas várias. Tal é o sentido desta passagem da Escritura: "Em suas exortações, João anunciava, por certo, muitas outras coisas". Assim João pregava ao povo também outras coisas que não foram escritas. Quanto às coisas que foram escritas, considerai quão importantes foram: anunciou o Cristo, mostrou-o com o dedo, pregou o batismo do Espírito Santo, ensinou a salvação aos publicanos; aos soldados, os princípios de uma boa conduta; ele disse que era necessário limpar a eira, ceifar as árvores e o resto de que a história do Evangelho narra. Tiradas, portanto, as coisas que foram escritas, anunciou ainda outras coisas que não foram destinadas à Escritura, como mostram estas palavras: "Em suas exortações, ele anunciava, por certo, ao povo muitas outras coisas".

2 E como é relatado no Evangelho segundo [São] João, o Cristo disse muitas outras coisas "que não foram escritas neste livro",^[1] a ponto de que, "se estas coisas fossem escritas, nosso próprio mundo, creio, não poderia conter os livros que seria necessário escrever".^[2] Do mesmo modo, também para nossa passagem, porque João Batista anunciava certas verdades muito elevadas para poder ser confiadas à Escritura, entende que [São] Lucas se recusou a dizê-las expressamente, mas apenas sinalizou que foram ditas, e, por isso, disse: "Em suas exortações, João anunciava ao povo muitas outras coisas".

Admiremos João Batista, sobretudo por causa do testemunho seguinte: "Entre os filhos das mulheres, ninguém foi maior que João Batista",^[3] e ele mereceu elevar-se a uma reputação de virtude tal que por muitas pessoas fosse considerado o Cristo.

3 Mas isto é muito mais admirável ainda: Herodes, o tetrarca, gozava do poder real e podia matá-lo quando quisesse. Ora, como tivesse cometido uma ação injusta e contrária à lei de Moisés, tomando a esposa de seu irmão, que tinha uma filha de seu primeiro marido, João não o temeu, não fez acepção de pessoa, não pensou no poder real, como eu disse.

Sem se preocupar com a morte – pois sabia que, mesmo se não fosse um profeta, que, uma vez inquietado, [o rei] poderia matá-lo – quando soube, portanto, todas essas coisas, com a liberdade de um profeta,^[4] censurou Herodes e lhe reprovou o casamento incestuoso. Por causa dessa audácia, encerrado na prisão, ele não se preocupava nem com a morte nem com um julgamento com resultado incerto; mas só cogitava, em suas

cadeias, no Cristo, a quem havia anunciado. Não podendo ir encontrá-lo pessoalmente, ele envia seus discípulos com a pergunta: “Tu és aquele que há de vir, ou devemos esperar outro?”^[5]

4 Nota bem que, mesmo na prisão, João ensinava. Pois donde vem que, mesmo aí, ele tinha discípulos, e por qual razão aí permaneciam, senão porque mesmo na prisão João cumpria seu dever de mestre e os instruía com conversas sobre Deus? Nessas circunstâncias, o problema de Jesus havia nascido, João lhe envia alguns dos discípulos para perguntar ao Cristo: “Tu és aquele que deve vir, ou é necessário esperar um outro?”. Os discípulos voltam e anunciam ao mestre o que o Salvador havia ordenado que fosse anunciado. Essa resposta é para João uma arma para enfrentar o combate: ele morre com segurança e com grande coragem se deixa decapitar, assegurado pela palavra do próprio Senhor de que aquele em quem ele cria era verdadeiramente o Filho de Deus. Tal foi a liberdade de João Batista, tal foi a loucura de Herodes, que a muitos crimes acrescentou também este, primeiramente encerrar João no cárcere e, depois, o degolar.

A presença do Espírito Santo

5 Mas porque o Senhor recebeu o batismo, e os céus se abriram, “O Espírito Santo desceu” sobre ele e uma voz vinda do céu, como um trovão, disse: “Eis meu Filho bem-amado em quem eu pus minha complacência”. Assim, deve-se dizer que, graças ao batismo de Jesus, o céu se abriu para outorgar a remissão dos pecados – não àquele “que não tinha cometido pecado e em cuja boca não se encontrou nenhuma falsidade”,^[6] mas ao mundo inteiro –; os céus se abriram e o Espírito Santo desceu, para que, depois de “ter subido nas alturas, levando prisioneiros”,^[7] o Senhor nos concedesse o Espírito que tinha vindo a ele [em seu batismo]; e, de fato, ele no-lo deu, uma vez ressuscitado, pronunciando essas palavras: “Recebi o Espírito Santo. Aquele a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados, e aquele a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos”.^[8] “O Espírito Santo desceu sobre o Salvador sob a forma de uma pomba”, a ave afável, inocente e simples. Assim é-nos prescrito imitar “a inocência das pombas”.^[9] Tal é o Espírito Santo, puro, alado, elevando-se nos céus.

6 É por isso que dizemos esta oração: “Quem me dará asas como as das pombas, eu voarei e me repousarei?”,^[10] isto é: “Quem me dará as asas do Espírito Santo?” E em outra passagem, uma profecia contém esta promessa: “Se repousais entre os muros do aprisco, as asas da Pomba se cobrem de prata e as penas de seu dorso com o brilho do ouro verde”.^[11] De fato, “se nós repousamos entre os muros” do Antigo e do Novo Testamento, receberemos “as asas prateadas da pomba”, isto é, a Palavra de Deus e “as penas de seu dorso com o brilho do ouro verde”. Nosso pensamento encontrará, assim, sua plenitude nos pensamentos do Espírito Santo, isto é, nossa linguagem e nossa

inteligência encontrarão sua plenitude em sua vinda. Não diremos e não pensaremos nada que não nos tenha sido sugerido; e toda santidade, a do coração como a de nossas palavras e de nossos atos, virá do Espírito Santo no Cristo Jesus, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 28

Lc 3,23-28; Mt 1,1-17

Sobre a genealogia do Salvador e as divergências entre Mateus e Lucas a respeito dos ancestrais de Cristo.

As genealogias do Cristo

1 Muito mais superior a Melquisedec, cuja genealogia a Escritura não registrou, foi Nosso Senhor e Salvador, nascido de uma linhagem de ancestrais que a Escritura nos reporta. Ora, como a sua divindade não está submetida a um nascimento humano, é por causa de ti, que nasceste na carne, que ele quis nascer. Todavia, a sua genealogia não é narrada de modo igual pelos evangelistas, situação que a muitos intensamente conturbou.

[São] Mateus, com efeito, começando a compor a série de sua ancestralidade a partir de Abraão até chegar àquele versículo em que diz: “O nascimento de Jesus, porém, aconteceu deste modo”, descreve não aquele que foi batizado, mas aquele que veio ao mundo.^[1] Mas [São] Lucas, expondo a sua genealogia, não faz descer dos mais antigos para os

mais novos, mas, como havia dito antes o que foi batizado, chega até o próprio Deus.

2 Além disso, não há os mesmos personagens na genealogia do Cristo, seja quando se descende seja quando se ascende. [São] Mateus, que o mostra descendendo dos seres celestiais, introduz também mulheres; não quaisquer mulheres, mas pecadoras,^[2] que a Escritura havia repreendido; [São] Lucas, que fala do Cristo depois de seu batismo, não faz menção a nenhuma mulher. Em [São] Mateus, portanto, como dissemos, é nomeada Tamar, que, por astúcia, tornou-se concubina de seu sogro; e Rute, a moabita, que não era da raça de Israel; Raab, que não sei de onde tenha sido tirada;^[3] e a esposa de Urias, que violou o leito conjugal. Porque, com efeito, Nosso Senhor e Salvador tinha vindo para isto, tomar sobre si os pecados dos homens – e Deus “tornou pecado para nós aquele que não havia cometido pecado”^[4] –; descendo para o mundo, assumiu o papel dos homens pecadores e viciosos, e quis nascer da estirpe de Salomão, cujos pecados foram reportados pela Escritura,^[5] e de Roboão,^[6] cujos delitos são relatados, e de outros, dentre os quais “muitos praticaram o mal aos olhos do Senhor”.^[7]

3 Mas quando sobe do banho batismal e, em seguida, é descrita sua origem, ele nasce não da linhagem de Salomão, mas da de Natã, que reprovou a seu pai a morte de Urias e o nascimento de Salomão.^[8]

Mas em [São] Mateus está sempre presente o verbo “gerar”; já em Lucas é totalmente silenciado. Em Mateus, com efeito, está escrito: “Abraão gerou Isaque; Isaque gerou

Jacó; Jacó gerou Judá e seus irmãos, Judá gerou, de Tamar, Farés e Zara”; e até o final sempre a palavra “gerou” é colocada. Mas em [São] Lucas, Jesus, que se eleva do banho batismal, é dito “considerado o filho de José”,^[9] e, numa sequência tão longa de nomes, em nenhuma parte, a palavra “geração” é empregada, salvo [que é subentendida] nesta frase: “considerado filho de José”.

4 Em [São] Mateus não está escrito: “Ele iniciava”; mas em [São] Lucas, porque ele havia de subir a partir do batismo, lê-se “ele começava”, segundo o relato da Escritura: “O próprio Jesus estava no início [de seu ministério]”. Porque, com efeito, recebeu o batismo e assumiu o mistério do segundo nascimento – para que tu destruas também teu nascimento anterior e nasças de novo numa segunda geração – pode-se, então, dizer que “Ele iniciava”. E como o povo judeu, quando estava no Egito, não tinha o hábito de considerar um mês como o primeiro do ano; mas, assim que saiu do Egito, então foi dito a ele: “Este mês será como início da sequência dos meses e será para vós o primeiro dos meses do ano”.^[10] Assim [também aconteceu] com o Cristo, de quem não é narrado “que ele tenha iniciado” enquanto não tinha sido batizado. Não é sem razão, acreditemos, que às palavras: “O próprio Jesus estava” é acrescentado “no início”.^[11]

José, prefiguração do Cristo

5 Examinemos agora esta frase: “Com cerca de trinta anos”, “José tinha trinta anos”,^[12] quando foi libertado da prisão e, tendo interpretado o sonho do Faraó do Egito – foi nomeado intendente do Egito – armazenou trigo no tempo da abundância, para que tivesse o que distribuir no tempo da fome. Eu penso que os trinta anos de José tenham precedido em figura^[13] os trinta anos do Salvador. Pois, o segundo José, que é Jesus, não armazenou o mesmo trigo, tal qual no Egito aquele José, mas o frumento verdadeiro e celestial, para que tivesse, como o trigo armazenado no tempo da abundância, o que distribuir, quando a fome fosse enviada para o Egito, “não a fome de pão nem a sede de água,^[14] mas a fome de ouvir a palavra de Deus”.^[15]

6 E assim Jesus recolhe na Lei, nos escritos dos Profetas e nos dos Apóstolos as palavras do tempo da abundância, para que – quando já não se escreverem mais livros, nem se concluir mais alguma nova aliança, nem forem enviados mais apóstolos – se possa distribuir então aquelas palavras que foram levadas por Jesus para os depósitos dos apóstolos, isto é, para as suas almas e as de todos os santos, e assim possa nutrir o Egito ameaçado de fome e, sobretudo, seus irmãos,^[16] dos quais está escrito: “Eu narrarei teu nome a meus irmãos; no meio da assembleia, eu te cantarei”.^[17] Outros homens também têm palavras de paciência, e palavras de justiça e palavras das demais virtudes; é esse trigo que José distribuiu aos egípcios. Mas é outro o frumento que Jesus dá aos irmãos, isto é, a seus discípulos, vindos da terra de Gessen,^[18] daquela terra que volta seu olhar para o oriente: é o frumento evangélico, o frumento

apostólico.^[19] Desse frumento devemos fazer pães, porém, evitando que não sejam misturados ao “velho fermento”^[20] e que tenhamos o pão novo do trigo e da farinha das Escrituras, moído em Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 29

LC 4,1-4

Sobre o que está escrito: "Jesus, porém, cheio do Espírito Santo, voltou" e sobre sua primeira tentação.

Jesus conduzido pelo Espírito Santo

1 Quando lê o Evangelho: "Jesus, porém, cheio do Espírito Santo, voltou", e, nos Atos dos Apóstolos, onde está escrito a respeito daqueles que "ficaram cheios do Espírito Santo",^[1] não penses que os Apóstolos são iguais ao Salvador.^[2] Sabe que Jesus, os Apóstolos e qualquer outro dentre os santos são cheios do Espírito Santo, mas segundo a medida de sua capacidade; como se dissesse, por exemplo: "estes recipientes estão cheios de vinho ou de óleo", [mas] não indicas imediatamente que estejam cheios numa igual quantidade – um pode, com efeito, conter um sextário; o outro, uma urna; o outro, uma ânfora^[3] –, do mesmo modo, também Jesus e Paulo eram cheios do Espírito Santo; mas o vaso de Paulo era muito menor que o vaso de Jesus. Entretanto, um e outro estavam completos segundo a medida deles.

2 Assim, uma vez recebido o batismo, o Salvador cheio do Espírito Santo, que sobre ele viera dos céus "sob a forma de uma pomba", "era conduzido pelo Espírito". Pois, porque "todos quantos são conduzidos pelo Espírito de Deus, estes são filhos de Deus".^[4] Ele, porém, à exceção de todos, era propriamente dito o Filho de Deus; assim, era necessário que também fosse conduzido pelo Espírito Santo. É, com efeito, o que está escrito: "ele era conduzido pelo Espírito durante quarenta dias, e era tentado pelo diabo".^[5]

Durante quarenta dias, Jesus é tentado. Não sabemos quais tenham sido as tentações. Talvez por isso tenham sido omitidas, porque eram muito fortes para serem confiadas à Escritura. E se foi necessário dizer que "o mundo não teria podido conter todos os livros"^[6] que tivessem sido escritos com todos os ensinamentos e ações de Jesus, assim o mundo não teria a força de suportar as tentações dos quarenta dias, durante os quais o Senhor foi tentado pelo diabo, se a Escritura no-lo tivesse ensinado. Basta-nos apenas saber isto: que "durante quarenta dias esteve no deserto e era tentado pelo diabo e não comeu nada durante aqueles dias", pois mortificava o desejo da carne com um jejum assíduo e contínuo.

A primeira tentação

3 E quando esses dias foram completados, ele teve fome. Disse-lhe, porém, o diabo: "Se tu és o Filho de Deus, diz a esta pedra que se torne pão". Ele disse: "Diz a esta pedra". Mas a qual pedra? Sem dúvida, aquela que mostrava o diabo e que queria que se

tornasse pão. Qual é, pois, essa tentação? “Um pai a quem seu filho pede pão não vai lhe dar uma pedra”,^[7] e esse, como adversário sorrateiro e enganador, daria uma pedra em vez de pão? Isto é tudo o que o diabo quis, que a pedra se tornasse pão e que os homens se alimentassem não de pão, mas da pedra que o diabo mostrara em lugar do pão? Eu penso que até hoje o diabo mostra a pedra e exorta cada um a dizer: “Diz a esta pedra que se torne pão”. Com toda espécie de tentação, com que os homens deviam ser tentados, o Senhor foi o primeiro a ser tentado segundo a carne que assumiu. Ele é tentado, porém, por causa disto: para que nós possamos vencer também por sua vitória.

4 Talvez o que digo fique obscuro, se não se fizer mais claro com um exemplo. Se vês os hereges comerem, em lugar do pão, a mentira de suas doutrinas, saberás que a pedra deles é o discurso que o diabo mostra, mas não penses que ele tenha uma única pedra. Ele possui várias pedras, as quais são apresentadas por [São] Mateus dizendo: “Ordena a estas pedras que se tornem pão”.^[8] Marcião deu essa ordem e a pedra do diabo se tornou seu pão. Valentino deu a mesma ordem e outra pedra transformou-se-lhe em pão. Basíides e todos os outros hereges tinham pão dessa espécie. Assim, é preciso precaver-se para que não nos aconteça de comer a pedra do diabo, acreditando nos alimentar com o pão de Deus. Aliás, onde estava a tentação no caso de uma pedra transformada em pão e comida pelo Salvador? Imaginemos que, estando o diabo a propor, o Senhor tenha transformado a pedra em pão e tenha comido aquilo que ele teria realizado por seu próprio poder e tenha saciado sua fome: onde estaria a tentação, onde estaria a vitória sobre o diabo, se tudo isso fosse escrito simploriamente?

5 Como dissemos, um exame aprofundado dos fatos mostra que houve tanto a tentação, na hipótese em que a oferta podia ter-se cumprido, como também a vitória, porque [a tentação] foi, de fato, desprezada.

É-nos mostrado, ao mesmo tempo, que esse pão feito a partir de uma pedra não é a Palavra de Deus que alimenta o homem e do qual está escrito: “O homem não viverá somente de pão, mas de toda palavra que sair pela boca de Deus o homem viverá”.^[9] Respondo-te, ó ser sorrateiro e malvado, que não temes tentar-me: há outro pão, o da Palavra de Deus, que faz o homem viver. E vejamos, igualmente, que não é o Filho de Deus que fala assim, mas o homem que o Filho de Deus dignou-se assumir.^[10] É em sua qualidade de homem que responde, dizendo: “Está escrito: O homem não viverá somente de pão”, o que mostra claramente que não é Deus, mas o homem que foi tentado.

6 Examinando com cuidado o sentido da Escritura, creio descobrir a razão pela qual [São] João não contou a tentação do Salvador, mencionada somente por [São] Mateus, [São] Lucas e [São] Marcos. [São] João, com efeito, como havia feito um prólogo a partir de Deus, dizendo: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus”, não pudera compor a ordem da geração divina, mas somente havia expressado que ele era de Deus e, com Deus, acrescentou: “E o Verbo se fez carne”.

[11] E porque o Deus do qual tinha de falar não pode ser tentado, não o mostrou sendo tentado pelo diabo. Ao contrário, o Evangelho de [São] Mateus apresenta “o livro da genealogia de Jesus Cristo”, [12] homem que havia nascido de Maria; em [São] Lucas, sua geração é descrita; em [São] Marcos, é o homem que é tentado. Por isso é reportada uma resposta semelhante de Jesus: “O homem não vive somente de pão”. Se, portanto, o Filho de Deus, verdadeiramente Deus, tornou-se homem por ti e é tentado, tu, que por natureza és homem, não te deves indignar, se por acaso és tentado.

7 Mas se na tentação tiveres imitado aquele homem que por ti foi tentado, e tiveres vencido a tentação, terás esperança com ele, que então foi homem, agora, porém, deixou a condição humana. [13] Pois aquele que outrora era homem, depois que foi tentado e que “distanciou-se dele o diabo até o tempo” [14] de sua morte, “ressurgindo dentre os mortos, daí em diante não morre mais”. [15] Ora, todo homem está sujeito à morte; este, portanto, que não morre mais, já não é um homem, mas é Deus. Mas se é Deus aquele que outrora foi homem, e se deves tornar-te semelhante a ele, [16] quando “formos semelhantes a ele e o virmos, tal como é”, [17] será necessário que tu também te tornes deus no Cristo Jesus, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 30

Lc 4,5-8

Sobre a segunda tentação do Salvador.

As duas cidades

1 Tanto o Filho de Deus quanto o Anticristo têm a aspiração de reinar. Mas o Anticristo deseja reinar para matar os que tiver sujeitado a si; o Cristo reina para isto, para salvar. E cada um de nós, se ele é fiel, está sob o reinado de Cristo, Palavra, Sabedoria, Justiça e Verdade. Se, porém, formos mais amantes do prazer que amantes de Deus, sobre nós reina o pecado, do qual fala o Apóstolo: “Que o pecado não reine, pois, em vosso corpo mortal”.^[1] Os dois reis se apressam à porfia por reinar: o rei do pecado, o diabo, sobre os pecadores, o rei da justiça, o Cristo, sobre os justos.^[2]

E sabendo o diabo que o Cristo tinha vindo para isto, para arrebatá-lo daquele o reino e para que aqueles que estavam submetidos ao maligno comessem a se submeter ao Cristo e a viver sob seu poder, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e dos homens deste mundo. Ele lhe mostrou como uns vivem sob o reinado da luxúria; outros, sob a avareza; uns são levados pela brisa da celebridade, outros cativados pelas seduções da beleza.

2 Mas não se deve crer que, mostrando-lhe os reinos do mundo, o diabo tenha mostrado o reino dos persas, por exemplo, e o reino das Índias; mas que “mostrou-lhe todos os reinos do mundo”,^[3] isto é, mostrou seu império, seu modo de dominar o mundo, para engajá-lo na execução de sua vontade e começar por ali a sujeitar o Cristo a si.

Queres, lhe diz o diabo, reinar sobre todos esses seres? E lhe mostra inumeráveis multidões de homens que eram mantidas sob seu domínio. A bem da verdade, se nós queremos reconhecer pura e simplesmente nossa miséria e nosso infortúnio, o diabo é rei de quase o mundo inteiro; donde amiúde é chamado pelo Salvador também de “o príncipe deste mundo”.^[4] E quando o diabo fala a Jesus, é isto [que diz]: “Vês estes homens que estão submetidos a meu poder?” – e “lhos mostra em um curtíssimo espaço de tempo”, isto é, no curso atual dos tempos que, em comparação com a eternidade, resulta na semelhança de um instante.

3 Com efeito, não era necessário que ao Salvador fossem mostrados longamente os negócios deste mundo; tão logo ele voltou o resplendor de suas vistas [para o que o diabo lhe mostrava], viu tanto os pecados reinando quanto aqueles que eram subjugados pelos vícios, e viu o próprio “príncipe deste mundo”, o diabo, orgulhando-se e alegrando-se por sua própria perda, porque a tantos tinha sob seu império. Então o diabo diz ao Senhor: “Vieste para isto, para lutares contra mim e tomares do meu poder

aqueles que tenho agora como sujeitos? Não quero que lutes, não quero que te esforces; não tenhas os incômodos do combate; há uma só coisa que te peço: prostrando-te a meus pés, adora-me, e recebe todo o reino que me pertence”. Sem dúvida, nosso Senhor e Salvador quer verdadeiramente reinar e ter sob seu domínio todas as nações, para que sirvam à justiça, à verdade e a outras virtudes. Mas quer reinar como Justiça, para reinar sem pecado, para nada fazer de indecoroso; e não quer sem trabalho ser coroado como sujeitado ao diabo, de modo a não reinar sobre os outros e ser ele próprio comandado pelo diabo.

O reino do Cristo

4 Por isso o Senhor lhe replica: “Está escrito: tu adorarás o Senhor teu Deus, e somente a ele servirás”.^[5] “Por esta razão, quero que a mim sejam submetidos todos estes homens, para que adorem o Senhor Deus e somente a ele sirvam. Tal é o desejo de meu reino. Tu, porém, queres que o pecado comece por mim, eu que vim com o propósito de destruí-lo e do qual também desejo livrar os outros homens? Aprende e sabe que permaneço naquilo que disse, que o Senhor Deus seja o único a ser adorado, e que eu submeta todos estes homens a meu poder e no meu reino.”

Quanto a nós, alegremo-nos também de ser submissos a ele e roguemos a Deus que ele faça morrer “o pecado que reina em nosso corpo”,^[6] e que reine somente em nós o Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 31

Lc 4,9-13

SOBRE A TERCEIRA TENTAÇÃO DO SALVADOR

A terceira tentação

1 Sondai as Escrituras, de modo que também naquelas passagens consideradas simples possais descobrir mistérios que não são pequenos. Examinemos o princípio da leitura do Evangelho que ouvimos hoje e apareça em pleno dia o que estava oculto. “O diabo”, diz-se, “conduziu Jesus a Jerusalém”. É incrível que o diabo conduzisse o Filho de Deus e ele o seguisse. Jesus seguia, sem dúvida alguma, como o faz o atleta que se dirige espontaneamente à prova. Não temia o tentador nem receava as armadilhas de um inimigo bastante astuto, e devia expressar-se mais ou menos nestes termos: “Conduze-me onde queiras, tenta-me como te aprouver, me ofereço espontaneamente à tentação. Suporto o que tiveres sugerido, me entrego a toda sorte de tentações: em todas me encontrarás mais forte”.

2 “Ele o conduziu, portanto, a Jerusalém, colocou-o sobre o pináculo do templo e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, atira-te para baixo”. O diabo o conduziu ao cume, ao ponto mais alto do templo, e o exortou a precipitar-se de lá de cima. Como ele propusesse isso fraudulentamente e tentasse outra coisa sob pretexto de mostrar a glória do Cristo, o Salvador respondia: “Está escrito: não tentarás o Senhor teu Deus”.^[1] Considera também o modo com que o diabo tenta o Cristo. Ele não ousa tentar invocando o testemunho de nenhuma outra parte senão o dos Salmos, que diz: “Se tu és o Filho de Deus, atira-te para baixo. Com efeito, está escrito: Ele deu ordens para ti, ordens a seus anjos; eles te levarão em suas mãos, para que não machuques contra uma pedra o teu pé”.^[2] Como sabes, ó diabo, que estas palavras estão na Escritura? Leste os Profetas ou conheceste a Palavra divina? Ainda que tu cales, eu responderei em teu lugar. Leste, não para que te tornes melhor a partir da leitura dos livros santos, mas para matar por meio da simples letra os que são amigos da letra.^[3] Sabes que, se quiseres falar ao Cristo de outras obras,^[4] não o enganarás, nem poderão ter nenhuma autoridade tuas asserções.

Contra a exegese dos gnósticos

3 Marcião lê as Escrituras assim como o diabo; e da mesma forma Basíledes e Valentino, para, juntamente com o diabo, dizerem ao Salvador: “Está escrito: Ele deu ordens para ti a seus anjos, e eles te levarão em suas mãos, para que não machuques contra uma pedra o teu pé”. Se porventura ouvires testemunhos das Escrituras, vela para que não aquiesças imediatamente a quem fala, mas considera sua vida, seus

pensamentos e sua intenção, para que não simule ser o santo que talvez não seja, e sob a pele de uma ovelha se esconda um lobo infectado pelos venenos da heresia,^[5] pelo qual o diabo não fale a respeito das Escrituras. Mas o diabo fala, segundo a ocasião dos tempos, apoiando-se nas Escrituras. Paulo, ao contrário, pelo bem daqueles que o ouvem, toma o testemunho não só das Escrituras, mas também dos livros profanos^[6] e diz: “Cretenses sempre mentirosos, bichos maus, ventres preguiçosos”.^[7] Cita outro autor: “Nós somos também da sua mesma raça”.^[8] E até um cômico: “As más tagarelices corrompem os bons costumes”.^[9] Mas nem o diabo, citando as Escrituras, poderá nesta ocasião me enganar, nem Paulo, tirando algum exemplo das letras profanas, me afastará de seu ensinamento. Com efeito, para santificar [seus ouvintes] Paulo tomou também como suas as palavras daqueles que não são dos nossos.

A exegese do diabo

4 Vejamos, pois, a passagem da Escritura que o diabo propõe ao Senhor: “Com efeito, está escrito: Ele deu ordens para ti, ordens a seus anjos; eles te levarão em suas mãos, para que não machuques contra uma pedra o teu pé”. Vê como ele é dissimulado até nos próprios testemunhos. O diabo quer, com efeito, diminuir a glória do Salvador, como se Jesus necessitasse do auxílio dos anjos, prestes a dar uma topada com o pé, se não fosse alçado pelas mãos deles. Ele toma um testemunho, e aplica ao Cristo um versículo da Escritura que não diz respeito ao Cristo, mas aos santos em geral. Com toda liberdade e com uma inteira segurança, afirmo, contrariamente ao diabo, que essas palavras não podem ser entendidas da pessoa do Cristo. Ele, com efeito, não necessita do socorro dos anjos. Ele é maior que os anjos e, por herança, alcançou um nome bem mais superior que os deles. A nenhum dos anjos Deus disse alguma vez: “Tu és o meu Filho, eu hoje te gerei”.^[10] A nenhum deles ele falou como a um filho: “Ele fez de seus anjos sopros e servidores, um fogo ardente”;^[11] mas dirige a Cristo estas palavras:^[12] “Tu és meu Filho, hoje eu te gerei”, [as dirige] a seu próprio Filho, do qual ele fala nos profetas em inumeráveis passagens.

5 O Filho de Deus, eu digo, não necessita do auxílio dos anjos. Aprende, pois, ó diabo, que os anjos tropeçarão, se Jesus não os ajudar. E se se viu algum dos anjos, [algum] dos quais há pouco foi lido: “Nós julgaremos os anjos”,^[13] tropeçou porque não estendeu a sua mão a Jesus, a fim de que, segurado por ele, não tropeçasse. Com efeito, quando alguém que confia na própria virtude não invoca a assistência de Jesus, tropeça e cai. E tu, ó diabo, caíste “como um raio do céu”^[14] porque não quiseste crer em Jesus Cristo, Filho de Deus.

Para que saibas, porém, que tu interpretaste erroneamente, escuta que o que se segue deve ser entendido, não a respeito de Cristo, mas a respeito dos santos. Não é a Jesus Cristo, mas aos santos que Deus liberta da “ruína e do demônio do meio-dia”. Lê o salmo 91(90), do qual aqui está o começo: “Aquele que se mantém sob o auxílio do

Altíssimo permanecerá na proteção do Deus Todo-poderoso”.^[15] Constatarás que a passagem seguinte diz respeito mais ao homem justo do que ao Filho de Deus: “Mil cairão a teu lado e dez mil a tua direita, mas de ti não se aproximarão; entretanto tu verás com teus olhos e contemplarás o salário dos pecadores”,^[16] e o resto, fazendo uma interpretação da pessoa do justo.

6 Mas o diabo se serve perversamente dos testemunhos também assim, para afirmar que as coisas que eram ditas acerca dos justos deviam ser entendidas como se dissesse respeito ao Salvador, enquanto silencia e omite os versículos que contra ele foram escritos. De fato, depois de ter dito: “Ele deu ordens para ti a seus anjos, e eles te levarão em suas mãos, para que não machuques contra uma pedra o teu pé”, silenciou quanto ao que se segue: “Sobre a áspide e o basilisco tu andarás, e calcarás o leão e o dragão”.^[17] Por que isso, ó diabo, senão porque tu és “basilisco”, tu és o régulo^[18] de todas as serpentes, que tens os venenos mais nocivos que todos os outros, que causas instantaneamente a morte daquele que tu vês?^[19] Sabes que também existe outra força inimiga a teu lado, que se chama “áspide” e que está submetida ao homem justo e, por isso, nada dizes de tudo isso.

Vitória sobre Satanás

7 Tu és “o dragão”, tu és “o leão”, dos quais está escrito: “Sobre a áspide e o basilisco tu andarás, tu calcarás aos pés o leão e o dragão”. Mas, apesar de teu silêncio, nós que lemos as Escrituras com mais retidão sabemos que possuímos o poder de te calcar aos pés, e que este poder nos foi dado; pois digo que é cantado não só no Salmo no Antigo Testamento, mas também agora, também no Novo, com a palavra do Salvador: “Eis que vos dou o poder de calcar aos pés serpentes, escorpiões e todos os poderes do inimigo, e nada vos prejudicará”.^[20] Tomemos as armas, firmados por tão grande poder, e façamos de tudo para calcar aos pés, por nossa conduta, o leão e o dragão.^[21] Doravante, para que saibas como pode ser calcado aos pés o leão e esmagado o dragão, lê a epístola de Paulo, na qual ele afirma que o Filho de Deus é calcado aos pés pelo pecador.^[22] Como, portanto, aquele que é pecador calca aos pés o Filho de Deus, assim, pelo contrário, aquele que é justo “calca aos pés o leão e o dragão”,^[23] e calca aos pés “todo o poder do inimigo”,^[24] em nome de Jesus Cristo: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 32

Lc 4,14-20

Sobre o que está escrito: "Jesus retornou com o poder do Espírito", até aquela passagem que diz: "E os olhos de todos na sinagoga estavam fixos sobre ele".

No poder do Espírito

1 No começo, evidentemente, Jesus, "cheio do Espírito Santo, voltou das margens do Jordão e era conduzido pelo Espírito no deserto durante quarenta dias".^[1] Como seria tentado pelo diabo, e como ainda ia lutar contra ele, a palavra "espírito" é citada ora uma vez, ora duas vezes sem nenhum acréscimo. Mas, depois que Jesus, lutando, superou as três tentações que a Escritura menciona, vê o que é citado, de modo característico e prudentemente, a respeito do Espírito. Diz a Escritura: "Jesus retornou no poder do Espírito". Foi acrescentada a palavra "poder",^[2] porque ele havia calcado aos pés o dragão e havia vencido o tentador numa luta corpo a corpo. Jesus "retornou, pois, para a terra da Galileia no poder do Espírito, e sua reputação se espalhou por toda a região ao redor. Ele próprio ensinava em suas sinagogas e todos celebravam seus louvores".

O ensinamento de Jesus, sempre atual

2 Quando lê: "Ele ensinava em suas sinagogas e todos celebravam seus louvores", cuida para que não julgues felizes apenas os ouvintes do Cristo, e te consideres privado de seu ensinamento. Se são verdadeiras as coisas que constam na Escritura, o Senhor não fala apenas nas assembleias judaicas, mas também hoje em nossa assembleia, e não somente na nossa, mas Jesus ensina também em outras reuniões e no mundo inteiro, procurando instrumentos através dos quais possa ensinar.^[3] Orai para que ele me encontre igualmente disposto e apto a cantá-lo!

Com efeito, do mesmo modo que o Deus todo-poderoso buscava profetas naquele tempo em que os mortais careciam de profecia, e encontrou, por exemplo, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, assim Jesus busca instrumentos através dos quais possa ensinar sua palavra e possa instruir os povos em suas sinagogas,^[4] e seja glorificado por todos. Hoje Jesus é mais "glorificado por todos" do que naquele tempo em que era conhecido em apenas uma província.

Na sinagoga de Nazaré

3 "Ele veio em seguida a Nazaré, onde havia sido criado, e entrou, segundo o costume, no dia de sábado, na sinagoga; e levantou-se para fazer a leitura. Deram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando o livro, encontrou uma passagem onde estava escrito:

‘o Espírito do Senhor está sobre mim, e por isso ele me consagrou pela unção’.^[5] Não é por simples acaso, mas por intervenção da Divina Providência que desenrolou o livro e encontrou no texto o capítulo que profetizava a seu respeito.

Assim, pois, está escrito: “Na rede não cai um pardal sem a vontade do Pai” e porque “os cabelos da cabeça” dos Apóstolos “são todos contados”.^[6] Seria, então, efeito do acaso que tenha sido encontrado o livro de Isaías mais facilmente que qualquer outro, e esta leitura que exprimiria o mistério de Cristo, e não outra: “O Espírito do Senhor está sobre mim, e por isso ele me consagrou pela unção”? É o Cristo, com efeito, que lembra essas coisas, e deve-se considerar que nada sucedeu por simples bel-prazer e por acaso, mas pela Providência e pelo desígnio de Deus.

A Boa-Nova

4 Quaisquer que sejam as condições, portanto, consideremos o que é dito no livro do Profeta e o que, em seguida, Jesus proclama de si mesmo na sinagoga. “Ele me enviou”, disse ele, “para levar a Boa-Nova aos pobres”. Os pobres significam os gentios. Eles eram, com efeito, pobres que não possuíam absolutamente nada, nem Deus, nem Lei, nem Profetas, nem justiça, nem nenhuma outra virtude. É por esta razão que Deus o enviou, para que fosse o mensageiro para os pobres: para “anunciar aos cativos a libertação”. Nós fomos cativos, por tantos anos Satanás nos mantinha acorrentados, prisioneiros e sujeitos a seu poder. Jesus veio “anunciar aos cativos a libertação e aos cegos, o retorno à visão”.^[7] Com efeito, pela sua palavra e pela pregação de sua doutrina, os cegos voltam a ver. Sua pregação deve ser entendida como alcance geral, não só para os cativos, mas também para os cegos.

5 “Devolver a liberdade aos oprimidos”. Que ser foi destarte oprimido e magoado quanto o homem, que, por Jesus, foi libertado e curado? “Proclamar um ano da graça do Senhor.” Segundo a interpretação literal pura e simples, dizem que o Salvador pregou o Evangelho por um ano na Judeia, e [esse] é o sentido da expressão: “Proclamar um ano da graça do Senhor e o dia da retribuição”, se a Palavra de Deus não quiser, talvez, dizer algo de mistério na proclamação do ano do Senhor.

Os dias futuros, com efeito, serão diferentes, não tais quais os que vemos agora neste mundo, os meses também serão diferentes tanto quanto a ordem das calendadas. Se todos esses tempos são, pois, diferentes, assim também o ano do Senhor que há de vir é portador de graça. E todas essas realidades foram anunciadas, para que depois de ter passado da cegueira à visão, depois de ter passado das correntes à liberdade, depois de ter passado das diversas feridas à cura, cheguemos ao “ano da graça do Senhor”.

Ver Jesus

6 “Depois de ter lido essas palavras, enrolando o livro, o deu ao servo e assentou-se, e todos, na sinagoga, tinham os olhos fixos nele.” Mesmo atualmente, se o quiserdes,

em nossa sinagoga e assembleia,^[8] vossos olhos podem fixar-se sobre o Salvador. Quando tiveres direcionado, com efeito, o olhar mais profundo de teu coração para contemplar a Sabedoria e a Verdade e o Unigênito de Deus, teus olhos fixar-se-ão sobre Jesus. Bem-aventurada a congregação da qual a Escritura dá testemunho de que “os olhos de todos estavam fixos sobre ele!”.

Como eu queria que esta assembleia tivesse semelhante testemunho, que os olhos de todos, dos catecúmenos, dos fieis, das mulheres, dos homens e das crianças, não os olhos do corpo, mas os da alma, estivessem voltados para Jesus! Quando tiverdes, com efeito, voltado vosso olhar para ele, sua luz e sua contemplação tornarão vossos rostos mais luminosos e podereis dizer: “Foi assinalada sobre nós a luz de tua face,^[9] ó Senhor”:^[10] “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 33

Lc 4,23-27

Sobre o que está escrito: "Sem dúvida, vós me citareis este provérbio" e a sequência, até aquela passagem que diz: "E nenhum deles foi curado, mas somente o sírio Naamã".

Israel e os gentios

1 Quanto ao que se refere à narrativa de [São] Lucas, Jesus ainda não se deteve em Cafarnaum, e não consta que nessa cidade tenha feito milagres, visto que nela não ficou.^[1] Mas, antes que viesse a Cafarnaum, é assinalado que esteve em sua pátria, Nazaré. "Sem dúvida", diz ele a seus concidadãos, "vós me citareis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo. Tudo o que ouvimos ter-se passado em Cafarnaum, faze-o igualmente aqui em tua pátria". Por isso, penso que algo misterioso está escondido na presente passagem, na qual Cafarnaum, figura dos gentios, passa adiante de Nazaré, figura dos Judeus.^[2] Por isso Jesus, sabendo que ninguém tem honra em sua pátria, nem ele próprio, nem os profetas, nem os apóstolos, não quis pregar nessa cidade, mas pregou entre os gentios, para que não lhe fosse dito pelos seus compatriotas: "Sem dúvida, vós me direis este provérbio: Médico, cura-te a ti mesmo".

2 Virá, com efeito, um tempo em que o povo judeu dirá: "Tudo o que ouvimos ter-se passado em Cafarnaum", os milagres e os prodígios realizados entre os gentios, faze-os também entre nós, em tua pátria. O que mostraste ao mundo inteiro, mostramo-lo também. Prega tua mensagem a Israel teu povo, a fim de que, pelo menos, "quando a totalidade dos gentios tiver entrado, todo o Israel seja salvo".^[3] Por isso, parece-me que, aos Nazarenos que o interrogavam, o Salvador respondeu de caso pensado: "Nenhum profeta é bem recebido em sua pátria". E eu penso que essas palavras são mais verdadeiras segundo o mistério que segundo o sentido literal.

Atitude para com os profetas

3 Jeremias não foi bem recebido em Anatot, sua pátria;^[4] nem Isaías na sua, qualquer que seja ela; nem os outros profetas. Parece-me, entretanto, que isso deve ser entendido mais desta forma: digamos que a pátria de todos os profetas foi o povo da circuncisão, e que este não acolheu os profetas nem as suas profecias. Quanto aos gentios, que haviam estado longe dos profetas e não tinham conhecimento deles, eles aceitaram os ensinamentos de Jesus Cristo. "Nenhum profeta é, pois, bem recebido em sua pátria", isto é, no povo judeu. Nós, porém, que não estávamos alheios à aliança e éramos estranhos às promessas, nós acolhemos os profetas de todo nosso coração; e nós temos Moisés e os profetas que anunciavam o Cristo mais do que os judeus, que, precisamente porque não acolheram Jesus, também não acolheram aqueles que

trouxeram o anúncio a respeito dele.

A viúva de Sarepta

4 Daí que, a estas palavras: “Nenhum profeta é bem recebido em sua pátria”, ele acrescenta outra coisa: “Em verdade, pois, eu vos digo que havia muitas viúvas em Israel nos dias de Elias, quando o céu permaneceu fechado durante três anos e seis meses”. Tal é o que quer dizer: “Elias era profeta e se encontrava no meio do povo judeu. Mas quando estava para realizar um prodígio, como houvesse várias viúvas em Israel, ele as deixou e veio encontrar uma pobre mulher pagã, uma viúva de Sarepta, no país de Sidon”,^[5] explicando assim a figura da realidade futura, porque a “fome que os tomava não era de pão, nem a sede, de água, mas a fome de ouvir a palavra de Deus”.^[6] Veio até a viúva, sobre a qual também o profeta dá testemunho, dizendo: “Os filhos da mulher abandonada são mais numerosos do que os daquela que tem marido”.^[7] E, como tinha vindo, Elias multiplica o pão e os alimentos dessa mulher. Tu eras a viúva de Sarepta, no país de Sidon, de cujas fronteiras “sai a mulher cananeia”,^[8] e deseja que sua filha seja curada e, por causa de sua fé, mereceu receber o que pedia. “Havia muitas viúvas no meio do povo de Israel, mas a nenhuma delas foi enviado Elias, mas a Sarepta, para uma pobre mulher viúva”.

Naamã, figura do batismo

5 E o Cristo acrescenta outro exemplo, que é pertinente a outro sentido: “Havia muitos leprosos em Israel nos dias do profeta Eliseu, e nenhum deles foi purificado, mas somente o sírio Naamã”, que, certamente, não pertencia ao povo de Israel. Considera o grande número de leprosos até o presente dia “em Israel segundo a carne”;^[9] vê, por outro lado, o Eliseu espiritual,^[10] nosso Senhor e Salvador, que purifica no mistério batismal os homens cobertos da crosta da lepra e que diz a ti: “Levanta-te, vá ao Jordão, lava-te e tua carne te será restituída”.^[11] Naamã levantou-se, foi-se, e, lavado, cumpriu o mistério do batismo,^[12] “sua carne tornou-se semelhante à carne de uma criança”.^[13] De qual criança? Daquela que, “no banho da regeneração”,^[14] nascerá no Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 34

Lc 10,25-37

Sobre o que está escrito: "Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna?" até aquela passagem em que é dito: "Vá, e tu também faz o mesmo".

A parábola do bom samaritano

1 Embora haja muitos preceitos na Lei, o Salvador colocou no Evangelho apenas estes que, em uma espécie de resumo, conduzissem os que os observam à vida eterna. É a isso, com efeito, que se refere uma pergunta que lhe havia dirigido um doutor da Lei, dizendo: "Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna?" Essa leitura segundo [São] Lucas vos foi recitada hoje. Jesus respondeu: "O que está escrito na Lei? O que lês lá? – Tu amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, com todas as tuas forças, de toda a tua alma; e a teu próximo como a ti mesmo".^[1] E em seguida, Jesus diz: "Respondeste bem, faz isto e viverás".^[2] Sem nenhuma dúvida, se trata da vida eterna, sobre a qual também o doutor da Lei havia interrogado e que havia sido o conteúdo das palavras do Salvador. Ao mesmo tempo, somos instruídos de modo totalmente claro pelo preceito da Lei a amarmos a Deus. No Deuteronômio, Deus nos fala: "Escuta, Israel, o Senhor teu Deus é o único Deus", e "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração" e a sequência, e "ao próximo como a ti mesmo".^[3] E o Salvador prestou testemunho a essas verdades, dizendo: "Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os profetas".^[4]

2 O doutor da Lei, porém, "querendo justificar-se a si mesmo" e mostrar que ninguém era seu próximo, diz: "Quem é meu próximo?". O Senhor, então, apresentou a parábola, cujo início é: "Um certo homem descia de Jerusalém para Jericó", e a sequência. E ensina que aquele que descia não foi próximo de ninguém, senão daquele que quis guardar os mandamentos e preparar-se para ser o próximo de todo homem que necessita de auxílio. É isso, com efeito, que é colocado no fim, depois da parábola: "Qual destes três te parece ser o próximo daquele que caiu na mão dos ladrões?" Com efeito, nem o sacerdote, nem o levita foram seus próximos, mas, como o próprio doutor da Lei também respondeu, foi seu próximo "aquele que praticou a misericórdia". Daí também é dito pelo Salvador: "Vai, faz tu também de modo semelhante".

Interpretação tradicional da parábola

3 Dizia alguém entre os presbíteros,^[5] querendo interpretar a parábola, que o homem que descia representa Adão; Jerusalém, o paraíso; Jericó, o mundo; os ladrões, as potências inimigas; o sacerdote, a Lei; o levita, os profetas; o samaritano, o Cristo. Mas as feridas devem ser interpretadas como a desobediência; a montaria, o corpo do Senhor; o "pandochium", isto é, o albergue que acolhe a todos os que querem aí

entrar, a Igreja. Além disso, os dois denários devem ser entendidos como o Pai e o Filho; o albergueiro, o chefe da Igreja, a quem é confiada a sua administração. Mas quanto à promessa feita pelo samaritano de voltar, era a figura do segundo advento do Salvador.

Sentido cristológico

4 Ainda que essas interpretações sejam enunciadas de modo espiritual e sedutor, não se deve, porém, considerar que elas possam se aplicar a qualquer homem.^[6] Com efeito, nem todo homem “descia de Jerusalém para Jericó”, porque nem todos os homens vivem no século presente, mesmo se o Cristo, que “foi enviado, tenha vindo por causa das ovelhas perdidas da casa de Israel”.^[7] Portanto, o homem que “desceu de Jerusalém para Jericó” “caiu na mão dos ladrões”,^[8] porque ele próprio quis descer. Os ladrões, porém, não são ninguém mais senão aqueles dos quais diz o Salvador: “Todos os que vieram antes de mim foram ladrões e bandidos”.^[9] Entretanto ele não cai na mão de ladrões, mas na mão de “bandidos” muito mais malvados que os ladrões, que, estando ele a descer “de Jerusalém”, quando havia caído na mão deles, “o roubaram e o cobriram de ferimentos”. Quais são esses ferimentos, quais as feridas com as quais o homem estava coberto? Os vícios e os pecados.

5 Em seguida, porque os bandidos, que o espancaram mais de uma vez, o despojaram de suas vestes e o cobriram de feridas, não o socorrem em sua nudez e o abandonam, a Escritura diz: “Tendo-o despojado e coberto de feridas, foram embora e o abandonaram” não morto, mas semimorto. Sucedeu, porém, que desciam, pela mesma estrada, primeiramente “um sacerdote”, depois “um levita”, que talvez havia feito algum bem a outros homens, não, porém, àquele que havia descido “de Jerusalém para Jericó”. O sacerdote, a meu ver, figura da Lei, com efeito, o vê; o levita, que, em minha opinião, representa a palavra profética, também o vê. Mas depois que o viram, passaram e o abandonaram. A Providência, porém, deixava aquele homem semimorto aos cuidados daquele que era mais forte que a Lei e os Profetas, isto é, ao Samaritano, cujo nome significa “guardião”. É ele que “não cochila nem dorme guardando Israel”.^[10]

Para socorrer o semimorto, o samaritano pôs-se a caminho, descendo “de Jerusalém para Jericó”, não como o sacerdote e o levita descem; se ele desce, desce para salvar o moribundo e guardá-lo; mas os judeus lhe disseram: “Tu és um samaritano e és possuído por um demônio”.^[11] Depois de ter negado que estivesse possuído por um demônio, Jesus não quis negar que ele fosse samaritano, pois ele sabia que era um guardião.

6 Assim, depois de ter vindo até o homem semimorto e tê-lo visto revolver-se em seu sangue, ele se compadeceu e aproximou-se dele para se tornar o seu próximo, “apertou com ligadura suas feridas, derramou óleo misturado ao vinho”, e não disse o que se lê no Profeta: “Não há nem curativo, nem óleo, nem ataduras para aplicar”.^[12]

Esse é o samaritano, de cujo cuidado e auxílio todos os que estão doentes necessitam, e o moribundo, aquele homem que, descendo “de Jerusalém, havia caído na mão dos bandidos” e, ferido por eles, havia sido abandonado meio morto, necessitava especialmente do auxílio desse samaritano. Porém, para que saibas que, segundo a Providência Divina, esse samaritano desceu para cuidar daquele que “havia caído na mão dos bandidos”, claramente receberás a instrução de que ele trazia consigo ligaduras, trazia consigo óleo, trazia consigo vinho, o qual, evidentemente, penso que o samaritano carregava consigo não por causa desse único semimorto, mas por causa de outros também, que, por várias causas, tinham sido feridos e necessitavam de ligaduras e óleo e vinho.

7 Ele tinha o óleo, do qual a Escritura diz: “Que o óleo faça o rosto alegrar-se”,^[13] e sem dúvida que é o rosto daquele que tinha recebido o cuidado. Para acalmar a inflamação das feridas, ele as limpa com óleo e com vinho misturado com algo amargo. Depois, colocou aquele que tinha sido ferido sobre sua montaria, isto é, seu próprio corpo, junto ao qual se dignou assumir a humanidade. Esse samaritano “carrega nossos pecados”^[14] e sofre por nós, carrega o semimorto e o conduz a um albergue, isto é, para a Igreja, que acolhe todos os homens e não recusa seu socorro a ninguém, para a qual Jesus manda vir a todos, dizendo: “Vinde a mim todos que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei”.^[15]

8 E, tendo conduzido o moribundo, não o deixa imediatamente, mas por um dia inteiro persevera com ele, e cura suas feridas não apenas de dia, mas também à noite, dedicando-lhe assim toda a sua solícitude e aplicação. E quando, de manhã, preparava-se para partir, de suas preciosas moedas de prata, de seu precioso dinheiro, “ele apanha dois denários” e gratifica o albergueiro, que, sem dúvida alguma, é o anjo da Igreja, a quem prescreve que cuide diligentemente e conduza até a cura completa aquele que ele próprio também havia cuidado por um tempo exíguo. Quanto aos dois denários dados ao anjo como salário para que cuide com toda diligência do homem a ele confiado, eles representam, parece-me, o conhecimento do Pai e do Filho e o conhecimento desse mistério, de como pode estar o Pai no Filho e o Filho no Pai.^[16] E é prometido ao albergueiro o reembolso sem demora de tudo quanto tiver gasto de seu para a cura do moribundo.

9 Este guardião das almas apareceu verdadeiramente mais próximo que a Lei e os Profetas, ele “que fez misericórdia àquele que havia caído na mão dos bandidos”, e mostrou-se seu próximo não tanto em palavras, mas em atos. É, pois, possível, segundo o que é dito: “Sereis meus imitadores, como eu o sou de Cristo”,^[17] que imitemos o Cristo e que nos compadeçamos daqueles que “tenham caído na mão dos bandidos”; que nos aproximemos deles, que ponhamos ataduras em suas feridas, que derramemos óleo e vinho, que os coloquemos sobre nossa própria montaria e carreguemos seus fardos. E

é por isso que o Filho de Deus, exortando-nos a tais recomendações, se dirige não tanto ao doutor da Lei quanto também a nós todos: “Vai tu também e faz de modo semelhante”. Se tivermos agido de modo igual, obteremos a vida eterna no Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 35

Lc 12,58-59

Sobre o que está escrito: "Quando te diriges com teu adversário", e a sequência, até a passagem que diz: "até pagares o último centavo".

Parábola do julgamento

1 Se não houvesse em nossa natureza um sentido inato para apreciar a justiça, jamais o Salvador teria dito: "Por que, porém, não julgais por vós mesmos o que é justo?"^[1] Para que não nos estendamos muito longamente no exame desse pensamento,^[2] sobretudo porque questões muito mais difíceis estão atreladas a este capítulo, ser-nos-á suficiente apenas deter-nos no significado da passagem. Estendamos as velas de nossas almas para Deus e roguemos a vinda de sua Palavra a fim de interpretar esta parábola da Escritura, que diz:^[3] "Quando tu vais com teu adversário diante de um príncipe,^[4] no caminho, encarrega-te de te livrares dele, para que ele não te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao executor e que sejas enviado para o cárcere. Em verdade, eu te digo que não sairás daí até que devolvas o último centavo".^[5]

Vejo serem citados quatro personagens: o adversário, o príncipe, o juiz e o executor. E que o evangelista [São] Mateus parece ter expressado um pensamento semelhante quando diz: "Faça acordo com teu adversário enquanto caminhas com ele".^[6] Busco saber se aí há o mesmo sentido que no texto de Lucas ou se há alguma proximidade, já que, no texto de [São] Mateus, com efeito, uma personagem foi omitida e a outra, mudada.

2 "Príncipe" é omitido e, em vez do "executor", "o guarda" foi inserido, enquanto "o adversário" e "o juiz" foram igualmente mencionados nos dois textos. "Com o nosso adversário" vamos, então, encontrar "o príncipe"; enquanto estamos "a caminho", é necessário que lutemos com coragem para que nos livremos dele. Mas nos livrar de quem? De fato, a palavra é ambígua e pode tanto referir-se ao príncipe quanto ao adversário: "receando que", seja o adversário, seja o príncipe, "te entregue ao juiz, e que o juiz te entregue ao executor"; e: "não sairás daí enquanto não devolveres o último centavo", por cujas palavras [São] Mateus diz: "até que devolvas o último quarto de asse". Os dois evangelistas conservaram a palavra "último", porém pareceram estar em desacordo, porque este citou "quarto de asse", aquele, a palavra "centavo".

Os bons e os maus anjos

3 Devo tocar algumas verdades mais misteriosas, para que possamos compreender que o adversário e os outros três personagens, isto é, o príncipe, o juiz e o executor, representam cada um uma pessoa diferente. Lemos – se se quer receber este tipo de

escritura – que os anjos da justiça e os da iniquidade discutem sobre a salvação e a perda de Abraão, enquanto as duas turmas querem reivindicar a presença do patriarca para sua própria peleja. Se isso desagrade a alguém, que esse alguém passe ao volume intitulado “O Pastor” e aí encontrará que para todo homem há dois anjos: um mau, que o incita ao mal, e um bom, que persuade a todas as coisas melhores. Está escrito em outra parte que dois anjos assistem os homens, seja para a boa parte, seja para a má. O Salvador faz também menção dos bons anjos, quando diz: “Seus anjos veem sempre a face de meu Pai, que está nos céus”.^[7] Ao mesmo tempo, pergunta se os anjos dos pequeninos^[8] que pertencem à Igreja “veem sempre a face do Pai”, enquanto os anjos de outros não têm a liberdade de olhar o rosto do Pai. Não se deve esperar, pois, que os anjos de todos sempre vejam “a face do Pai, que está nos céus”. Se eu pertencer à Igreja, ainda que eu seja o menor de todos, o meu anjo tem a liberdade e a certeza de ver “a face do Pai, que está nos céus”.

4 Se, porém, eu estiver de fora e não for daquela Igreja “que não tem mancha nem ruga nem nenhum defeito dessa espécie”, e, por isso mesmo, ficar provado que sou estranho a tal congregação, meu anjo não tem a certeza de ter os olhos voltados para o “rosto do Pai, que está nos céus”. Por isso, os anjos são solícitos para os bons, os quais sabem que, se nos tiverem dirigido bem e nos tiverem conduzido à salvação, eles próprios terão a certeza de ver “a face do Pai”. Se, com efeito, através de seus cuidados e seu zelo, a salvação é adquirida para os homens, eles veem sempre “a face do Pai”. Assim, se, pela negligência deles, o homem tiver vindo à queda, eles não ignoram que a coisa não será isenta de perigo para eles. Do mesmo modo, um bom bispo e um excelente administrador da Igreja sabem que cabe a seu mérito e virtude que as ovelhas do rebanho a ele confiadas sejam guardadas. Compreende, então, que assim o é para os anjos. É uma ignomínia para um anjo se o homem a ele confiado tiver pecado. Ao contrário, é uma glória para um anjo se o homem que lhe é confiado, seja ele o menor de todos os que houver na Igreja, fizer progressos. Eles verão, com efeito, não uma vez ou outra, mas sempre “a face do Pai, que está nos céus”, enquanto os outros não a verão sempre. Segundo o mérito daqueles que dirigem, os anjos contemplarão sempre ou nunca, ou então com maior ou menor intensidade a face de Deus.^[9] Deus tem um conhecimento claro desse mistério, e, ainda que dificilmente, também o pode ter aquele que for encontrado tendo sido instruído por Cristo.^[10]

O adversário

5 Vejamos, pois, primeiramente, quem é “o adversário”, com o qual fazemos nosso caminho. O adversário está sempre conosco, infelizes e miseráveis que somos. Cada vez que pecamos, nosso adversário exulta ao saber, visto que tem a faculdade de exultar-se e vangloriar-se, junto ao príncipe deste mundo, que o tinha enviado; razão pela qual, o adversário de um ou de outro, por exemplo, tornou tanto um quanto o outro sujeitos ao príncipe deste mundo, por causa de seus pecados, por causa de tantos

pecados, por este delito ou por aquele. Mas sucede, às vezes, que, se alguém estiver preparado com a armadura de Deus e protegido de todas as partes, o adversário tentará, evidentemente, infligir uma ferida, mas não terá a possibilidade de golpear. O adversário caminha sempre conosco, nunca nos abandonará; ele busca a ocasião de nos colocar armadilhas e o modo de poder derrubar-nos, fazendo-nos submeter um mau pensamento no fundo de nosso coração.

O príncipe

6 “Quando tu vais ao encontro do príncipe.” Quem é, pois, esse príncipe? “Quando o Altíssimo dividia os povos, quando ele espalhava os filhos de Adão, ele fixou os limites dos povos segundo o número dos anjos de Deus. A parte de Deus foi seu povo, Jacó, e a extensão de sua herança, Israel.”^[11] Então, desde as origens, a terra foi dividida entre os príncipes, isto é, os anjos. Daniel, de fato, atesta claramente que aqueles que Moisés tinha nomeado de anjos são chamados de “príncipes”, dizendo: “o príncipe do reino dos Persas”, diz ele, “o príncipe do reino dos gregos e Miguel, vosso príncipe”.^[12] Os anjos são, portanto, os príncipes das nações. E cada um de nós tem um adversário unido a si; sua tarefa é conduzi-lo a um príncipe e dizer-lhe: “Príncipe do reino dos Persas”, por exemplo, “aquele que era teu súdito, eu o guardei, como ele era, para ti; nenhum dos outros príncipes pôde atraí-lo para si, nem sequer aquele que se gabava de ter vindo para isto: para arrancar os homens à dominação dos Persas ou dos gregos e de todas as nações, para fazer deles os súditos da herança de Deus.”^[13]

7 O Cristo nosso Senhor venceu todos os príncipes e, atravessando suas fronteiras, atraiu para si os povos cativos, para a sua salvação.^[14] Também tu pertencias ao partido de um príncipe. Jesus veio e te arrancou do poder do mal e ofereceu-te a Deus Pai. Assim nosso adversário caminha, conduzindo-nos ao seu príncipe. Por isso, eu, crendo que todas as palavras das Escrituras têm uma razão de ser, penso que não foi em vão que, entre os gregos, “juiz” tenha sido citado com o artigo [definido] “o”, que é significante de singularidade,^[15] enquanto “príncipe” foi, pura e simplesmente, escrito sem artigo [definido].

“Quando, diz a Escritura, vais com teu adversário”, significativamente diz “teu”. Não todos, com efeito, são adversários de todos; cada um tem seu adversário particular, que o segue por toda parte como um companheiro. “Quando tu vais com teu adversário ao encontro de um príncipe”, a palavra príncipe não é precedida do artigo [definido] “o”, para que não parecesse indicar uma personagem determinada, mas a ausência do artigo [definido] mostra que se trata de um príncipe entre vários outros, o que é melhor entendido pelos gregos.

8 Com efeito, não cada um de nós tem um príncipe próprio, mas se alguém é egípcio, depende do príncipe do Egito; o sírio é súdito do príncipe dos sírios; e cada um é súdito do príncipe de sua nação. Basta-me ficar por aqui; não há necessidade alguma de

estender essa discussão, enumerando igualmente todas as outras nações. Assim é dito: “Vede Israel segundo a carne”.^[16] Para o sábio, ter começado é ter dito; talvez seja mesmo temerário ter começado a tratar de semelhante assunto em público.^[17]

Diz a Escritura, quem quer conduzir-te a seu príncipe e fazer-te mudar de mestre, “quando tu vais com teu adversário ao encontro de um príncipe, pelo caminho, esforça-te para que te livres dele”. Se, com efeito, não lutares com todos os teus esforços para que sejas livrado dele, enquanto ainda percorres o caminho, antes que entres na casa de um príncipe, antes que tal príncipe te entregue ao juiz, em vão farás tuas tentativas depois que o adversário preparou-te para que fosses entregue.

9 “Esforça-te, pois, para que te livres” do teu adversário ou do príncipe, para quem te arrasta o adversário. Faz teu esforço para que tenhas a sabedoria, a justiça, a força, a temperança,^[18] e então se cumprirá a palavra: “eis o homem, seus trabalhos estão diante de seu rosto”.^[19] Se não fizeres esforços, não poderás quebrar o pacto de teu adversário, cuja “amizade é inimizade contra Deus”.^[20] “Quando vais com teu adversário ao encontro de um príncipe, no caminho, esforça-te.”

Nessa passagem “no caminho, esforça-te” está oculta amiúde não sei qual verdade, e há um mistério. O Salvador diz: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.^[21] Se fizeres o esforço para te livrares do adversário, estarás no caminho. Quando te ativeres àquele que diz: “eu sou o caminho”, “esforça-te para te livrares” do adversário; não basta ter-se dedicado. Se não fizeres o esforço, com efeito, para que te livres do adversário, escuta o que te acontecerá: o adversário “te arrasta ao encontro do juiz”, ou então o príncipe, quando te tiver recebido em sua casa pelo adversário, “te arrasta ao encontro do juiz”. “Arrasta” é um termo bem escolhido para mostrar, de certo modo, como aqueles que se esquivam e não querem ser arrastados para a condenação são obrigados a comparecer diante dela. Qual homicida, com efeito, comparece à corte judicial com passo ligeiro? Quem se apressa na alegria de ir à sua própria condenação e não é arrastado contra a sua vontade e insurgindo-se? Pois ele sabe que comparece para receber sua sentença de morte.

O juiz

10 “Para que ele não te arraste à corte judicial.” A teu ver, quem é esse juiz? Eu não conheço outro juiz senão Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual é dito em outra parte: “Ele porá as ovelhas à direita e os bodes à esquerda”.^[22] E novamente: “Quem tiver confessado a mim diante dos homens, eu o confessarei também diante de meu Pai que está nos céus; quem, porém, tiver me negado diante dos homens, eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus”.^[23] “Para que ele não te arraste à corte judicial, e o juiz te entregue ao executor.” Cada um de nós, através de cada pecado, sofre uma pena, e a intensidade da pena é medida segundo a qualidade e a natureza das faltas. Devo trazer um testemunho da Escritura a respeito da pena e da multa pecuniária. Um é condenado

a pagar quinhentos denários e ele os deve, outro é condenado a cinquenta denários, quantias que a ambos é retirada pelo credor. Depois, outro, segundo a Escritura, “foi-lhe apresentado, e esse devia dez mil talentos”,^[24] e ele foi condenado a pagar dez mil talentos. Que necessidade há que eu continue com vários exemplos?

11 Segundo a natureza e o número dos pecados, cada um recebe uma condenação a uma multa diferente. Se teu pecado é pequeno, serás golpeado com uma pena “de um centavo”, como escreve [São] Lucas; ou “de um quarto de asse”, segundo [São] Mateus.^[25] É, entretanto, indispensável pagar também essa pequena quantia, da qual te mostraste devedor, pois tu não sairás do cárcere antes de teres pagado mesmo as menores quantias. Todavia, aquele que é fiel não é golpeado com nenhuma pena, mas se enriquece a cada dia, “uma profusão de riquezas lhe pertence, enquanto o infiel não tem um óbolo sequer”.^[26] Um é condenado por um denário; outro, por uma mina; outro, por um talento. O juiz desse negócio, que conhece a importância de todos os pecados, também diria: “Essa falta é condenada por um talento; aquele pecado merece uma multa desse tipo”. Pois está escrito: “Quando, porém, ele começasse o acerto de contas”.^[27] O cômputo deve ser calculado para todos nós. Não há outro tempo para calcular o cômputo senão o tempo do julgamento, quando será conhecido como líquido o que nos tenha creditado e o que tenhamos feito de lucro ou de prejuízo. Entre nós haverá quem receba uma mina; quem um único talento; quem dois; quem cinco.^[28] Que necessidade há de trazer à memória mais detalhes, visto que basta ter dito isto de modo geral, que haveremos de devolver o pagamento de nossas contas e que, se formos identificados como devedores, seremos arrastados à corte judicial e entregues pelo juiz ao executor?

O executor

12 Temos, cada um de nós, nossos próprios executores; mas toda multidão é entregue a vários executores, segundo o que está escrito em Isaías: “Meu povo, vossos executores vos pilham e os poderosos reinam sobre vós”.^[29] Os executores são nossos mestres, se somos devedores. Se, porém, tivermos confiança, se pudermos dizer de cabeça erguida: “Guardei o preceito que ordena: ‘devolvi a todos o que lhes é devido; a quem o tributo, o tributo; a quem o temor, o temor, a quem as taxas, as taxas; a quem a honra, a honra’”^[30] – se a todos eu tiver devolvido tudo o que lhes devia –, então vou encontrar o executor e respondo-lhe com pensamento intrépido: nada te devo.

13 O executor volta a seu cargo e lhe resisto; pois sei que, se não terei devido nada, ele não tem nenhum poder sobre mim; mas, se eu sou devedor, “meu executor me mandará para o cárcere”, segundo o processo que foi predito: o adversário me conduz ao encontro do príncipe; o príncipe, à corte judicial; o juiz me entregará ao executor; o executor me mandará para o cárcere. Qual é a lei desse cárcere? Não sairei dele; o executor não me deixará sair se eu não tiver pago toda a minha dívida. O executor não

tem o poder de me conceder o perdão de nem mesmo um “quarto de asse”, nem mesmo “a menor” quantia. Há apenas um que pode perdoar aos devedores que não tenham com que saldar suas dívidas. “Um”, diz a Escritura, “que devia quinhentos denários aproximou-se dele, e um que devia cinquenta; e como não tivessem com que quitar suas dívidas, a ambos perdoou”.^[31] Quem perdoou era o Senhor; mas o Senhor não é o executor; o executor é o preposto pelo Senhor para exigir as dívidas.

14 Não foste digno que te perdoassem quinhentos ou cinquenta denários, nem mereceste ouvir: “Teus pecados te foram remidos”;^[32] serás mandado para o cárcere e lá serás obrigado a pagar pelo trabalho e pelas tarefas a cumprir; ou, então, penas e suplícios; e de lá não sairás, se não tiveres saldado o “quarto de asse” ou o “último lépton”, que em grego significa “leve”.

Entre nossos pecados, alguns são grossos, como está escrito: “O coração deste povo se tornou espesso”;^[33] outros, em comparação com os pecados mais graves, são leves e ínfimos. Bem-aventurado primeiramente aquele que não peca e, em segundo lugar, se ele peca, quando se contará suas faltas, possa ele ter apenas um pecado leve.

15 Mas há igualmente diferenças entre as faltas leves e ínfimas, pois, se no domínio das faltas leves e ínfimas não houvesse mais e menos, nunca o Evangelho teria dito: “Tu não sairás de lá até que tenhas devolvido o último quarto de asse”.

Mas não posso dizer claramente isto: se fosse necessário entender a expressão “o último centavo” como referida a uma quantia de dinheiro – uma quantia bem pequena, quer dizer um denário, ou um escudo, ou um óbolo, ou um estáter –, qual a natureza do que pagaremos, se devemos uma grande quantia de dinheiro, como no caso daquele do qual está escrito que devia mil talentos; ou, enfim, a duração do tempo no qual ficaremos encerrados no cárcere, até que saldemos nossa dívida. Com efeito, se aquele que deve pouco não sai do cárcere antes de ter pago “o mínimo quarto de asse”, o devedor responsável por uma grande quantia verá ser contado um número infinito de séculos para pagar sua dívida. É por essa razão que devemos “nos esforçar, para que nos livremos de nosso adversário”, enquanto estamos no caminho, e unamo-nos ao Senhor Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 36

Lc 17,33.20.21

Sobre o que está escrito: "Aquele que quiser salvar sua alma perdê-la-á" até aquela passagem que diz: "O reino de Deus está entre vós".

O homem espiritual

1 “Quem buscar”, diz Jesus, “salvar sua alma, perdê-la-á, e quem a tiver perdido, salvá-la-á.” Os mártires buscam salvar sua alma; perdem-na, para salvá-la.^[1] Mas os que querem salvar sua alma e não a perdem, estes perderão ao mesmo tempo “seu corpo e sua alma na geena”.^[2] Por isso, “não temais”, diz Jesus, “aqueles que podem matar o corpo, mas temei sobretudo aquele que pode perder a alma e o corpo na geena”. Sobre este assunto, diremos algumas palavras segundo a capacidade de nosso espírito.

O homem animal não acolhe o que vem do espírito^[3] e, portanto, não pode ser salvo. “Semeia-se um corpo animal, ressuscita um corpo espiritual.”^[4] Enfim, “aquele que se une ao Senhor torna-se com ele apenas um único espírito”.^[5] Se, portanto, “aquele que se une ao Senhor”, como se tratasse de um animal, se encontra transformado por essa união em homem espiritual, e “é um único espírito” com o Senhor, também nós, então, percamos nossa alma, para que, unindo-nos ao Senhor, sejamos transformados em um único espírito com ele.

O reino de Deus e o reino dos pecados

2 O Salvador, interrogado pelos Fariseus, igualmente sobre o tempo do advento do reino de Deus, respondeu: “O reino de Deus não se deixa observar e não se diria: “ei-lo aqui, ou ei-lo aí. Pois o reino de Deus está entre vós”. O Salvador não diz a todos: “O reino de Deus está entre vós”, porque os pecadores vivem voltados para o reino do pecado; não há ambiguidade alguma: no nosso coração impera ou o reino de Deus ou o reino do pecado. Sejamos mais atentos, seja a nossos atos, seja a nossas palavras, seja a nossos pensamentos, e veremos, então, se é o reino de Deus que prevalece em nós ou o reino dos pecados. Conhecendo essa oposição, o Apóstolo dá a alguns esta advertência: “Que o pecado não reine em vosso corpo mortal”.^[6]

3 Se algum de nós deseja o reino de Deus, já é governado por ele; se alguém é atormentado pelo ardor da avareza, é governado pela avareza. Aquele que é justo tem como rainha a justiça. Aquele que é tomado pela ambição da vanglória, reina para ele a popularidade. A tristeza, o medo, o amor, o desejo, cada uma dessas várias perturbações domina aquele que as experimenta. Conhecendo todas essas coisas e quão numerosos sejam os tipos de reinos, levantemo-nos e oremos a Deus, para que nos retire do reino do inimigo e possamos viver sob o reino de Deus todo-poderoso, isto é,

sob o reino da Sabedoria, da Paz, da Justiça, da Verdade; todas compreendidas no Deus Filho Unigênito: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 37

Lc 19,29-40

Sobre a passagem em que é dito que um jumentinho foi desatado pelos discípulos.

Às portas de Betânia

1 Foi lido no Evangelho segundo [São] Lucas como o Salvador, quando vinha “de Betfagé e de Betânia, perto do monte chamado das Oliveiras, enviou dois de seus discípulos” para desatar “o jumentinho” que estava amarrado, “sobre o qual nenhum homem nunca tinha montado”. Tudo isso, ao que me parece, tem um sentido mais profundo que a significação da simples narrativa. O asno estava amarrado. Onde? “Em frente a Betfagé e Betânia”. Betânia significa “casa da obediência”; Betfagé, “casa das mandíbulas”, um lugar reservado aos sacerdotes; pois as mandíbulas eram dadas aos sacerdotes, como está prescrito na Lei.^[1] O Salvador envia, pois, seus discípulos para lá onde se encontra a obediência, e em um lugar reservado aos sacerdotes, para aí desatar “o jumentinho sobre o qual nenhum homem nunca tinha montado”.

O jumentinho desatado

2 Que outro pode montar sobre um asno senão um homem? Quero tomar um breve exemplo para que possa ser compreendido o que vou dizer. Está escrito em Isaías: “A visão dos quadrúpedes na tribulação e na angústia”, e a sequência, até a passagem: “As riquezas das serpentes não lhes serão úteis”.^[2] Cada um de nós deve examinar quantos bens das áspides, quantas riquezas dos asnos tenha carregado anteriormente.^[3] Veremos como nem o homem espiritual nem a palavra de Moisés, nem a de Isaías nem a de Jeremias, ou de nenhum outro profeta montou sobre nosso asno. Veremos que a Palavra de Deus e o Verbo repousaram sobre nós quando o Senhor veio dizer para desatar o jumentinho que havia sido amarrado, para que avançasse livremente. Desatado, assim, o jumentinho é conduzido a Jesus, que havia dito, ao enviar seus discípulos para desatá-lo: “Se alguém vos perguntar por que desatais o jumentinho, dizei-lhe: porque o Senhor precisa dele”.

3 Muitos eram os donos desse jumentinho, antes que o Senhor precisasse dele; mas, depois que o Senhor se tornou seu dono, deixaram de ser vários os seus senhores; pois “ninguém pode servir a Deus e à Riqueza”.^[4] Quando somos escravos da maldade, estamos sujeitos às paixões e aos vícios. O jumentinho é, pois, desatado “porque o Senhor precisa dele”. Ainda agora o Senhor precisa do jumentinho. Vós sois o jumentinho. Em que o Filho de Deus precisa de vós? Que espera ele de vós? Ele precisa de vossa salvação, ele quer vos desatar dos laços dos pecados.

O jumentinho carrega Jesus

4 Os discípulos em seguida lançam “suas vestes sobre o asno” e fazem o Salvador assentar-se nele. Eles tomam a Palavra de Deus e a impõem sobre as almas dos ouvintes; se despem de suas vestes e “estendem-nas sobre o caminho”. As vestes dos Apóstolos estão sobre nós, suas boas obras são nossos ornamentos; os Apóstolos querem que andemos sobre seus vestuários. E a bem da verdade, o asno desatado pelos discípulos, e que carrega Jesus, avança sobre as vestimentas dos apóstolos, quando sua doutrina e sua vida são imitadas. Quem de nós tem a felicidade de ser a montaria de Jesus, que, enquanto esteve na montanha, morava apenas com os apóstolos, mas, quando se aproximou [o tempo] de sua descida, então acorreu a ele a turba popular?^[5] Se Jesus não tivesse realizado sua descida, não teria podido a multidão acorrer a ele. Ele desceu e montou sobre o jumentinho, e todo o povo louvava a Deus com uma voz unânime.

Proclamar a glória de Deus

5 Vendo isso, os fariseus diziam ao Senhor: “Repreende-os”. A estes ele respondeu: “Se eles se calarem, as pedras gritarão”. Quando nós falamos, as pedras silenciam; quando nos calamos, as pedras gritam;^[6] “pois o Senhor pode destas pedras suscitar filhos para Abraão”.^[7] Quando nos calaremos? Quando “a caridade de muitos tiver se resfriado”,^[8] quando aquilo que foi predito pelo Salvador tiver se cumprido: “Pensas tu que, quando o Filho do homem tiver vindo, encontrará fé sobre a terra?”^[9] Imploramos, pois, a misericórdia do Senhor, a fim de que, ao nosso calar, as pedras não cessem de gritar; mas falemos e louvemos a Deus no Pai, e no Filho, e no Espírito Santo: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 38

Lc 19,41-45

Sobre o que está escrito: "Como, porém, ele se tinha aproximado, viu a cidade e chorou sobre ela", até aquela passagem que diz: "Ele derrubou as mesas de todos os que vendiam pombas".

Jesus, realização das bem-aventuranças

1 “Como tivesse se aproximado de Jerusalém, Nosso Senhor e Salvador, vendo a cidade, chorou e disse: ‘Se nesse dia tu também tivesses conhecido a mensagem de paz; porém agora, ela permanece escondida de teus olhos; pois dias virão sobre ti em que teus inimigos te sitiarão’”. São misteriosas as coisas ditas por Jesus, e esperamos, desvelando-as Deus [para nós], poder descobrir o [seu] sentido oculto.^[1]

Primeiramente, deve-se ver, então, o significado de seu choro. Todas as bem-aventuranças, das quais falou Jesus no Evangelho, são confirmadas por seu exemplo, e ele justifica seu ensinamento por seu próprio testemunho. Ele diz: “Bem-aventurados os mansos”.^[2] Eis o que diz de si próprio: “Aprendei de mim, que sou manso”.^[3] “Bem-aventurados os pacíficos”.^[4] E quem mais é tão pacífico como o meu Senhor Jesus, que “é nossa paz, que fez cessar a inimizade e a suprimiu em sua carne?”.^[5] “Bem-aventurados aqueles que sofrem perseguição por causa da justiça”.^[6]

2 Ninguém sofreu perseguição por causa da justiça mais do que o Senhor Jesus, que por nossos pecados foi crucificado. O Senhor mostra, pois, todas as bem-aventuranças realizadas nele. Em conformidade com aquilo que dissera: “Bem-aventurados os que choram”,^[7] o próprio Jesus chorou para lançar o fundamento dessa bem-aventurança. Ele chorou, porém, sobre Jerusalém dizendo: “Se neste dia tivesses conhecido tu também a mensagem de paz; mas agora ela permanece oculta a teus olhos”, e a sequência, até aquela passagem que diz: “Porque não reconheceste o tempo em que tu foste visitada”.

Jesus chora sobre Jerusalém

3 Alguém entre os ouvintes poderia dizer: o sentido de tais palavras é evidente; elas se cumpriram, de fato, quanto ao que diz respeito a Jerusalém: o exército romano, com efeito, sitiou-a e devastou-a até o extermínio, e virá um tempo em que não restará mais dela pedra sobre pedra. Não nego que, evidentemente, aquela Jerusalém foi destruída por causa dos crimes de seus habitantes; mas pergunto se por acaso esse choro convenha também a esta nossa Jerusalém. Nós somos, com efeito, a Jerusalém que é deplorada por Jesus; nós, cujo olhar espiritual parece ser mais penetrante.^[8] Se, depois

de ter conhecido os mistérios da verdade, depois da palavra do Evangelho, depois da doutrina da Igreja e depois da visão dos mistérios de Deus, alguém dentre nós tiver pecado, ele será causa de choro e deploração. Nenhum pagão, com efeito, é causa de choro, mas aquele que foi de Jerusalém e deixou de ser dela.

4 Porém, esta nossa Jerusalém é causa de choro, porque, depois de seus pecados, “os inimigos, a saber, as potências adversas, os espíritos maus, a sitiarão. Eles lançarão trincheiras ao seu redor e sitiá-la-ão “até que não deixem pedra sobre pedra”. Isso é o que acontece sobretudo se, depois de uma perfeita continência, depois de muitos anos passados na castidade, um homem que tiver sido atraído pelos apelos moles da carne, tenha perdido a capacidade de suportar a pureza.^[9] Se tiveres cometido uma fornicção, “não deixarão pedra sobre pedra” em ti. Com efeito, diz em outra passagem: “Eu não me recordarei mais das obras de justiça que ele praticou; eu o julgarei no próprio pecado em que tiver sido surpreendido”.^[10] Essa é, portanto, a Jerusalém que é deplorada.

Jesus expulsa os vendilhões

5 É dito depois disso: “Ele entrou no templo” e, uma vez tendo entrado, “ele pôs para fora aqueles que vendiam pombas”. Não expulsou os compradores; quem, com efeito, compra, possui o que compra. Jesus expulsou do templo de seu Pai aqueles que vendem seus bens e põem fora^[11] o que tinham tido, à semelhança do filho voluptuoso que recebeu uma parte dos haveres do Pai e pôs a perder todas as coisas, bebendo em demasia.^[12] Se vende, portanto, alguma coisa, é expulso, sobretudo se vendia pombas. Por que não citou outras aves, senão pombas? Esse animal é simples e decoroso. Receio que também em nós um vício desse tipo seja identificado. Se, com efeito, eu tiver vendido por dinheiro, e não ensinado gratuitamente, o que me é revelado e confiado pelo Espírito Santo para dá-lo a conhecer ao povo, o que faço de diferente a não ser vender pombas, isto é, o Espírito Santo? Quando o tiver vendido, eu serei expulso do templo de Deus.

6 Por isso, roguemos ao Senhor para que todos sejamos antes compradores que vendedores. Se, com efeito, não tivermos vendido, teremos o conhecimento e a compreensão de nossa salvação; caso contrário, os inimigos sitiarão nossa cidade. E se o exército inimigo nos tiver cercado uma vez, não mereceremos as lágrimas do Senhor. Levantemo-nos, portanto, ao romper do dia e rezemos a Deus para que possamos comer, pelo menos, as migalhas que caem da mesa daquele homem.^[13]

A Escritura admira que a rainha de Sabá tenha vindo “da extremidade da terra para ouvir a sabedoria de Salomão”,^[14] e, depois de ter visto a refeição, e o mobiliário e os serviços de sua casa, ficou tomada de estupor e toda maravilhada. Quanto a nós, se não abraçarmos de boa vontade as prodigiosas riquezas de Nosso Senhor, o maravilhoso mobiliário de sua palavra, a abundância de seus ensinamentos, se não comermos “o pão

da vida”,^[15] se não nos nutrirmos da carne de Jesus e não bebermos o sangue de seu sacrifício, se desprezarmos o banquete de Nosso Salvador, devemos saber que Deus pode ter “tanto bondade quanto severidade”.^[16] A partir disso tudo, devemos implorar para nós mais a sua bondade, em Cristo Jesus, Nosso Senhor, “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

HOMILIA 39

LC 20,27-40; 20,21-26

A respeito da pergunta que os saduceus fizeram ao Senhor sobre aquela mulher que teve sete maridos, e igualmente a respeito do denário que o Senhor ordenou que lhe fosse mostrado.

A pergunta dos saduceus

1 Os judeus têm uma seita que é chamada a seita dos saduceus: essa nega “a ressurreição dos mortos”, e pensa que a alma morre com o corpo e que, depois da morte, nossas faculdades espirituais desaparecem.^[1] Membros dessa seita, ao fazer, então, uma pergunta ao Senhor, inventaram a história^[2] de uma mulher que tinha tido sete maridos. Depois da morte do primeiro marido, a fim de lhe suscitar uma posteridade, ela se casou com o segundo; tendo este morrido, ela se casou com um terceiro, depois com um quarto e assim sucessivamente até o sétimo. E para armar uma cilada para o Salvador,^[3] os saduceus propuseram-lhe este problema, no momento em que o viram instruir os discípulos a respeito da ressurreição: “Na ressurreição dos mortos”, quem dos sete irmãos deveria reivindicá-la como esposa?

A resposta de Jesus

2 Respondendo a eles, disse-lhes Jesus: “Vós estais errados, vós não compreendeis nem as Escrituras nem o poder de Deus. Pois, na ressurreição dos mortos, não tomarão mulher nem marido, mas serão como anjos nos céus”.^[4] Aqueles que serão como anjos com toda certeza serão anjos. Deve-se aprender, igualmente, que os anjos não se casam. Mas aqui embaixo, onde há a morte, são necessários os casamentos e os filhos; mas onde há a imortalidade, porém, não há nenhuma necessidade de casamento nem de filhos. Vou me fazer uma pergunta muito importuna, e que não é resolvida facilmente no dizer daqueles que são muito versados no estudo da Escritura e “meditam dia e noite na lei do Senhor”.^[5] Onde, poderiam eles ter dito, está escrito que “não tomarão nem mulher nem marido”? Repassando em memória e em pensamento tanto o Velho quanto o Novo Testamento, não me recorro de ter aí encontrado em alguma parte uma passagem semelhante. Se essa passagem me escapa, que alguém mais sábio me instrua, aprendo de boa vontade o que ignoro; mas, por quanto sei, não se encontrará nada semelhante nem no Antigo nem no Novo Testamento.

O erro dos saduceus

3 Todo o erro dos saduceus subjaz à leitura dos profetas, que eles não compreendem^[6] – dentre os quais aquilo que está em Isaías: “Meus eleitos não

terão filhos destinados à própria perda”,^[7] e no Deuteronômio, no capítulo das bênçãos: “Benditos sejam os filhos de teu ventre”^[8] – e julgam que isso se cumprirá “quando da ressurreição”, sem compreender que se trata de profecias referentes às bênçãos espirituais. Paulo, com efeito, “vaso de eleição”,^[9] que sabia que todas as bênçãos citadas na Lei não devem ser entendidas em sentido carnal, interpretava-as de modo espiritual. Ele diz aos Efésios: “Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais”.^[10] Todas essas bênçãos serão, portanto, bênçãos espirituais, quando, na ressurreição dos mortos, obteremos a eterna bem-aventurança. Mas os saduceus caem no mesmo erro, encontrando um texto similar nos Salmos: “Tua esposa é como uma vinha fecunda no interior de tua casa, teus filhos, como viveiro de oliveiras em torno de tua mesa”, até aquela passagem que diz: “Que Deus te abençoe de Sião e possas tu ver os bens de Jerusalém”.^[11] Quando Jerusalém for construída e restabelecida em sua antiga condição, então o santo haverá de ver os bens mencionados pela Escritura.

4 Aqueles que concebem espiritualmente uma Jerusalém e sabem que dela se diz: “que ela é celeste, que ela é do alto, que ela é nossa mãe”,^[12] verão seus bens, dos quais muitas vezes falamos, bem como aquilo que agora citamos: “Tua esposa é como uma vinha fecunda no interior de tua casa, teus filhos, como viveiro de oliveiras em torno de tua mesa”. É aos saduceus, uma fração do povo judaico, que tudo compreendia segundo o sentido carnal, que se dirige o Salvador quando diz: “Vós não compreendeis nem as Escrituras nem o poder de Deus”.^[13] Eis o que deve ser dito, brevemente, sobre a pergunta que os saduceus fizeram ao Senhor.

Por outro lado, visto que se acrescenta o comentário sobre a efígie de César, também sobre isso devemos tocar, de passagem, com algumas palavras.

Alguns pensam que as palavras ditas pelo Salvador têm um sentido literal pura e simplesmente: “Devolvei a César o que pertence a César”, isso quer dizer: devolvei o imposto que deveis. Com efeito, quem de nós eleva uma objeção acerca dos impostos que devem ser devolvidos a César? Essa passagem contém, portanto, algo de místico e secreto.

A imagem de Deus

5 Há duas imagens no homem: uma que recebeu de Deus, no tempo da criação, como está escrito no Gênesis: “À imagem e semelhança de Deus”; a outra, do homem “terrestre”,^[14] que recebeu em seguida, por causa da desobediência e do pecado, seduzido pelos atrativos do “príncipe deste mundo”.^[15] Do mesmo modo que uma moeda ou um denário tem a imagem dos imperadores do mundo, assim aquele que faz as obras do “príncipe destas trevas” traz a imagem desse príncipe, de quem faz as obras. Jesus ordenou, aqui, que devolvamos essa imagem e que a arranquemos de nosso rosto, para tomar aquela imagem segundo a qual, na origem, fomos criados, isto é, à

semelhança de Deus. É assim que devolvemos “a César o que pertence a César e a Deus o que é de Deus”. “Mostrai-me”, diz Jesus, a moeda”^[16] ou o “denário”, como escreve Mateus.^[17] Tendo-a tomado, ele acrescenta: “De quem é a inscrição?” Eles responderam: “De César”. E, imediatamente, disse: “Devolvei a César o que pertence a César e a Deus o que é de Deus”.

6 E Paulo, nesse mesmo sentido, disse: “Como carregamos a imagem do terrestre, carreguemos também a imagem do celeste”.^[18] As palavras: “devolvei a César o que é de César” significam: abandonai a figura do “homem terrestre”, rejeitai a imagem terrestre, para que possais, impondo-vos a figura do “homem celeste”, devolver “a Deus o que é de Deus”.

Deus nos faz um novo pedido. O que nos pede? Lê em Moisés: “E agora o que o Senhor teu Deus volta a pedir-te?”,^[19] e o resto que se segue. Deus nos dirige um pedido e nos solicita, não porque ele precise que lhe demos alguma coisa, mas porque, depois que lhe tivermos dado, ele nos devolverá a mesma coisa, em vista de nossa salvação. Para explicar isso mais claramente, citarei a parábola das minas.^[20]

Um homem tinha recebido uma única mina. Com ela, ele ganhara [outras] dez minas, e ofereceu-as ao Senhor, que lhe tinha confiado a primeira mina; e ele recebeu outra mina que não possuía antes.

7 [Mas] o Senhor ordena que seja tirada a mina daquele que a tinha recebido sem fazê-la frutificar, para dá-la àquele que tinha ganhado outras: “Retirai-lhe a mina”, diz Jesus, “e dai-a àquele que tem dez”. Assim, neste mundo, o que tivermos dado a Deus, ele no-lo devolverá e acrescentará outra coisa que não possuíamos anteriormente. Deus exige, Deus pede, para ter a ocasião de nos dar, para distribuir ele próprio seus dons. É graças a ele que a mina multiplicou-se, e àqueles que o merecem é dado mais do que esperavam. Por essa razão, levantando-nos, oremos a Deus, para que sejamos dignos de oferecer-lhe seus dons, os quais possa nos restituir e, em lugar dos bens terrenos, ele possa nos prodigalizar os celestiais, no Cristo Jesus: “a quem pertencem a glória e o poder nos séculos dos séculos. Amém”.

Fim das trinta e nove homilias de Orígenes Adamâncio sobre o Evangelho de [São] Lucas, traduzidas do grego para o latim pelo bem-aventurado presbítero Jerônimo.

BIBLIOGRAFIA

- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 2000.
- BIBLIA SACRA IUXTA VULGATAM CLEMENTINAM*. Alberto Colunga et Laurentio Turrado. Madrid: BAC, 1946.
- BOULLUEC (LE), A. *La notion d'hérésie dans la littérature grecque du IIe. et IIIe. siècles*. Tome II: Clément d'Alexandrie et Origène. Paris: Études Augustiniennes, 1985.
- CLARK, E. *The origenist controversy*. The cultural construction of an early christian debate. Princeton: Princeton University Press, 1992.
- DICIONÁRIO PATRÍSTICO E DE ANTIGUIDADES CRISTÃS*. Trad. de Cristina Andrade. Org. Angelo di Berardino. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ERNOUT, A. e MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001.
- HOUAISS, A. et alii. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- INGLEBERT, H. *Interpretatio Christiana*. Les mutations des savoirs (cosmographie, géographie, ethnographie, histoire) dans l'Antiquité chrétienne 30-630 après J.-C. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2001.
- JEANJEAN, B. *Saint Jérôme et l'hérésie*. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1999.
- LAROUSSE DU XXe. SIÈCLE*. Publié sous la direction de Paul Augé. Paris: Librairie Larousse, 1928.
- MOHRMANN, C. *Études sur le latin des chrétiens*. 2 vol. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1961.
- OLTRAMARE, A. *Les origines de la diatribe romaine*. Lausanne et Genève: Payot, 1926.
- ORÍGENES. *Homélie sur S. Luc*. Texte latin et fragments grecs de M. Rauer. Introduction, traduction et notes par H. Crouzel, F. Fournier, P. Périchon. Paris: Cerf, 1998.
- PÉPIN, J. *Mythe et allégorie*. Les origines grecques et les contestations judéo-chrétiennes. Paris: Aubier, 1958.
- RENAN, E. *Histoire des origines du christianisme*. 2 vol. Paris: Robert Laffont, 1995.
- _____. *Vida de Jesus*. Trad. de Eliana Maria de A. Martins. São Paulo: Martin Claret, s.d.
- SÃO JERÔNIMO. *Translatio homiliarum Origenis in Lucam*. PL tomus XXVI. Paris: Petit Montrouge, 1884.
- SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1993.
- WESSELOW, T. *O sinal*. O Santo Sudário e o segredo da Ressurreição. Trad. de Berilo Vargas, Denise Botmann e Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Coleção **Patrística**

1. *Padres Apostólicos*, Clemente Romano; Inácio de Antioquia; Policarpo de Esmirna; O pastor de Hermas; Carta de Barnabé; Pápias; Didaqué
2. *Padres Apologistas*, Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo; Hérmiás
3. *I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, Justino de Roma
4. *Contra as heresias*, Irineu de Lião
5. *Explicação do símbolo (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência*, Ambrósio de Milão
6. *Sermões*, Leão Magno
7. *Trindade (A)*, Santo Agostinho
8. *Livre-arbítrio (O)*, Santo Agostinho
- 9/1. *Comentário aos Salmos (Salmos 1-50)*, Santo Agostinho
- 9/2. *Comentário aos Salmos (Salmos 51-100)*, Santo Agostinho
- 9/3. *Comentário aos Salmos (Salmos 101-150)*, Santo Agostinho
10. *Confissões*, Santo Agostinho
11. *Solilóquios – Vida feliz (A)*, Santo Agostinho
12. *Graça I (A)*, Santo Agostinho
13. *Graça II (A)*, Santo Agostinho
14. *Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a origem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo*, Basílio de Cesareia
15. *História eclesiástica*, Eusébio de Cesareia
16. *Dos bens do matrimônio – Santa virgindade (A) – Dos bens da viuvez – Cartas a Proba e a Juliana*, Santo Agostinho
17. *Doutrina cristã (A)*, Santo Agostinho
18. *Contra os pagãos – Encarnação do Verbo (A) – Apologia ao imperador – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de Santo Antão*, Santo Atanásio
19. *Verdadeira religião (A) – Cuidado devido aos mortos (O)*, Santo Agostinho
20. *Contra Celso*, Orígenes
21. *Comentários ao Gênesis*, Santo Agostinho
22. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*, Santo Hilário de Poitiers
23. *Da incompreensibilidade de Deus – Da providência de Deus – Cartas a Olímpia*, São João Crisóstomo
24. *Contra os Acadêmicos – Ordem (A) – Grandeza da Alma (A) – Mestre (O)*, Santo

Agostinho

25. Explicação de algumas proposições da carta aos Romanos – Explicação da carta aos Gálatas – Explicação incoada da carta aos Romanos, Santo Agostinho
26. Examerão – Seis dias da criação (Os), Santo Ambrósio
- 27/1. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Epístola aos Romanos – Comentários sobre a Epístola aos Gálatas – Homilias sobre a Epístola aos Efésios, São João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre a Primeira carta aos Coríntios – Homilia sobre a Segunda carta aos Coríntios, São João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às cartas de São Paulo – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda de Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, São João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, Gregório Magno
29. Criação do homem (A) – Alma e a ressurreição (A) – Grande catequese (A), Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, São Jerônimo
32. Fé e o símbolo (A) – Primeira catequese aos não cristãos – Continência (A) – Disciplina cristã (A), Santo Agostinho
33. Demonstração da pregação apostólica, Irineu de Lyon
34. Homilias sobre o Evangelho de Lucas, Orígenes

Direção editorial:
Claudio Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital:
Guilherme César da Silva

Assistente editorial:
Jacqueline Mendes Fontes

Coordenação de revisão:
Tiago José Risi Leme

Revisão:
Tiago José Risi Leme
Iranildo Bezerra Lopes

Capa:
Marcelo Campanhã

Desenvolvimento digital:
Daniela Kovacs

Conversão EPUB:
PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orígenes
Homilias sobre o Evangelho de Lucas [livro eletrônico] Orígenes. – São Paulo: Paulus, 2016. – (Coleção Patrística)
1,2Mb; ePUB

eISBN 978-85-349-4320-8

1. Bíblia. N.T. Lucas, XII - Sermões 2. Espírito Santo 3. Homem - Origem - Sermões 4. Padres da Igreja primitiva
I. Título. II. Série.

CDD-281.1

15-10598 - 270

Índices para catálogo sistemático:

1. Padres da Igreja: Literatura cristã primitiva 281.1; 2. Patrística 270

Título original: *Homiliae in evangelium Lucae*

Tradução, introdução e notas: *Luís Carlos Lima Capinetti*

© PAULUS – 2016

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

[[Facebook](#)] • [[Twitter](#)] • [[Youtube](#)]

eISBN 978-85-349-4320-8

NOTAS

INTRODUÇÃO

[1] A ser publicado proximamente nesta Coleção.

[2] Anotações colhidas em Di BERARDINO, op. cit., 2002, p. 1045-6.

[3] "Exortação moral. Etimol. *Paráínesis, eos*: exortação, encorajamento, conselho, recomendação. HOUAISS (2008), p. 2134. O referido dicionário ainda traz o termo *parenética* ("eloquência religiosa") e o adjetivo *parenético*.

[4] Filósofo grego (II-III século a.C.). Ele foi acolhido na corte de Antígona Gonatas, e morreu, acredita-se, em Cálcis, na Eubeia. Pertencia à escola cínica, e era célebre pelas sentenças agudas de seu espírito satírico. Foi acusado de ateísmo. Estobeu, entre outros, conservou-nos dele alguns fragmentos (LAROUSSE DU XX^e SIÈCLE, 1928, 1^o vol., p. 712).

[5] Noção de lógica: existem as conversões simples, por limitação ou por acidente, por negação, por contraposição. Ex.: Todo homem é um animal racional. Todo animal racional é um homem (conversão simples).

[6] Lc 2,34.

[7] Lc 2,34.

[8] Jo 20,26.

[9] Lc 2,34.

[10] Segundo a etimologia, Israel significaria "ver Deus", tendo ganhado outro sentido depois da luta de Jacó (Israel) com o anjo (Gn 32,29).

[11] Lc 2,34.

[12] Os marcionitas recusavam o Antigo Testamento, fonte na qual se acha presente a preparação para a vinda e o nascimento de Jesus, e seu nascimento carnal. Orígenes contesta tais teses e nos apresenta um Cristo que assume um corpo humano em Maria, fato que podemos sentir no texto que ora apresentamos.

[13] As características mais importantes desse grupo são: o fato de terem acolhido Jesus como "simples homem", viviam segundo a lei judaica e rejeitaram Paulo (Di BERARDINO, 2002, p. 437).

[14] Os docetistas, ao contrário do que afirma Orígenes, desprezavam, com base em doutrinas platônicas, a verdadeira humanidade de Jesus, importantíssima para a salvação.

[15] Metódio de Olimpo não aceitava as ideias de Orígenes – de quem fora discípulo – sobre a ressurreição da carne, dentre outras ideias. Segundo Orígenes, a segunda alternativa é a sua posição, segundo a qual Cristo ressuscitaria com um corpo glorioso.

[16] Jo 20,26.

[17] Cf. Ef 5,27.

[18] Cf. 1Cor 1,2.

[19] 1Pd 4,11.

[20] Cf. Ef 5,27.

[21] Cf. 1Cor 1,2.

[22] 1Pd 4,11.

PRÓLOGO DA TRADUÇÃO DE SÃO JERÔNIMO

[1] Paula (347-404), da nobre família romana dos Fúrio Camilo, foi esposa do também nobre senador Toxocio Júlio. Após a morte de seu marido, integrou um grupo de piedosas matronas romanas. Deixou seus bens para os filhos (Blesila, Paulina, Eustóquia, Rufina e Toxócio) e para os pobres. Após algumas viagens, estabeleceu-se em Belém e fundou uma hospedaria para peregrinos, um mosteiro feminino e outro masculino. Auxiliou Jerônimo em suas atividades de tradução. Eustóquia (antes de 370-419), ou Eustóquio, terceira filha de Paula e Toxócio, acompanhou a mãe em seu retiro no Oriente e em suas atividades com Jerônimo, que lhe dedicou a *Ep.* 22 (tratado sobre a virgindade). Ambas são contadas no hagiológico ortodoxo e católico, latino e oriental. Ótima fonte para a biografia de Paula é a *Ep.* 108 de Jerônimo, escrita por ocasião da morte da referida matrona. (As notas, neste *Prólogo*, são do supervisor da coleção.)

[2] Possível referência aos *Commentarii in evangelia* de Fortunaciano de Aquileia († 361), que Jerônimo descreve (em 392-393) como escritos “com um discurso parco e [de estilo] rústico” (*De viris illustribus* 97), embora, ao pedi-los (por volta de 374) ao ancião Paulo de Concordia, tivesse designado esses mesmos *Commentarii* como “pérola [...], palavras puras, como prata extraída da terra e purificada” (cf. *Ep.* 10,3). Esse elogio inicial ao texto de Fortunaciano, que parece anterior a sua leitura, talvez não fosse senão algo como que *captatio benevolentiae* em vista da obtenção do manuscrito. Após sua leitura, porém, em vista da preparação também de seus *Commentarii in evangelium Matthaei* (cf. *Praefatio* a esses mesmos comentários), o Estridonense pôde avaliar a obra do bispo de Aquileia. Isso explicaria a “mudança” de opinião de Jerônimo, já que os textos não permitem explicá-la de outro modo. Para conhecimento dos fragmentos (é tudo o que chegou até nós) da referida obra de Fortunaciano, veja-se CCL 9,365-370. Sobre Fortunaciano, veja-se C. KANNENGIESSER, *Handbook of Patristic Exegesis. The Bible in Ancient Christianity*, Leiden: Brill, 2006, p. 1035-1036, que explica (p. 1035) o contexto da pregação de Fortunaciano, e, de certo modo, confirma a opinião expressa por Jerônimo em seu *De viris illustribus* 97.

[3] Em se tratando de raridade, no período patrístico, os comentários a Lucas só perdem para os comentários a Marcos, praticamente inexistentes. De fato, somente quatro comentários a Lucas chegaram até nós: os que temos em mãos, de Orígenes, datáveis entre 233-244, e traduzidos por Jerônimo entre 390-392; os de Ambrósio de Milão (339-397); os de Cirilo de Alexandria (375-444), compostos em grego, mas que sobreviveram somente em sua versão siríaca; e os do Venerável Beda (673-735). Somem-se a esses alguns fragmentos dos de Tito de Bostra (+378). Talvez até o livro 4 do *Adversus Marcionem* de Tertuliano pudesse ser incluído nessa lista (cf. C. H. TALBERT, “The Gospel of Luke”, em J. H. HAYES (ed.), *Dictionary of Biblical Interpretation*, 2 vol., Nashville: Abingdon Press, 1999, vol. 2, p. 99). Não é absurdo pensar que, se tão poucos chegaram até nós, poucos houvesse, embora com algum acréscimo aos textos que se acaba de referir, no período patrístico. Se Jerônimo emite a opinião a que se refere esta nota em relação ao comentário ao Evangelho de Lucas, ainda que devamos considerar a existência de mais de cinco ou seis deles, é possível que se refira a Ambrósio. Em 381, o Mediolanense publicou seu *De spiritu sancto*, marcadamente inspirado na obra homônima de Dídimo, o Cego. Jerônimo, alguns anos depois (387), tendo lido a obra ambrosiana, traduz e publica a referida obra de Dídimo, atacando Ambrósio sem o nominar (cf. Jerônimo, *Praef.* a sua tradução do *De spiritu sancto* de Dídimo [PL 23,108]). Veja-se também, ainda a esse respeito, Rufino, *Apologia* 2,25 [PL 21,603-604], e a nota 7, abaixo. Note-se que também a tradução jeronimiana da obra que temos em mãos ocorre imediatamente em seguida à publicação da *Expositio evangelii secundum Luccam* (390/391) de Ambrósio, muito dependente, particularmente em seus dois primeiros livros, das homilias origenianas sobre Lucas.

[4] É provável que Orígenes tenha feito mais de 39 exposições sobre o Evangelho de Lucas (cf. PG 13,1799, n. 91), talvez mais de 150 (cf. H. OLIPHANT, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church.1: The Biblical Period*, Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 321). De fato, Orígenes mesmo menciona duas homilias sobre Lucas que não se encontram entre as 39 traduzidas por Jerônimo: uma sobre Lc 15,4-7 (cf. *Commentaria in evangelium secundum Matthaeum* 13,29 [PG 13,1173A]) e outra sobre Lc 14,16-24 (*Commentaria in evangelium Ioannis* 32,2 [PG 14,741A]). Isso, porém, não permite pensar que Jerônimo tenha feito recortes em sua tradução, já que afirma traduzi-las “tal como se encontram em grego” (“sicut in Graeco habentur”). É provável, então, dando crédito ao Estridonense, que nos sécs. IV-V, estas 39 homilias já circulassem, com alguma perda, como o texto das homilias origenianas a Lucas. Outro argumento a favor disso, embora (talvez) inferior, é o uso ambrosiano das homilias de Orígenes. Ao compor seu comentário a Lucas, Ambrósio serviu-se amplamente, sobremaneira nos dois primeiros livros, do comentário de Orígenes; e, talvez, ele se tivesse servido mais do comentário do Alexandrino se o número de suas homilias fosse superior a 39. Para detalhes, e outras questões acerca destas homilias, veja-se a introdução de H.-J. SIEBEN, *Origenes. Homilien zum*

Lukasevangelium, 2 vol., Freiburg: Herder, 1991-1992, vol. 1, p. 7-53.

[5] Cf. CÍCERO, *Ep.* 127,2.

[6] Segundo Rufino de Aquileia (*Apologia* 2,23-24 [PL 21,602-603]), Jerônimo, aqui, refere-se a Ambrósio. Acerca de Ambrósio “sob a mira” de Jerônimo, veja-se também, acima, nota 4.

[7] Contrariamente à opinião de Jerônimo, os estudiosos contemporâneos tendem a afirmar maior cautela nas obras de Orígenes, conforme avançava em idade. A esse respeito, bem como acerca de sua pregação, vejam-se TORJESSEN, K. J., *Hermeneutical Procedure and Theological Method in Origen's Exegesis*, Berlim: De Gruyter, 1986 [Patristische Texte und Studien 28], e J. LIENHARDT, “Origen as homilist”, em D. G. HUNTER (ed.), *Preaching in the Patristic Age: Studies in Honor of Walter J. Burghardt, S.J.*, New York: Paulist Press, 1989, p. 36-52.

[8] Contrariamente à nota do *Incipit* das homilias, essas podem ter sido fruto de pregação diária (cf. H.-J. SIEBEN, *op. cit.*, vol. 1, p. 13-14).

HOMILIA 1 (LC 1,1-4)

[1] Cf. Jr 28,1ss. Os textos bíblicos não indicados nas notas são aqueles de que trata a homilia, exceto a doxologia de 1Pd 4,11, que conclui todas as homilias.

[2] Trata-se dos Evangelhos Apócrifos. A seu respeito, ver "Apócrifos", em A. DiBERARDINO, *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*, Paulus/Vozes, 2002, p. 129-131, particularmente as p. 129-130; e em J. L. McKENZIE, *Dicionário Bíblico*, São Paulo: Paulus, 2005⁹, p. 57-61. Sobre os evangelhos citados aqui por Orígenes, veja-se C. MARKSCHIES / J. SCHRÖTTER (orgs.), *Antikechristliche Apokryphen in deutscher Übersetzung, 1: Evangelien und Verwandtes*, Tübingen: Mohr Siebeck, 2012.

[3] Na obra de Orígenes, "hereges" refere-se aos pseudognósticos (Valentino, Basíides e sua escola, por um lado, e Marcião e seus discípulos, por outro); cf. nota 1, p. 100, na edição de H. CROUZEL *et alii*, SC 87, edição sobre a qual se baseiam muitas das notas desta tradução.

[4] Já citado por Clemente Alexandrino, que reinterpreta cristãmente uma passagem sua (cf. *Strom.* 3,9,[63]ss [PG 8,1165-1169]), o *Evangelho segundo os egípcios* é comumente datado da segunda metade do séc. II. Se seu texto não é de origem encratita, foi muito usado por essa seita. Sobre textos e interpretações encratitas, veja-se F. BOLGIANI, *La tradizione eresiológica sull'encratismo*, 2 vol. (91: 1956-1957; e 96: 1961-1962), em *Atti dell'Accademia delle Scienze di Torino*. Sobre o encratismo, veja-se o respectivo verbete em DiBERARDINO, *op. cit.*, p. 474-475. Ver também bibliografia acima, n. 2.

[5] Embora esse evangelho seja assim nomeado por ter os 12 apóstolos como narradores, é também – e talvez mais – conhecido como *Evangelho dos ebionitas*. Oriundo de ambiente sírio e datado entre os sécs. II-III, escrito provavelmente em grego, é um dos evangelhos hebraizantes e de tendência gnóstica. Dele não há mais que fragmentos. Sobre os ebionitas, veja-se o respectivo verbete em DiBERARDINO, *op. cit.*, p. 437. Ver também bibliografia acima, n. 3.

[6] Basíides, a quem Orígenes atribui a composição de um evangelho próprio, teria vivido e ensinado em Alexandria, no séc. II. Eusébio (*HE IV, 7,7*) *lhe atribuirá "24 livros sobre o evangelho". A base de seu ensinamento remontaria ao apóstolo Matias, e Glúcias, intérprete de Pedro, teria sido seu mestre. Para mais detalhes, e indicação das fontes, veja-se, sub voce "Basíides", A. DiBERARDINO, op. cit., p. 212-213.*

[7] O termo grego designa a certeza da fé, a plenitude do conhecimento religioso oposto à incerteza das aparências (cf. n. 2, p. 102, na edição de H. CROUZEL *et alii*, SC 87).

[8] Sl 119(118),28, conforme a Septuaginta.

[9] Ef 3,17; Cl 1,23 e 2,7.

[10] Possível combinação de Lc 6,48 e Mt 7,24ss com o(s) texto(s) paulino(s) indicado(s) na nota precedente.

[11] Ex 20,18, distinto da Septuaginta.

[12] Jo 19,15; At 22,22.

[13] Jo 14,9.

[14] 2Cor 8,18.

[15] O irmão mencionado no texto paulino, na verdade, parece ter permanecido desconhecido. Por que Orígenes o identifica com Lucas é difícil dizer – admitindo--se que isso seja possível.

[16] Sl 105(104),37.

[17] 1Pd 4,11. Todas as homilias terminam com essa doxologia.

HOMILIA 2 (LC 1,6)

[1] Jó 14,4-5, pouco distinto da Septuaginta.

[2] Cf. Ef 5,27.

[3] Cf. Ef 4,22; Cl 3,9.

[4] Ef 5,27.

[5] Nessa passagem, Orígenes alude ao pecado original, explicado em seu *Peri Archôn* 2,8,3-4, em função da preexistência das almas, como uma queda de fervor que as almas antes possuíam por causa da contemplação de Deus, como puras inteligências, tendo aí relaxado e tendo sido condenadas a viver encerradas dentro dos corpos.

[6] Cf. Mt 5,28.

[7] Cf. Mt 6,2-4.

[8] Rm 2,29.

[9] Pr 3,4.

[10] Dt 16,20.

[11] Vê-se, nessa passagem, a preocupação de Orígenes em justificar o texto da Escritura em seu teor verbal, levando-o a formar alegorias, procedimento pelo qual, através de minúcias artificiais e arbitrárias, pretende explicar minuciosamente todas as afirmações da Escritura (cf. n. 2, p. 116, na edição de H. CROUZEL *et alii*, SC 87).

[12] 2Cor 5,10.

[13] Rm 14,10.

HOMILIA 3 (LC 1,11)

[1] Cf. *Contra Celso*. Segundo H. CROUZEL *et alii* (SC 87, p. 120, n. 1) a tradução latina de Jerônimo tem menos concisão e clareza que o original grego. No texto grego, *tá aísthetá* (o mundo sensível) se opõe a *tá theia* (mundo invisível dos seres espirituais). O mundo espiritual é marcado pela liberdade. Os sentidos espirituais só se deixam perceber quando eles o permitem.

[2] Primeira referência aos anjos, sobre os quais Orígenes fala também homilias 12 e 13.

[3] Gl 1,4.

[4] Depois da morte, a alma, assim que deixa o corpo e esta terra, eleva-se através dos círculos planetários, até o céu e, depois, aos mistérios supremos da contemplação do Pai, face a face. Segundo o *Peri Archôn*, a alma é colocada sob a condução dos anjos, depois sob a do Cristo, enfim sob a do Pai. Ver H. CROUZEL, SC 87, p. 122, n. 1.

[5] Cf. Mt 5,8.

[6] A contemplação de Deus está reservada unicamente aos corações puros. A bem-aventurança consiste na visão da glória de Deus.

[7] Jo 14,8-9.

[8] Cf. Lc 8,45.

[9] Sobre os dois tipos de visão, ver *hom.* 1,4, acima.

[10] Sb 1,2.

[11] 1Cor 13,12.

HOMILIA 4 (LC 1,13-17)

[1] *Responsáveis por seu nascimento*; em nosso original: *ministri nativitatis*.

[2] Ainda que possa parecer que Orígenes manifeste aqui certo predestinacionismo, trata-se, na verdade, de presciência divina, sem predestinação para o mal.

[3] Alusão a Dt 32,9. O simbolismo dos filhos do sexo masculino só é mencionado, sem maiores comentários, mas há uma alegoria subjacente: os filhos homens de Jacó são sinal de suas boas obras e virtudes, enquanto o fato de ele ter tido uma única filha indica as más ações. Ele é, então, digno de elogios por ter tido mais virtudes que vícios.

[4] A expressão em latim é *opera liberorum* e designa a procriação. Para CROUZEL, SC 87, p. 130, nota 1, há um tom pessimista expresso em *ministerio*, que traduzimos, aqui, seguindo o francês, por “função”, retomado pelo verbo *descenderit*, que traduzimos, também seguindo o francês, por “consentiu em ter filhos e se sujeitou a essa função”. Mesmo reconhecendo o valor do casamento, *ad utilitatem aliorum*, como Orígenes, Jerônimo, em consonância com a patrística em geral, considera-o um estado de vida inferior ao celibato; e traduz certa reprovação da parte de Orígenes à carnalidade da relação conjugal. Já Ambrósio, comentando essa mesma passagem de Lucas, sem trair Orígenes, prefere ressaltar a origem divina e a grandeza do casamento. CROUZEL, *loc. cit.*, considera ser preciso situar esse tom pessimista de Jerônimo no conjunto que se acaba de indicar para atribuir a cada fonte o conteúdo devido.

[5] Embora Deus veja a grandeza de alma de João, no que diz respeito à virtude, sua alma conserva, todavia, alguma pequenez.

[6] Mt 18,10.

[7] Mt 18,6. CROUZEL, SC 87, p. 131, n. 3, assinala que o texto de Mateus sobre o escândalo dos pequenos causou embaraço a Orígenes, que o comenta longamente em seus *Commentaria in Matthaeum*. O pequeno é o cristão que não chegou ainda a um conhecimento de Deus, e não tem firmeza de consciência.

[8] Jo 4,48.

[9] Lc 5,15.

[10] Assim, João é precursor de Jesus desde quando estava no seio de sua mãe, rendendo-lhe testemunho. João Batista representa e resume o Antigo Testamento, do qual é o mais alto cume.

[11] Lc 1,44.

[12] Nessa passagem, Rufino censura Jerônimo de acrescentar a “... *substantiae*” sua expressão “*atque naturae*”. Com isso, Jerônimo amplifica as expressões mais nobres de Orígenes. A censura de Rufino se acha em sua *Apologia* 2,27 [PL 21,606]. Todavia, mesmo sem a amplificação de Jerônimo, a frase tem caráter antignostico, contra os valentinianos, que deviam ver em João Batista um pneumático, tal como esses o entendiam: um ser consubstancial à natureza divina, um ser cujo espírito é o princípio da hipóstase (*substantia*).

[13] A distinção, cujo objetivo poderia ser evitar que se pensasse na transmigração das almas, entre *anima* e *spiritus* se assemelha à tricotomia tradicional desde São Paulo: *corpus, anima, spiritus*, que pode ser conferida em 1Ts 5,23.

[14] *Dispensatio corporis* (a economia da Encarnação) significa o desígnio de Deus, a economia da Salvação. *Dispensatio*, traduzindo o grego *oikonomía*, se aproxima de *mysterium*.

[15] Lc 1,35.

[16] Cf. Is 40,3-4; Lc 3,4-5.

HOMILIA 5 (LC 1,20-22)

[1] Jo 1,1-2.

[2] O contexto, particularmente a partir do parágrafo seguinte, deixa evidente que Orígenes considera as práticas judaicas desprovidas de sentido, sem a Palavra que lhes confere inteligibilidade e realização.

[3] Verdade quer dizer presença de imagens. As festas judaicas são despojadas em relação às de outras culturas. E como o Cristo, a Verdade, manifestou-se, a imagem tornou-se inútil.

[4] Ex 4,10.

[5] Is 1,8.

[6] A rejeição de Israel em favor da salvação dos pagãos retoma a reflexão teológica dos capítulos 9 a 11 da carta aos Romanos.

HOMILIA 6 (LC 1,24-33)

[1] Passada a idade própria para a procriação, os cônjuges não devem ter mais, segundo Orígenes, relações conjugais ou o ato carnal, pois, para ele, o ato conjugal deve servir apenas para a procriação, e isso se torna claro nessa homilia.

[2] Lc 1,44.

[3] Lc 1,65

[4] Mt 1,24.

[5] Isto é, um homem que ainda não tinha tido relações com ela.

[6] *Aos Efésios 19,1*. No *Commentaria in ev. Matthaei 1,1* [PL 26,24A], Jerônimo, como outros Padres da Igreja, retoma o que Inácio de Antioquia desenvolveu acerca da concepção virginal de Maria, fato ocultado ao demônio, e as conveniências desta concepção de Jesus por uma virgem já noiva, como Maria o era de José.

[7] 1Cor 2,6 e Jo 12,31.

[8] Cf. Mt 12,16.

[9] Cf. Lc 4,3-12.

[10] 1Cor 2,6-8.

[11] Mt 8,29. Por causa de sua malícia, os demônios são incapazes de compreender a economia da Salvação. Neles, todavia, há graus de malícia, tanto quanto de desconhecimento. Assim, Orígenes parece considerar, particularmente pelo que se segue, o demônio como de malícia inferior à dos "príncipes deste mundo".

[12] Para Orígenes, a meditação quotidiana das Escrituras é o caminho mais seguro para progredir no caminho da santidade. Para Maria não é diferente, especialmente por seu papel na história da Salvação. A esse respeito, veja-se, por exemplo, sua *Homilia ao Gênesis 11,3*, em tradução para publicação nesta Coleção.

[13] Lc 1,5.

[14] Cf. Jo 3,30.

[15] Jo 5,35.

[16] Sl 19(18),5; pouco distinto da Septuaginta.

[17] 1Cor 1,24. A citação paulina, "força de Deus", seguida pelos Padres Apologistas, indica a vitória de Cristo sobre as potências que mantinham cativa a humanidade aos grilhões do pecado.

[18] 1Cor 5,4.

[19] Nesse texto, é necessário ver o referencial de Orígenes, que se encontra na porção oriental do Império Romano. Para ele, a Bretanha, atual Reino Unido, e a Mauritània, atual Marrocos, aparecem como os limites extremos do Império romano então conhecido.

[20] Cf. Sl 139(138),8.

[21] 1Tm 3,16.

[22] Ef 4,10.

[23] Fl 2,10.

[24] Hb 4,14.

HOMILIA 7 (LC 1,39-45)

[1] Cf. Lc 3,21.

[2] A iniciativa de encontrar o homem vem de Deus. Ainda no seio materno, Jesus nos dá esse exemplo ao ir santificar João Batista, também ainda no seio de Isabel.

[3] O encontro de Maria e Isabel marca a vocação profética de João Batista, a quem a força do Espírito Santo é comunicada.

[4] Subir a montanha guarda o simbolismo do progresso espiritual. Morar nas alturas simboliza um estado de perfeição que equivaleria a contemplar o Logos.

[5] Orígenes tem razão: há manuscritos que atribuem o *Magnificat* a Isabel. A esse respeito, ver R. E. BROWN, *La nascita del Messia secondo Matteo e Luca*, Assisi: Cittadella, 1981, p. 450-453.

[6] Cf. Mt 1,25 e 12,48. No tempo de Jerônimo, provavelmente teria sido esse herege o próprio Helvídio, conforme seu libelo *De Beatae Mariae Virginitate Perpetua contra Helvidium*. Já no tempo de Orígenes, a possibilidade recaía sobre Marcião. Sua identidade, contudo, permanece incerta.

[7] Mt 13,55.

[8] Sobre os "irmãos" de Jesus, ver as explicações de Jerônimo no *Contra Helvidium* 4-7 [PL 23,196C-199] e de Orígenes em seus *Commentaria in Matthaeum* 10,17 [PG 13,876-877].

[9] Jo 14,6.

[10] A menção de catecúmenos indica o endereçamento das homilias a iniciantes, e que provavelmente eram utilizadas na preparação para o batismo. Ver também as homilias 21,4; 22,6 e 32,6.

[11] Cf. Lc 3,8.

[12] Hb 12,23.

[13] *Lectio divina*: leitura da Escritura, antes da homilia, sobre a qual o pregador versa sua mensagem. É diferente do sentido que esta expressão tomará na Idade Média.

HOMILIA 8 (LC 1,46-51)

[1] Cf. Eclo 25,24.

[2] Cl 1,15.

[3] Gn 1,26-27. É claro, ver-se-á em seguida que Orígenes tem em mente o Verbo, "por quem tudo foi feito" (Jo 1,3).

[4] Há dois pontos a ressaltar. O primeiro é que Cristo é a imagem de Deus. O segundo é que o homem foi criado segundo a imagem de Deus, sendo, pois, "imagem da imagem".

[5] Possuir uma virtude como a sabedoria ou a justiça significa participar do Cristo.

[6] Mt 23,33.

[7] Os animais como símbolo das paixões é um tema constante nos discursos heresiológicos, de modo que deles se pode falar de um verdadeiro bestiário.

[8] Dt 4,16-17.

[9] Rm 7,14.

[10] Infelizmente, não as podemos ler, pois essas homilias não se conservaram.

[11] O tópico sobre a humildade da Virgem se deve, provavelmente, ao fato de o auditório de Orígenes, na perspectiva do pensamento grego, não considerar a humildade como uma virtude.

[12] Mt 11,29.

[13] Ausência de orgulho, ou modéstia.

[14] 1Tm 3,6.

[15] Lc 14,11.

[16] Ap 19,16.

HOMILIA 9 (LC 1,56-64)

[1] Lc 1,41.

[2] O sentido do mistério da Visitação se resume nisto: Maria comunica o Espírito Santo a Isabel, que profetiza, enquanto o precursor de Jesus é preparado para o combate espiritual.

[3] Esta observação tem conotação espiritual: João é como os adultos, ele prescinde do leite, não é como as crianças comuns.

[4] Lc 1,80.

[5] 1Tm 4,13.

HOMILIA 10 (LC 1,67-76)

[1] Lc 1,56.

[2] Lc 1,69: "suscitavit cornu (*kéras, -atos,*) salutis", conforme o texto grego. Ver também, abaixo, nota 125.

[3] Rm 1,3.

[4] Is 5,1, conforme a Septuaginta. *Cume* é uma das variadas acepções de *cornu, us* (e seu correspondente grego, ver, acima, nota 123), que, seguindo o francês, assim traduzimos em português.

[5] Sl 24(23),8.

[6] Cf. Jo 8,56.

[7] Cl 1,20.

[8] Cf. 1Cor 15,52.

[9] Cl 1,13.

[10] Lc 1,44.

[11] Lc 1,80.

[12] Cf. At 7,23.30; Ex 2,15ss.

[13] Viver no deserto é o símbolo da conversão, seja para Moisés, que saiu do Egito, para se alimentar do maná e dirigir-se à Terra Prometida, seja para João, que, mais jovem que Moisés, para o deserto se dirige, por ser o maior santo do Antigo Testamento.

[14] Mt 11,11.

[15] Lc 7,27; Ml 3,1.

HOMILIA 11 (LC 1,80-2,2)

[1] Gn 1, 22.

[2] Mt 6,27, conforme o texto grego.

[3] Gn 26,13, conforme a Septuaginta.

[4] Mt 26,41.

[5] Mt 26,41.

[6] Cf. 2Tm 2,3-5.

[7] Cf. Rm 8,7.

[8] Viver no deserto significa uma atitude espiritual, diversas vezes retomada pela Escritura, como lugar da purificação e da familiaridade com Deus. O próprio Jerônimo, como outros, entre os Padres da Igreja, valorizava o deserto como substituto do martírio, dada a sua importância.

[9] Lc 1,41.44.

[10] Lc 1,76.

[11] Convém que se traduza *sacramentum* por mistério, porque o correspondente em grego é *mystérion*.

[12] A solidão e a vida ascética propiciada pelo deserto conduzem a alma a um estado de vida angelical.

[13] Ex 3,4.

[14] Ex 19,19.

[15] Lc 7,28.

[16] Cf. Ex 3,13-14.

[17] Mt 3,4.

[18] Lc 2,4-5.

[19] O fato de Jesus ter sido recenseado no censo ordenado por César Augusto tem o sentido alegórico de sua inclusão no mundo, o que marca a sua igualdade, como homem, a todos os homens, e indica que o sentido de sua Encarnação é operar a unidade de todos os homens em si próprio.

[20] Ap 20,15.

[21] Lc 10,20.

HOMILIA 12 (LC 2,8-12)

[1] A fórmula de Orígenes “Meu Senhor Jesus” marca uma relação pessoal dele com Jesus e um tom de ternura.

[2] 1Cor 3,9.

[3] 1Cor 12,28; Ef 4,11-12.

[4] Cf. Dn 10,13.

[5] At 16,9.

[6] Ver *Peri Archôn* 1,8,1 e 3,4.

[7] A crença no anjo da guarda aparece nos textos cristãos mais antigos dos padres da Igreja, como é o caso aqui de Orígenes. Em sua obra *Peri Archôn*, Orígenes faz detalhada exposição sobre este tema. Orígenes oscila em acreditar se a proteção do anjo da guarda é extensiva a todo ser humano ou se o homem passa a ter um anjo da guarda depois do batismo. A Jerônimo aprovou acreditar que cada alma possui seu próprio anjo da guarda para o guardar.

[8] Esta concepção de que há um anjo bom para atrair o homem para o bem ou um anjo mal para impeli-lo ao mal tem sua origem em certas tradições judaicas. Orígenes lembra, no *Peri Archôn*, que não convém imputar a responsabilidade das más ações ao anjo mau. Em todo caso, o combate do anjo bom com o anjo mau aponta para a importância do tema do discernimento dos espíritos.

[9] Sendo do lugar, é possível que Orígenes se refira a alguma lenda local, cuja origem não identificamos.

[10] Dt 23,7-8, pouco distinto da Septuaginta.

[11] Com a vinda de Jesus, a existência de múltiplas nações deixa de existir, todos os povos são um só numa única Igreja. Após Pentecostes, o que antes era dividido, sob a égide da Torre de Babel, submetida ao ministério dos anjos, passa a ser desde então o Reino de Deus, sob a égide do Senhor Jesus.

[12] Posição normal dos que oram na assembleia cristã: de pé, com as mãos levantadas.

HOMILIA 13 (LC 2,13-16)

[1] Tradução feita segundo as explicações de Orígenes, e não como exigiria o latim da Vulgata de São Jerônimo. Em grego está dito: "eiréne eydokías". Ver a ed. CROUZEL *et alii*, SC 87, p. 206, n. 1.

[2] Cerca de 4,5 ou 5,5 km.

[3] Cf. Jo 6,18-21.

[4] Hb 1,14.

[5] Os médicos do corpo são o símbolo dos médicos das almas. No contexto, são símbolo dos anjos. Todavia, também os profetas são os enviados de Deus para curar a doença de Israel. Mas Cristo, o Verbo de Deus, é o único médico das almas, do qual os apóstolos, os profetas e os anjos são servidores.

[6] Col 1,20.

[7] Mt 10,34.

[8] Jo 14,27.

[9] Orígenes faz uma distinção entre os homens, de um modo geral, e os que são "objetos da benevolência divina". A Escritura não é contraditória, segundo essa distinção de Orígenes. Aos primeiros, cabe o combate espiritual (a espada), aos segundos, que reprimiram o pecado, que fizeram e fazem o possível, a benevolência de Deus.

[10] Sl 127(126),1.

[11] O bispo é a imagem visível do anjo que vela pela igreja da qual está encarregado. A crença de que há um anjo que vela por cada igreja tem seu fundamento nos primeiros capítulos do Apocalipse.

[12] Ap 3,4.

[13] Ap 2,15.

[14] Para encontrar Jesus, é preciso ser solícito e não lento e maldisposto.

[15] José participa da economia da Salvação. Aí o vemos solícito servidor (*Joseph dispensator*) do Salvador que vem ao mundo num estábulo.

[16] Is 1,3.

[17] Is 1,3.

HOMILIA 14 (LC 2,21-24)

[1] >Rm 6,10.

[2] 1Pd 2,22.

[3] Rm 6,8.

[4] Cl 2,9-12.

[5] A referência de Orígenes a Jesus denota sua devoção à sua pessoa, o qual é saudado com profunda emoção.

[6] Fl 2,9.

[7] Orígenes não reconhece o que a teologia dogmática chamará de *virginitas in partu*. Há na noção de impureza, de que se fala no parágrafo, uma mistura de judaísmo (impureza legal) e de platonismo (certo pessimismo com relação ao corpo). Em todo caso, reconhecer em Jesus a existência dessa impureza, desde que sua alma esteja unida a um corpo, é um modo de afirmar o realismo da Encarnação, contra as tendências docetistas, que negavam um corpo material a Jesus Cristo. Nesse sentido, toda essa homilia é um manifesto contra o docetismo.

[8] Jó 14,4.

[9] Is 4,4.

[10] Zc 3,3, referido a Josué.

[11] Segundo Marcião, o corpo de Cristo era pura aparência, enquanto para seu discípulo Apeles era um corpo formado de substância astral. Essas crenças lembram a teoria aristotélica, segundo a qual as almas humanas e os astros-deuses são formados do éter. Mas Orígenes protesta contra essa teoria de Aristóteles, exposta em seu diálogo de juventude *Sobre a filosofia*, citados por Cícero e pelos Padres da Igreja.

[12] Zc 3,3.

[13] 1Cor 15,44.

[14] 1Cor 15,42-44.

[15] Zc 3,3.

[16] Em lugar do corpo etéreo de antes, característico dos anjos, Cristo recebe, como todos os homens, o corpo terrestre, cuja matéria não é causa ou efeito do mal; o mal consiste em apegar-se à carne e ao corpo.

[17] At 2,38.

[18] Jó 14,4.

[19] O batismo das crianças, no tempo de Orígenes, se fazia em tenra idade. Parece que o próprio Orígenes recebeu assim o batismo. Há o pressentimento de que, ao nascer, a criança contraia o pecado original e essa seria uma justificativa do batismo em tenra idade. Mas a impureza de que fala Orígenes nada tem de pecaminoso; por isso nem Cristo, por necessitar de purificação, está isento dela.

[20] Jo 3,5.

[21] Lv 12,2-4.

[22] Rm 7,14.

[23] Hb 10,1.

[24] Segundo a edição de Cruzel, Jerônimo comete um erro de tradução. Segundo seu comentário, Orígenes parece fazer dela uma condição da ressurreição. O trecho de Orígenes é: "*ean anastomen ek nekron deómetha ton mysterion kathaírontos emas*". Na passagem, Orígenes afirma a realidade misteriosa do Purgatório, do qual o Batismo é o sinal sacramental.

[25] Alusão a Marcião e seus discípulos que presumem que o Demiurgo, o Deus criador do Antigo Testamento, não é o Deus que Cristo pregou no Evangelho, do qual Cristo manifestou o Amor.

[26] Gl 4,4.

[27] Gl 4,5.

[28] Sl 78(77),1.

[29] Ex 13,2; Nm 8,9.

[30] Ex 34,23.

[31] No original: "... eo tempore vulva reserata est, quo et partus editus...".

[32] Lc 1,35.

[33] Há aproximação entre Tertuliano e Orígenes quanto ao combate ao docetismo e ao marcionismo.

[34] Sl 22(21),7.

[35] No original: "... *terrenae faecis patiebatur angustias...*".

[36] Sl 22(21),7.

[37] Ex 13,2; Nm 8,9.

[38] Alusão a Nm 22,21ss. A inferioridade da jumenta de Balaão às vítimas oferecidas por Jesus é a excelência do Novo Testamento sobre o Antigo Testamento. A jumenta vê o anjo de Deus e vê também os patriarcas e profetas, enquanto as vítimas do Novo Testamento – as rolas e as pombas – representam a presença do Espírito Santo, o qual possui a Verdade, visto que a Encarnação é uma novidade radical.

[39] Lc 3,21-22.

HOMILIA 15 (LC 2,25-29)

[1] Traduzimos *responsum*, seguindo o francês, por garantia, porque uma resposta vinda do Espírito Santo significa uma certeza, uma garantia.

[2] Lc 8,44.

[3] Tomar Jesus nas mãos sugere o gesto de tomar a Eucaristia, já que os primeiros cristãos recebiam nas mãos o pão consagrado.

[4] A homilia inteira é um transbordamento da ternura de Orígenes pelo Cristo, fato que a devoção ou a piedade cristã irá incorporar ao longo de sua história.

[5] Rm 8,14.

[6] 1Pd 2,5.

[7] Gn 15,15, distinto da Septuaginta.

[8] Fl 4,7.

[9] 2Cor 5,19.

[10] Fl 1,23, pouco distinto do texto grego.

[11] Gl 2,20.

HOMILIA 16 (LC 2,33-34)

[1] Lc 2,8-13.

[2] Lc 2,15.

[3] Lc 2,29-30.

[4] Lc 2,34-35.

[5] Jo 9,39.

[6] Lc 2,34.

[7] Em latim: *latrant*. Em outros tratados de Jerônimo, encontramos com frequência este verbo, que é uma marca estilística de Jerônimo, que tem o hábito de xingar seus adversários.

[8] Rm 16,18.

[9] Dt 32,39.

[10] Quando Orígenes/Jerônimo emprega a expressão “os que ladram contra o Criador”, ele visa Marcião e seus discípulos, que rejeitavam inteiramente o Antigo Testamento. A obra de Marcião *As antíteses* era, segundo Tertuliano, uma obra que visava à separação entre o Evangelho e a Lei (*Adv. Marc.* 4,1 [PL 2,361A]). Mas Jerônimo visa também a Valentino e seus adeptos. Quanto a Orígenes, é a Marcião e os pseudognósticos que ele combate em toda a sua obra. O que sabemos de Marcião nos chegou por fontes indiretas, pelos numerosos escritos de seus opositores, e que ele é do século II d.C. Foi excluído da comunidade de que foi membro em Roma, à qual tinha dado sólido patrimônio, em 144. Fundou, em seguida, a própria igreja, que rapidamente se expandiu. Morreu por volta de 160. Ver DiBERARDINO, *op. cit.*, p. 881.

[11] Dt 32,39.

[12] Orígenes critica os leitores heréticos ou heterodoxos da Bíblia que se utilizam da alegoria para se desincumbir da letra do texto, da sua literalidade. É preciso distinguir o uso da alegoria, quando legítimo, pois o próprio Antigo Testamento está repleto de passagens alegóricas das quais Orígenes faz largo uso. Mas o que precisa ser esclarecido é o seu uso indevido, para se livrar de um texto de difícil e incômoda interpretação, que gera uma interpretação fantasiosa, sem nenhum fundamento na Tradição. O verdadeiro sentido alegórico, enraizado na história, esse é legítimo e, por meio dele, o exegeta deve “preencher” (*adimplere*) os vazios da letra.

[13] Jo 9,39.

[14] Em latim, literalmente: “ser eclesiástico”. Essa expressão geraria confusão no contexto contemporâneo por aludir aos quadros do clero católico. Já naquela época não sucedia tal coisa, significando somente uma aquiescência à ortodoxia da Igreja, uma vez que as heresias pululavam.

[15] Dt 32,39.

[16] O diabo é, para Orígenes, a representação do terrestre, e não Adão. A representação do celeste é Cristo.

[17] 1Cor 15,47-49.

[18] Jo 9,39.

[19] Gn 3,6-7.

[20] Gn 3,7.

[21] Há duas espécies de olhos: os sensíveis ou da cobiça carnal, que servem ao pecado e que eram aqueles com os quais Adão e Eva enxergaram o fruto que comeram, e os que serviram a Adão e Eva antes do pecado.

[22] Ex 4,11.

[23] O olho do corpo ou o da inteligência carnal está submetido à concupiscência, ou à parte inferior da alma.

[24] Cl 2,18, pouco distinto do texto grego.

[25] Deus vem destruir em nós o olhar carnal e restituir a visão aos olhos cegados pelo pecado.

[26] Rm 7,22.

[27] 2Cor 4,16.

[28] O homem exterior é o que vê pelo pecado, e o homem interior é o homem espiritual que enxerga segundo a imagem de Deus. O combate espiritual é o confronto destes dois homens.

[29] 2Cor 4,10.

[30] Cl 3,5.

[31] Mt 24,28.

[32] A etimologia de cadáver apresentada por Orígenes é correta, cf. ERNOUT-MEILLET, *Dictionnaire étymologique de la langue latine*, sob o respectivo verbete, p. 81.

HOMILIA 17 (LC 2,35-38)

[1] José não era o pai legítimo de Jesus, era seu pai de criação. Contudo, nomeá-lo como pai coloca Jesus na descendência de Davi em linha direta, através da sequência de linha paterna da genealogia de Jesus.

[2] Lc 2,33.

[3] Cf. Lc 2,18.

[4] Lc 2,34-35.

[5] Jo 9,39.

[6] Lc 2,34.

[7] 2Tm 2,11.

[8] Rm 6,5.

[9] Lc 2,34.

[10] Segundo a etimologia, Israel significaria “ver Deus”, tendo ganhado outro sentido depois da luta de Jacó (Israel) com o anjo (cf. Gn 32,29).

[11] Lc 2,34.

[12] Os marcionitas recusavam o Antigo Testamento, fonte na qual se acha presente a preparação para a vinda e o nascimento de Jesus, e seu nascimento carnal. Orígenes contesta as teses desse autor e nos apresenta um Cristo que assume um corpo humano em Maria, fato que podemos sentir no texto que ora apresentamos.

[13] As características mais importantes deste grupo são: o fato de terem acolhido Jesus como “simples homem”, viverem segundo a Lei judaica e rejeitarem Paulo (cf. A. DiBERARDINO, *op. cit.*, p. 437).

[14] Os docetistas, ao contrário do que afirma Orígenes, desprezavam, com base em doutrinas platônicas, a verdadeira humanidade de Jesus, importantíssima para a salvação.

[15] Metódio de Olimpo não aceitava as ideias de Orígenes, de quem fora discípulo, sobre a ressurreição da carne, entre outras ideias. Segundo Orígenes, a segunda alternativa é a sua posição, segundo a qual Cristo ressuscitaria com um corpo glorioso.

[16] Jo 20,26.

[17] A espada que transpassa a alma de Maria, vemos que foi o escândalo que Maria teve no momento da crucificação. Como os apóstolos, entre eles Pedro, Maria também esteve exposta a esta fraqueza. Quando São Paulo afirma que todos pecaram (*omnes peccaverunt*), torna-se difícil sustentar a tese da impecabilidade de Maria, bem como entendê-la, embora Orígenes proclame Maria sem pecado. Os Padres da Igreja costumam interpretar esta “espada” como tentação contra a fé.

[18] Mc 14,27, conforme o texto grego.

[19] Cf. Mc 14,29ss.

[20] Rm 3,23.

[21] Mt 26,39.

[22] Sl 32(31),5.

[23] Is 44,22.

[24] Cf. Lc 2,28.

[25] Hb 12,23.

[26] Ef 5,27.

[27] Para Orígenes, o candidato às dignidades eclesiásticas deve se casar uma única vez, porque, segundo ele, o segundo casamento seria um sinal de que a pessoa não dominou suas paixões. Como o Cristo que tem a Igreja como sua única esposa, esse seria o modelo para os membros da Igreja.

[28] 1Cor 1,2.

[29] Ef 5,27.

[30] 1Cor 1,2.

HOMILIA 18 (LC 2,40-49)

[1] Cf. Lc 2,22-24.

[2] Cf. Lc 2,28ss.

[3] Cf. Lc 2,39.

[4] Em Lc 2,39, porém, consta que já tivessem voltado a Nazaré, e o próprio Orígenes dissera, pouco antes, que tinham voltado. É possível, então, que, no ímpeto do discurso improvisado, tivesse se esquecido desse detalhe.

[5] Fl 2,7.

[6] Lc 1,80.

[7] 1Cor 14,30.

[8] Ex 19,19.

[9] Lc 2,48.

[10] Lc 2,49, conforme o texto grego. A "casa de meu Pai" remete ao templo de Jerusalém, prefiguração da Igreja.

[11] Refutação ao marcionismo e à gnose herética.

HOMILIA 19 (LC 2,40-46)

[1] Orígenes alude ao adocionismo, doutrina herética que, para justificar a unidade de Deus, colocava Cristo como adotado do Pai Onipotente e que fazia ou do batismo ou da ressurreição os momentos da deificação de Cristo.

[2] Fl 2,7.

[3] Cf. Jo 8,59 e 10,39.

[4] Lc 2,48.

[5] Mt 1,20.

[6] O sentido verdadeiro é o sentido espiritual. Buscar Jesus é examinar as Escrituras com as buscas que permitam desvendar o seu verdadeiro sentido.

[7] O templo e as Escrituras são os lugares mais propícios para encontrar Jesus. Elas são o sinal da presença de Jesus no mundo. Por esta homilia, e pela anterior, notamos que Orígenes desenvolve muito a propósito a angústia experimentada por Maria e José em busca do filho Jesus, o Filho de Deus. São muito ricos em conteúdo teológico estes textos, bem como atestam a riqueza e o equilíbrio do pensamento do autor, Orígenes.

[8] As perguntas e respostas consistem num gênero literário um pouco artificial, como se percebe, mas difundido entre autores profanos e eclesiásticos. Há catecismos formulados dessa maneira que circulam nas catequese preparatórias para os sacramentos, mesmo no século XX. Na composição dos textos em latim das homilias que apresentamos, a reiteração de verbos como *quaeritur*, *quaerimus* etc. demonstram a pertinência dessa estruturação em perguntas e respostas.

HOMILIA 20 (LC 2,49-51)

[1] Mt 24,1.

[2] Mt 23,38.

[3] A fé de Maria, aparentemente imperfeita segundo esta passagem, só o é aparentemente. A plenitude da graça lhe proporciona também a plenitude das virtudes, visto que, como criatura espiritual, vive numa permanente contemplação do Verbo de Deus. A alegoria das subidas e descidas aludem ao momento da Transfiguração em que Jesus aparece na plenitude de sua gloriosa divindade nas alturas, enquanto, nas descidas para curar os enfermos, não era vislumbrado com olhos espirituais capazes de contemplar sua divindade.

[4] Lc 9,28.

[5] Mt 8,1.

[6] Verdade que encontra aqui sua permanência e atualidade. Na Igreja, as dignidades não dependem do valor pessoal. Lembrar isso pode nos poupar de espantos e atitudes inconvenientes, como a revolta.

[7] Lc 2,52.

[8] Fl 2,7.

[9] Ef 4,14.

[10] 1Cor 13,11.

[11] Ef 4,13.

[12] Gn 15,15.

[13] A velhice faz sentido se acompanhada de experiência espiritual acumulada. Essa ideia se encontra em Pr 20,29, no Eclo 25,3-6 e em Sb 4,8-9. Mais uma vez encontramos em Orígenes fontes de uma genuína espiritualidade bíblica e cristã.

HOMILIA 21 (LC 3,1-4)

[1] João Batista, o último dos profetas, resume o Antigo Testamento, em que o conhecimento de Deus estava restrito à Judeia, e expande esse conhecimento ao mundo inteiro, dilatando suas fronteiras.

[2] Is 1,1.

[3] Am 1,1.

[4] O Evangelho traz-nos um mistério. A partir de sua leitura, devemos, pela meditação diligente e quotidiana, transformar letras e sons em conteúdo espiritual.

[5] Jr 1,1.

[6] Gl 4,27; Is 54,1.

[7] O sentido espiritual da pregação de João Batista no deserto refere-se à mulher abandonada que representaria as nações pagãs privadas do conhecimento de Deus, antes somente propriedade da mulher que tinha marido, no caso, a Lei e a sinagoga judaica. Como João Batista é o precursor de Jesus, que abriu o caminho do conhecimento de Deus a outras nações, a palavra de Deus é dirigida a João Batista, no deserto, com vistas ao futuro do cristianismo.

[8] Trata-se do sentido imediato das palavras, segundo o que Orígenes chama de sentido corporal, que não se pode confundir com o sentido literal, como o chamam os exegetas. No interior do sentido corporal, encontramos o sentido espiritual.

[9] O pecado dos judeus é recusar que o Antigo Testamento se esvaneça diante daquele que João Batista anunciava. O mistério de João Batista é sempre atual.

[10] Jo 5,35.

[11] Jo 1,9.

[12] Jo 3,30.

[13] Insistência de Orígenes sobre as disposições necessárias para a eficácia do sacramento do batismo, que não é um ritual mágico, mas que exige a conversão pela penitência.

[14] Lc 3,8.

[15] Lc 11,4.

[16] Is 40,3.

[17] *Capax, capacitas* – estas palavras significam conter e compreender, lembremo-nos de medidas de capacidade como o litro e suas divisões e multiplicações; implicam uma compreensão espiritual operada pela presença de Deus na alma.

[18] Sb 7,17-20.

[19] O Verbo e a Sabedoria de Deus é a própria pessoa de Jesus Cristo.

HOMILIA 22 (LC 3,5-8)

[1] Lc 3,4.

[2] Em latim, *vicarium suum*, que significa substituto, aquele que faz as vezes de.

[3] É necessário entender montanha, vale, colina e planície com relação à alegoria de ascensão e descida.

[4] Rm 11,11.

[5] Gl 2,20.

[6] Jo 14,23.

[7] O verbo sair reveste muitas vezes em Orígenes um sentido espiritual e indica a primeira etapa da vida cristã, quando "sair" implica sair do mundo, e ascender misticamente ao Cristo. Essa expressão toma um significado mais preciso com a referência explícita ao Livro do Êxodo, quando sair é libertar-se da escravidão no Egito, casa da servidão e do pecado. Há também, pela sequência do texto, a menção de "sair" relativa ao ato de Abraão, a quem Deus diz: "Sai da tua terra".

[8] Gn 12,1.

[9] Os catecúmenos deixam de ser "raça de víboras", se o foram anteriormente, para passarem simbolicamente pela morte de Cristo, pelo batismo, como uma morte ao pecado. Nesse sentido, aproximar-se do batismo é buscar a conversão pessoal, fato totalmente oposto às teorias gnósticas sobre a iniciação e aos mistérios pagãos.

[10] Gn 6,12.

[11] Sl 102(101),27, conforme a Septuaginta.

[12] Rm 2,5.

[13] Gl 5,22-23.

[14] Em latim: lapides *irrationabiles corporeosque*, que, por sua vez, traduz o grego *líthoys apsykhoys*, que traduzimos por "pedras materiais e sem vida".

[15] Sl 115(113),8.

[16] A palavra Razão traduz o latim *Ratione*, que traduz o grego *Lógos*, que é o criador do mundo enquanto causa exemplar e causa instrumental do Pai. É o mesmo *Logos* dos estoicos e aparece também na meditação de São João, no prólogo de seu Evangelho.

[17] Lc 3,8.

[18] Ex 15,16.

[19] Ao se converterem, os pagãos adquirem uma natureza racional (*rationabilis natura*), pela sua participação ao *Lógos* que corresponde ao latim *ratio*.

HOMILIA 23 (LC 3,9-12)

[1] Lc 3,7.

[2] Lc 3,8.

[3] Cf. Rm 11,17.

[4] Mt 10,10.

[5] Lc 16,13; Mt 6,24.

[6] Cl 3,9;10.

[7] No original, consta "*Porro quaeritur, quomodo iuxta hanc interpretationem iubeatur nobis non habenti tribuere vestimentum*". Veja-se a última nota da Homilia 19 (p. 147), sobre as perguntas e respostas na literatura eclesíastica, sobretudo.

[8] Orígenes, apesar de tentar uma explicação espiritual das Escrituras, não deixa de se ater aos preceitos evangélicos concretos, de usar apenas uma roupa e não usar sandálias. Ora, Orígenes vivia em extrema pobreza, observando os preceitos evangélicos ao pé da letra, andando descalço, sem usar sandálias, assim como sabemos que ele se mutilou para observar o preceito evangélico de que há aqueles que se tornam eunucos por causa do reino dos céus.

[9] No original grego, o texto é mais claro e designa o diabo como "aquele que nada tem de bom e não possui Deus".

[10] Mq 7,19.

[11] Segundo o sentido imediato, é necessário dividir a comida com quem não tem. Segundo o sentido oculto, faz-se necessário dar ao diabo o que é vil, de baixa importância. Sobre os três temas tratados na homilia (a roupa, a comida e os publicanos), o procedimento exegético de Orígenes segue a ordem de, primeiramente, expor o sentido imediato (*simplex intelligentia*), para, em seguida, revelar o sentido espiritual (*profundior intellectus, sacrate intelligendum est*).

[12] Em que há anagogia, passagem do sentido literal ao místico (cf. HOUAISS, 2008, p. 201).

[13] Preocupação de Orígenes com a recepção de seus textos e com a esperada compreensão aprofundada deles.

[14] Jo 14,30.

[15] Rm 13,7-8.

[16] Toda esta passagem faz alusão aos supostos direitos do diabo sobre a alma do pecador. Pela sua obra redentora, Jesus Cristo ter-nos-ia resgatado do pecado, pagando a Satanás a dívida relativa ao pecado.

[17] Gn 31,32.

[18] Gn 31,33.

[19] Dt 32,1.

[20] Sl 138(137),1.

[21] Sl 148,4-5.

[22] Sl 148,2.

[23] Sl 103(102),22.

[24] Ap 2,1-4.

[25] Ap 2,12-14. Sobre os anjos e a dupla hierarquia, visível e invisível, ver a homilia 13, e sobre a crença no anjo da guarda, a homilia 12.

[26] Mt 18,10.

[27] 1Cor 11,10.

[28] Jo 1,51.

[29] 2Rs 6,17.

[30] Fl 2,10-11.

HOMILIA 24 (LC 3,16)

[1] Lc 3,15.

[2] O batismo do Antigo Testamento é a figura da travessia do Mar Vermelho, enquanto o batismo do Novo Testamento é no rio Jordão, rio da Encarnação, sendo que Jordão significa "descida" (cf. Homilia 21,4).

[3] At 1,5.

[4] O Pentecostes é, para Orígenes, o batismo dos Apóstolos.

[5] Gn 3,24.

[6] Para Orígenes, segundo uma concepção comum aos primeiros séculos, o Paraíso era representado cercado de um rio de fogo. As almas serão purificadas por este fogo; esta concepção é bíblica, ainda que possa conter ressonâncias míticas, como o rio dos infernos que é necessário atravessar para chegar aos Campos Elíseos. Para Orígenes, a espada flamejante simboliza o Purgatório, que queima o que resta consumir, mas permite passar aquele que pode entrar.

[7] Jo 3,5.

HOMILIA 25 (LC 3,15)

[1] Orígenes quer, sobretudo, ressaltar que não se deve exagerar no amor mais do que o valor de uma pessoa, concedendo-lhe o lugar de Deus. É o que podemos observar em toda homilia. *Ordinata caritas* é o amor que Cristo recomendou à sua Igreja, entre seus membros. O que às vezes se observa é uma *inordinata caritas*, fruto do pecado. No pensamento medieval, a *ordinata caritas* ocupará lugar de destaque.

[2] Mt 3,4.

[3] Seguindo rigorosamente esses conselhos, Orígenes se absteve de vinho e de tudo que era supérfluo para se alimentar durante longos anos, a ponto de afetar sua saúde.

[4] Rm 14,21.

[5] Lc 1,80.

[6] Lc 3,25s.

[7] Oposição recorrente entre deserto e cidade, cf., acima, *Homilia 11*.

[8] Mt 3,4.

[9] Era assim que pensavam algumas seitas judaicas. Santo Efrém, o sírio, morto em 373 d.C., no século IV, faz ainda alusão a isso.

[10] 2Cor 12,6-7.

[11] Várias vezes mencionado por Orígenes, erroneamente Jerônimo faz dele o chefe dos saduceus (*Contra Luciferianos* 23 [PL 23,178B]), mas a seita dos saduceus é mais antiga que ele. Pode ter havido vários personagens com o nome de Dositeu.

[12] Cf. At 5,37.

[13] Mt 20,21.

[14] Jo 14,16-17.

[15] Jerônimo e Orígenes foram objeto de ódio e calúnia de inimigos, e o próprio Orígenes já defendia o sentido alegórico das Escrituras, sabendo que, com isso, seria alvo de ódio e calúnia.

[16] Ecl 7,16.

[17] Lc 10,27.

[18] Cl 1,15.

[19] Rm 8,38-39.

HOMILIA 26 (LC 3,17)

[1] Jo 4,24.

[2] Dt 4,24.

[3] *Spiritus* traduz o grego *pneuma*. A tradução portuguesa comporta dois sentidos para *spiritus*. De um lado, "espírito" propriamente dito, de outro "sopro". Se, por um lado, *pneuma* é uma das manifestações do poder de Deus, o fogo será outra. Orígenes estuda nesta homilia estes dois símbolos da presença de Deus, que podem também se aplicar aos anjos.

[4] Sl 104(103),4; Hb 1,7.

[5] Lc 12,49.

[6] 2Cor 3,16.

[7] Jo 4,24; 2Cor 3,17.

[8] Lc 12,49.

[9] Dt 32,22.

[10] Lc 3,16.

[11] O fogo consumirá as impurezas dos pecadores e aclarará e abrasará de amor os justos.

[12] As tentações permitidas por Deus têm por finalidade experimentar a fidelidade do crente.

[13] A tentação para pôr à prova a fidelidade dos crentes é tipicamente bíblica. Por exemplo, em Jt 8,25-27.

[14] Jó 40,3.

[15] Dt 8,3-5.

[16] Mt 7,24-25.

[17] 1Cor 10,4.

[18] Homilia pronunciada talvez alguns meses antes da deflagração da perseguição de Maximino, iniciada em 235. É nessa época que Orígenes compôs sua "Exortação ao Martírio", pequeno tratado inflamado, confirmando os cristãos no propósito de não fraquejar.

[19] A renegação momentânea, ato de um único instante, manifesta uma renegação interior, é sinal de um estado de vida que revela a história pessoal do indivíduo.

HOMILIA 27 (LC 3,18-22)

[1] Jo 20,30.

[2] Jo 21,25.

[3] Lc 7,28.

[4] Essa passagem rememora o conceito de *parresía*, palavra grega que significa “confiança infalível”, que é um dom do Espírito Santo aos profetas, depois aos apóstolos, com o qual se pode falar com franqueza e inteira liberdade, sem temer ameaças, provações, calúnias e nem mesmo a morte. Essa mesma palavra grega era aquela empregada para definir a atitude de Diógenes, o Cínico, da escola cínica grega. É curiosa essa coincidência, que nos faz pensar na filiação dos profetas aos conceitos do cinismo.

[5] Mt 11,3.

[6] 1Pd 2,22; Is 53,9.

[7] Sl 68 (67)19; Ef 4,8.

[8] Jo 20,22-23.

[9] Mt 10,16.

[10] Sl 55(54),7.

[11] Sl 68 (67),14.

HOMILIA 28 (LC 3,23-28; MT 1,1-17)

[1] Na genealogia de Jesus de Mateus, a relação é descendente, a partir do patriarca Abraão até Jesus, no início de seu evangelho. Já a genealogia de Lucas, colocada no capítulo 2, depois da narrativa do batismo de Jesus, parte de Jesus até chegar a Deus, tem, portanto, ordem ascendente. Os nomes das duas genealogias são diversos.

[2] Rute, por exemplo, não pecou, como as mulheres mencionadas nesta passagem. Apenas é uma estrangeira, e, com isso, faz entrever a universalidade da salvação, também oferecida aos pagãos, à gentilidade.

[3] A referência a esta mulher é constante em Orígenes, e vê-lo falar assim dela causa surpresa. Ela representa, para nosso autor, a imagem da Igreja e é um símbolo da conversão dos gentios que recebem Jesus.

[4] 2Cor 5,21.

[5] Cf. 1Rs 11,6ss.

[6] 1Rs 14,21ss.

[7] 1Rs 15,26.34, *passim*.

[8] Orígenes confunde Natã, filho de Davi e ancestral de Jesus, segundo Lc 3,31, com Natã, o profeta que reprovou a Davi seu adultério, em 2Sm 12. É comum esse tipo de confusão; Orígenes parece deixar-se levar pelo ritmo de sua pena e, entusiasmado com o simbolismo espiritual que ele obtém como efeito, atropela-se com as referências bíblicas que deveriam ser exatas.

[9] Conforme o texto grego.

[10] Ex 12,2.

[11] O batismo de Jesus é concebido como o começo da sua vida pública, como um segundo nascimento e o começo de sua vida verdadeira como o Salvador. O livro do Êxodo é invocado tipologicamente como a narrativa do começo da vida do povo hebreu, que se dirigia à terra prometida. No texto grego, Orígenes se refere a todo cristão que recebe o batismo, não apenas o Cristo, como aparece na tradução de Jerônimo. Veja-se a tradução do texto grego: "Aquele que não recebeu ainda o batismo nem sequer começou; aquele que é batizado começou".

[12] Gn 41,46.

[13] Figura se refere ao sentido figurado ou a figura do símile que é a semelhança entre duas pessoas ou duas realidades diferentes. As realidades do Antigo Testamento figuram-se como realidades que se cumprirão em Jesus Cristo, na Nova Aliança.

[14] Passagem muito citada por Orígenes em outras obras para se referir ao castigo infligido aos judeus, que não têm mais profetas que lhes falem de Deus.

[15] Am 8,11.

[16] Situação em que, consignada nos tempos apostólicos, segundo as tradições de quem foi testemunha ocular dos atos e missão de Jesus, a Palavra do Novo Testamento permanece como um registro eterno para o enriquecimento espiritual dos cristãos.

[17] Sl 22(21),23.

[18] Gessen ou Goshen (geografia antiga): região do baixo Egito, residência dos imigrantes israelitas até a época do Êxodo. Região situada na parte oriental do delta do Nilo, entre as cidades de Heliópolis, Tanis, Mendes, Bubastis. Os hebreus imigrados para o Egito no tempo de José fizeram sua estada aí até a época do Êxodo, e construíram a cidade de Pithom.

[19] O frumento ou o trigo, sendo o frumento um trigo refinado e especial, prefigura, além do pão, a Eucaristia, que é o sacramento através do qual Jesus se torna alimento do Verbo para as almas. "O homem não vive apenas de pão, diz a Escritura, mas de toda palavra que sai da boca de Deus". A palavra ou o Verbo é, pois, alimento.

[20] 1Cor 5,7.

HOMILIA 29 (LC 4,1-4)

[1] At 2,4.

[2] Em Jesus, o Espírito Santo repousa de modo duradouro, enquanto nos profetas e apóstolos ele vem, mas o pecado destes não permite que ele repouse como em Jesus.

[3] Um sextário equivale a meio litro; a urna, a treze litros; e a ânfora vale duas urnas.

[4] Rm 8,14.

[5] Lc 4,2.

[6] Jo 21,25.

[7] Lc 11,11.

[8] Mt 4,3.

[9] Dt 8,3; Mt 4,4.

[10] Fórmula que gerou muita polêmica em séculos posteriores ao de Orígenes. O "*assumptus homo*" em Orígenes encontra, pelo menos, o seguinte eco: ele reconhece a unidade e a distinção das naturezas.

[11] Jo 1,14.

[12] Mt 1,1.

[13] Aqui se entende a condição humana como a mortalidade. Jesus, tendo vencido a morte, pela ressurreição, manifesta gloriosamente sua divindade.

[14] Lc 4,13.

[15] Rm 6,9.

[16] Trata-se da semelhança reservada à beatitude final e à divinização perfeita. O progresso espiritual é a passagem da imagem à semelhança.

[17] Jo 3,2.

HOMILIA 30 (LC 4,5-8)

[1] Rm 6,12.

[2] Esta homilia disserta sobre o combate que Jesus trava com os poderes adversos. Com isto, também resta subentendido o combate espiritual que todo batizado deve travar contra as redes e as tentações do diabo.

[3] Fica evidente que mundo aqui é uma forma de metaforizar o combate que ocorreu na alma de Jesus. Desta forma, fica sugestiva a imagem do mundo como a visão interior que se descreve como uma visão do mundo inteiro.

[4] Jo 12,31 e 16,11.

[5] Dt 6,13.

[6] Rm 6,12.

HOMILIA 31 (LC 4,9-13)

[1] Dt 6,16.

[2] Sl 91(90),11-12.

[3] A letra mata, mas Orígenes recomenda cuidado no trato com as Sagradas Escrituras, aconselhando que se verifique a intenção de quem se utiliza da Palavra de Deus, pois o diabo, como se vê nesta homilia, também se utiliza dos textos bíblicos para enganar e para matar. É preciso mesmo cuidado com os hereges. Não é o caso de São Paulo, que sempre visa à edificação de seus ouvintes, seja com textos da Escritura, seja com textos profanos.

[4] As outras obras são os livros profanos, dos quais se falará mais adiante. A astúcia do demônio consiste em utilizar para fins escusos a autoridade da Escritura. Este tema é o do demônio disfarçado em anjo de luz.

[5] Cf. Mt 7,15.

[6] São Jerônimo (*ep.* 70,2) apregoa o direito para os cristãos de recorrer aos autores pagãos, em razão da sua "beleza de estilo". Jerônimo, que empreendeu a tradução da Bíblia, com o intuito de melhorar a qualidade e o estilo do texto, é do pensamento de que os autores profanos têm uma mestria mais apurada no gosto estilístico. Mas essa simpatia pelos autores profanos, também partilhada nos meios cultos de Alexandria, como Justino e Clemente, não se aplicava aos apologistas, como Taciano, Tertuliano e Hipólito, rigoristas no sentido de oposição à tendência de autorizar as fontes humanísticas da cultura pagã.

[7] Tt 1,12, citando Epimênides.

[8] At 17,28 citando Arato, *Phenon*, 5.

[9] 1Cor 15,33, citando Menandro.

[10] Hb 1,5-7; Sl 2,7.

[11] Sl 104(103),4.

[12] Essas palavras do Pai são dirigidas unicamente a seu Filho, aos anjos não lhes foi dito nada como se fosse dirigido a filhos.

[13] 1Cor 6,3.

[14] Lc 10,18.

[15] Sl 91(90),1.

[16] Sl 91(90),7-8.

[17] Sl 91(90),13.

[18] Basilisco é um tipo de serpente, animal fabuloso, cujo olhar e cujo bafo tinham o poder de matar. Vem do grego *basilískos*, diminutivo de *basileýs*, daí nossa tradução para régulo, diminutivo de rei (*basileýs*). A áspide é uma serpente europeia, de corpo marrom com estrias negras no dorso que, em regiões mais frias, pode hibernar por longos períodos. Informações colhidas em HOUAISS, 2008, páginas diversas.

[19] Alusão à lenda segundo a qual o basilisco podia matar com o bafo e com o olhar.

[20] Lc 10,19.

[21] Como os hereges na representação de Jerônimo em sua "Apologia contra os livros de Rufino", através de um extenso bestiário, os demônios também são representados com figuras de animais.

[22] Cf. Hb 10,29.

[23] Sl 91(90),13.

[24] Lc 10,19.

HOMILIA 32 (LC 4,14-20)

[1] Lc 4,1-2.

[2] Exemplo do cuidado que tem Orígenes em que nada do texto bíblico seja negligenciado.

[3] Em nossas assembleias, tanto quanto sucedia em seu tempo, o mistério de Cristo se torna atual pelo duplo movimento espiritual: interiorização e universalização.

[4] A palavra *sinagoga* aplica-se ao povo judeu, mas ficam implícitas a expansão do cristianismo e a inclusão de outros povos e, por extensão, as assembleias cristãs em que se anuncia o Evangelho de Jesus Cristo.

[5] Is 61,1.

[6] Lc 12,6-7.

[7] Aqui ocorre uma figura de retórica chamada "a communi" (*apò koinoy*) que se refere ao fato de que não se transcreve na segunda parte de uma proposição uma palavra já enunciada e que se aplique a essa segunda parte. Na frase em questão, trata-se do verbo anunciar, que se aplica também aos "cegos".

[8] A assembleia cristã é, segundo seu espírito, a nova sinagoga, é o Israel novo, e os cristãos, os verdadeiros israelitas.

[9] Interpretação mística da parte de Orígenes deste versículo do Salmo: a face do contemplador transfigurada pela luz de Deus, do mesmo modo que sucedia com Moisés, iluminado pela glória de Javé.

[10] Sl 4,7.

HOMILIA 33 (LC 4,23-27)

[1] A falta de verossimilhança no texto de Lucas é aqui percebida por Orígenes. A exegese atual explica que isso foi um procedimento de composição que São Lucas utilizou. Lucas coloca as visitas a Nazaré no começo do ministério de Jesus. É por esta razão que estes não podem censurar Jesus por não ter realizado em Nazaré os milagres realizados em Cafarnaum, porque, na sequência, ele ainda não esteve em Cafarnaum.

[2] As duas cidades simbolizam os dois povos no seio da Igreja.

[3] Rm 11,25-26.

[4] Cf. Jr 11,21.

[5] Cf. 1Rs 17,9.

[6] Am 8,11.

[7] Is 54,1.

[8] Mt 15,22.

[9] 1Cor 10,18.

[10] O Eliseu espiritual é o Cristo que nos purifica da lepra do pecado pelo batismo. Mais uma vez, Cristo realiza o que havia sido predito pelos profetas e por Moisés.

[11] 2Rs 5,10.

[12] A cura de Naamã, figura do batismo, será tema das catequeses nos Padres da Igreja.

[13] 2Rs 5,14.

[14] Tt 3,5.

HOMILIA 34 (LC 10,25-37)

[1] Cf. Dt 6,5.

[2] Cf. Lv 18,5.

[3] Dt 6,4-5.

[4] Mt 22,40.

[5] A menção de um presbítero é a indicação da antiguidade da tradição a que a exegese dessa parábola está associada. Teófilo de Antioquia, Irineu de Lião, Tito de Bostra são alguns nomes de uma cadeia exegética em que encontramos comentários dessa parábola.

[6] Para todo homem, a descida do Paraíso (aqui representada pela cidade alta, Jerusalém, para a cidade baixa, Jericó), representa a queda. Com o Cristo, sucede o mesmo, ele desce do Pai até se encarnar em Maria. Nesse sentido, ele desceu para salvar a humanidade, pelo mistério de sua Encarnação redentora.

[7] Mt 15,24.

[8] Veja-se a diferença da descida de Cristo e a de Adão. Cristo, por obediência ao Pai, desce para salvar a humanidade. Adão, por sua vontade, em seu livre-arbítrio, escolheu a queda, quis descer por vontade própria.

[9] Jo 10,8.

[10] Sl 121(120),4.

[11] Jo 8,48.

[12] Is 1,6.

[13] Sl 104(103),15.

[14] Mt 8,17; Is 53,4.

[15] Mt 11,28.

[16] Por esse fragmento da homilia, fica clara a interioridade mútua do Pai e do Filho, que é um modo de afirmar a unidade da natureza divina, para Orígenes.

[17] 1Cor 4,16.

HOMILIA 35 (LC 12,58-59)

[1] Lc 12,57.

[2] A concepção gnóstica da corrupção total da natureza humana é aqui refutada por esta afirmação de Orígenes, segundo a qual o homem possui uma capacidade inata para julgar o bem e o mal.

[3] Orígenes pede com frequência a seus ouvintes que rezem a Deus e peçam-lhe ajuda para compreender as passagens difíceis da Escritura.

[4] O grego *árchon* pode ser traduzido, como aqui, em *príncipe*, ou em *magistrado*, mais frequente em nossas bíblias.

[5] Pouco distinto do texto grego.

[6] Mt 5,25.

[7] Mt 18,10.

[8] Referência não a crianças, no sentido físico, mas a fiéis comuns.

[9] Os anjos serão julgados por Deus tanto quanto os homens sê-lo-ão.

[10] O conhecimento do mistério dos anjos está reservado a quem é um perfeito cristão, como fruto de especial iluminação e faz parte dos mistérios aos quais somente um perfeito cristão pode ter a iniciação e o acesso, que está reservado a quem tem perfeito conhecimento de Jesus e das Escrituras.

[11] Dt 32,8-9.

[12] Dn 10,20-21.

[13] O anjo das nações é, com certeza, um demônio, um anjo decaído, oposto ao Cristo. Na homilia 12,3, os anjos das nações, representados pelos pastores, eram anjos bons, que se regozijavam com o nascimento de Jesus.

[14] Afirmação da universalidade da Igreja católica, que, assim o é etimologicamente, universal, quando todas as fronteiras são abolidas.

[15] O Cristo é esse juiz único, singularizado pelo uso do artigo "o".

[16] 1Cor 10,18.

[17] Nessa homilia, vemos refutadas certas interpretações gnósticas acerca do juízo final e daí decorre a sua dificuldade. Para a gnose heterodoxa, o homem não poderá jamais sair do aprisionamento dos anjos, sobretudo do anjo mau. Orígenes busca reforçar sua crença na liberdade do homem para desvencilhar-se do poder das forças adversas.

[18] Aqui são relacionadas as quatro virtudes cardeais.

[19] Is 62,11.

[20] Tg 4,4.

[21] Jo 14,6.

[22] Mt 25,33.

[23] Mt 10,32-33.

[24] Mt 18,24.

[25] Enquanto a tradução latina não diferencia "*minutum*" (centavo) e "*quadrans*" (quarto de asse), na língua grega, a palavra "*minutum*" (em grego *leptón*), que aparece em São Lucas, significa um pecado leve, enquanto que "*quadrans*" (em grego, *kodrántes*), que aparece em São Mateus, representa um grande número de pecados. Para entender bem esta homilia, esta distinção faz-se necessária. Os diferentes graus de moedas também referendam a diferença de gradação entre os diversos pecados. Assim vejamos os valores: o *leptón* ("*minutum*", centavo) é a metade de um "*quadrans*" (quarto de um asse), o óbolo é a sexta parte de uma dracma. A dracma, moeda grega, equivale a um denário, moeda romana. O talento equivale a seis minas, a mina vale cem dracmas, e a dracma a dez ou quatro sestércios. O estáter é igual a quatro dracmas, e o "*nummus*" (escudo), dois asses e meio. Dados colhidos em H. CROUZEL *et alii*, SC 87, p. 425, n. 2.

[26] Pr 17,6a, conforme a Septuaginta.

[27] Mt 18,24.

[28] Cf. Mt 25,15ss; Lc 19,13ss.

[29] Is 3,12.

[30] Rm 13,7.

[31] Lc 7,41-42.

[32] Lc 7,48.

[33] Is 6,10.

HOMILIA 36 (LC 17,33.20.21)

[1] A palavra "*anima*" (alma) não deve ser tomada aqui no sentido filosófico do termo, segundo a origem do vocabulário grego do Novo Testamento e o que pode carregar de dualismo platônico, de alma vs. corpo, mas deve ser entendido como "vida", segundo a antropologia hebraica de corpo – alma – espírito, segundo, portanto, uma divisão tripartida. Assim, deve-se separar o pensamento grego do pensamento hebraico, e não cair, como muitas vezes sucedeu com as concepções heréticas, as quais Jerônimo combateu, em toda a sua obra, que seguiam a inspiração da filosofia platônica, segundo a qual a alma estava encerrada no corpo como em um cárcere.

[2] Mt 10,28.

[3] 1Cor 2,14.

[4] 1Cor 15,44.

[5] 1Cor 6,17.

[6] Rm 6,12.

HOMILIA 37 (LC 19,29-40)

[1] Cf. Dt 18,3.

[2] Is 30,6.

[3] Os pecados são representados por figuras de animais. Isso sucede com Orígenes, a quem esta imagem é comum; também a Jerônimo o emprego do bestiário, sobretudo para representar as heresias, é muito recorrente. O homem espiritual é o homem verdadeiramente humano, despojado das aparências animais como homens-cavalos, homens-serpentes etc.

[4] Mt 6,24.

[5] A montanha, aqui o Monte das Oliveiras, é o lugar que lembra, de modo simbólico, o monte Tabor, onde Jesus se transfigurou diante de seus apóstolos e estes puderam contemplar a divindade de Jesus, através de sua humanidade. A planície é o lugar aonde acorrem as multidões.

[6] As pedras representam os pagãos, assim representados em alusão aos ídolos de pedra forjados por eles.

[7] Lc 3,8.

[8] Mt 24,12.

[9] Lc 18,8.

HOMILIA 38 (LC 19,41-45)

[1] Não apenas o Antigo Testamento, mas também o Novo Testamento apresenta mistérios, dos quais se faz necessário que penetremos seu sentido oculto, apesar de sua aparente simplicidade, sobretudo se se atém ao sentido imediato.

[2] Mt 5,4.

[3] Mt 11,29.

[4] Mt 5,9

[5] Ef 2,14.

[6] Mt 5,10.

[7] Mt 5,5.

[8] A Jerusalém é a figura da Igreja, esta comunidade construída com pedras vivas, e também a figura de nossa alma. Nós somos a Jerusalém, se tivermos o conhecimento dos mistérios.

[9] Retomada aqui do combate espiritual e da luta contra as potências contrárias.

[10] Ez 18,24.

[11] Com a expulsão dos vendilhões do templo, torna-se patente, através do gesto de Jesus, a abolição da Lei e do culto judaico, em favor do culto dos pagãos, que creem em Deus, no Cristo. Esse gesto simboliza nossa purificação interior para preparar-se para ser a morada de Deus, no templo de nossas almas.

[12] Cf. Lc 15,11ss.

[13] Cf. Mt 15,27.

[14] Lc 11,31.

[15] Jo 6,35.

[16] Rm 11,22.

HOMILIA 39 (LC 20,27-40; 20,21-26)

[1] Para os saduceus, a morte física representa o fim das funções biológicas, bem como de qualquer atividade espiritual posterior. Com o corpo, morrem também a alma e o espírito.

[2] Fábula, no latim *fabula*, pode significar tanto uma história imaginada quanto uma história falsa. No vocabulário de Jerônimo, tem o duplo sentido, mas, no mais das vezes, refere-se a uma história verdadeira.

[3] Do mesmo modo, como os judeus faziam com o Cristo, nos últimos tempos de sua vida terrestre.

[4] Mt 22,29-30.

[5] Sl 1,2.

[6] O desconhecimento dos profetas, por parte dos saduceus, decorre do fato de que recebiam apenas os cinco livros do Pentateuco, daí a natural incompreensão da obra profética.

[7] Is 65,23.

[8] Dt 7,13.

[9] At 9,15.

[10] Ef 1,3.

[11] Sl 128(127),3-5.

[12] Gl 4,26.

[13] Mt 22,29.

[14] 1Cor 15,49.

[15] Jo 12,31.

[16] A imagem de César, príncipe do Império Romano, é a imagem do "príncipe deste mundo" ou o diabo. Aí fica patente o sofrimento da Igreja, submetida a perseguições à margem da sociedade romana, fiel ao Deus único e submetida à idolatria.

[17] Mt 22,19

[18] 1Cor 15,49.

[19] Dt 10,12.

[20] Cf. Lc 19,11-27.

Hildegarda de Bingen

Scivias

(Scito Vias Domini)

Conhece os caminhos do Senhor



Scivias

de Bingen, Hildegarda

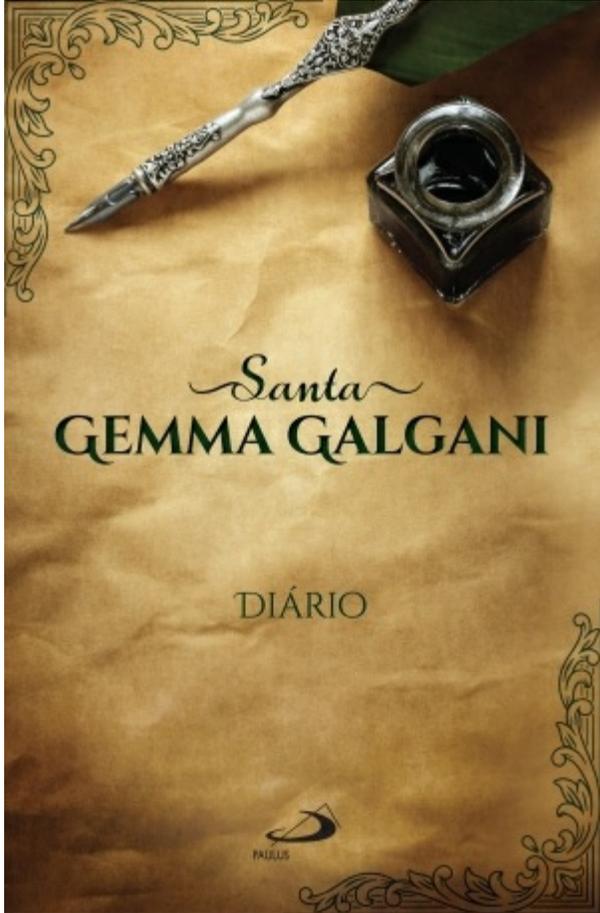
9788534946025

776 páginas

[Compre agora e leia](#)

Scivias, a obra religiosa mais importante da santa e doutora da Igreja Hildegarda de Bingen, compõe-se de vinte e seis visões, que são primeiramente escritas de maneira literal, tal como ela as teve, sendo, a seguir, explicadas exegeticamente. Alguns dos tópicos presentes nas visões são a caridade de Cristo, a natureza do universo, o reino de Deus, a queda do ser humano, a santificação e o fim do mundo. Ênfase especial é dada aos sacramentos do matrimônio e da eucaristia, em resposta à heresia cátara. Como grupo, as visões formam uma summa teológica da doutrina cristã. No final de Scivias, encontram-se hinos de louvor e uma peça curta, provavelmente um rascunho primitivo de Ordo virtutum, a primeira obra de moral conhecida. Hildegarda é notável por ser capaz de unir "visão com doutrina, religião com ciência, júbilo carismático com indignação profética, e anseio por ordem social com a busca por justiça social". Este livro é especialmente significativo para historiadores e teólogas feministas. Elucida a vida das mulheres medievais, e é um exemplo impressionante de certa forma especial de espiritualidade cristã.

[Compre agora e leia](#)



Santa Gemma Galgani - Diário

Galgani, Gemma

9788534945714

248 páginas

[Compre agora e leia](#)

Primeiro, ao vê-la, causou-me um pouco de medo; fiz de tudo para me assegurar de que era verdadeiramente a Mãe de Jesus: deu-me sinal para me orientar. Depois de um momento, fiquei toda contente; mas foi tamanha a comoção que me senti muito pequena diante dela, e tamanho o contentamento que não pude pronunciar palavra, senão dizer, repetidamente, o nome de 'Mãe'. [...] Enquanto juntas conversávamos, e me tinha sempre pela mão, deixou-me; eu não queria que fosse, estava quase chorando, e então me disse: 'Minha filha, agora basta; Jesus pede-lhe este sacrifício, por ora convém que a deixe'. A sua palavra deixou-me em paz; repousei tranquilamente: 'Pois bem, o sacrifício foi feito'. Deixou-me. Quem poderia descrever em detalhes quão bela, quão querida é a Mãe celeste? Não, certamente não existe comparação. Quando terei a felicidade de vê-la novamente?

[Compre agora e leia](#)



DOCAT

Vv.Aa.

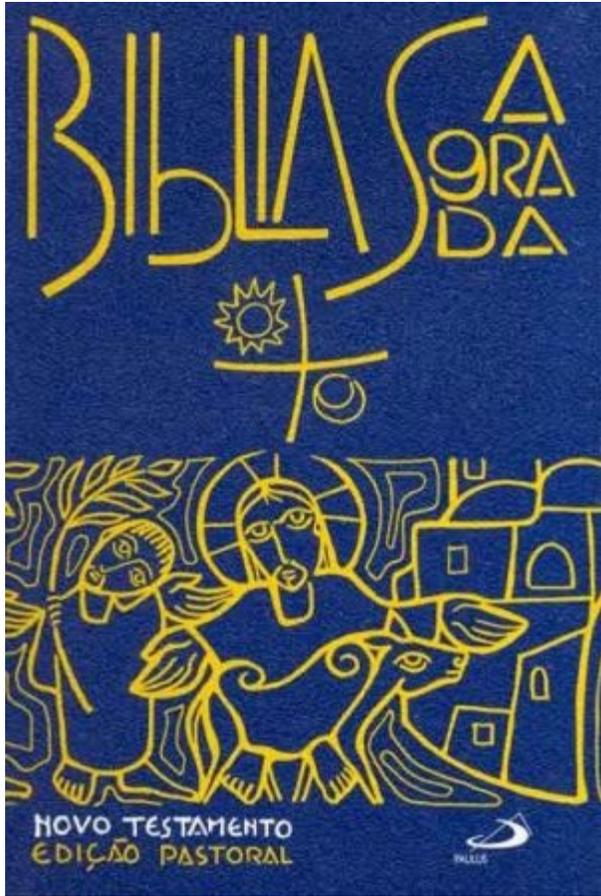
9788534945059

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Dando continuidade ao projeto do YOUCAT, o presente livro apresenta a Doutrina Social da Igreja numa linguagem jovem. Esta obra conta ainda com prefácio do Papa Francisco, que manifesta o sonho de ter um milhão de jovens leitores da Doutrina Social da Igreja, convidando-os a ser Doutrina Social em movimento.

[Compre agora e leia](#)



Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral

Vv.Aa.

9788534945226

576 páginas

[Compre agora e leia](#)

A Bíblia Sagrada: Novo Testamento - Edição Pastoral oferece um texto acessível, principalmente às comunidades de base, círculos bíblicos, catequese e celebrações. Com introdução para cada livro e notas explicativas, a proposta desta edição é renovar a vida cristã à luz da Palavra de Deus.

[Compre agora e leia](#)

LEE MARTIN McDONALD

A origem da Bíblia

Um guia para os perplexos



A origem da Bíblia

McDonald, Lee Martin

9788534936583

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Este é um grandioso trabalho que oferece respostas e explica os caminhos percorridos pela Bíblia até os dias atuais. Em estilo acessível, o autor descreve como a Bíblia cristã teve seu início, desenvolveu-se e por fim, se fixou. Lee Martin McDonald analisa textos desde a Bíblia hebraica até a literatura patrística.

[Compre agora e leia](#)

Índice

Rosto	2
Apresentação	6
Introdução	8
Prólogo da tradução de São Jerônimo	15
Começa a homilia primeira	17
Homilia 1 (Lc 1,1-4)	17
Homilia 2 (Lc 1,6)	20
Homilia 3 (Lc 1,11)	23
Homilia 4 (Lc 1,13-17)	25
Homilia 5 (Lc 1,20-22)	27
Homilia 6 (Lc 1,24-33)	29
Homilia 7 (Lc 1,39-45)	33
Homilia 8 (Lc 1,46-51)	36
Homilia 9 (Lc 1,56-64)	39
Homilia 10 (Lc 1,67-76)	41
Homilia 11 (Lc 1,80-2,2)	44
Homilia 12 (Lc 2,8-12)	47
Homilia 13 (Lc 2,13-16)	50
Homilia 14 (Lc 2,21-24)	53
Homilia 15 (Lc 2,25-29)	58
Homilia 16 (Lc 2,33-34)	60
Homilia 17 (Lc 2,35-38)	64
Homilia 18 (Lc 2,40-49)	69
Homilia 19 (Lc 2,40-46)	72
Homilia 20 (Lc 2,49-51)	75
Homilia 21 (Lc 3,1-4)	78
Homilia 22 (Lc 3,5-8)	81
Homilia 23 (Lc 3,9-12)	85

Homilia 24 (Lc 3,16)	89
Homilia 25 (Lc 3,15)	90
Homilia 26 (Lc 3,17)	93
Homilia 27 (Lc 3,18-22)	95
Homilia 28 (Lc 3,23-28; Mt 1,1-17)	98
Homilia 29 (Lc 4,1-4)	101
Homilia 30 (Lc 4,5-8)	104
Homilia 31 (Lc 4,9-13)	106
Homilia 32 (Lc 4,14-20)	109
Homilia 33 (Lc 4,23-27)	112
Homilia 34 (Lc 10,25-37)	114
Homilia 35 (Lc 12,58-59)	118
Homilia 36 (Lc 17,33.20.21)	124
Homilia 37 (Lc 19,29-40)	126
Homilia 38 (Lc 19,41-45)	128
Homilia 39 (Lc 20,27-40; 20,21-26)	131
Bibliografia	134
Coleção Patrística	135
Ficha Catalográfica	137
Notas	138